

NESTA EDIÇÃO:

Noticlário da INTERCOM - IV Ciclo de Estudos: Inscrições abertas / Presidente da INTERCOM integra conselho de revista latinoamericana / Amplia-se intercâmbio com organizações internacionais

Notícias das Escolas - FACOS / FIUB / UNAERP / IMS / MMC / FCSC / UFSC / PUCAMP / ECA-USP / UNICAMP / UFM / UNB / UFSM / UFPE / UCMG / UNIMEP

Ensino - Reunião das Escolas Católicas de Comunicação / CFE faz pesquisa junto aos cursos de comunicação / Entrevista: mais antigo jornal-laboratório / Proibido curso de jornalismo por correspondência

Pesquisa - Moral e Cívica na Televisão; o caso maranhense / O economês na imprensa de Porto Alegre

Comunicação Popular - Julião: poeta de cordel / O Carnaval na América Latina / Visão popular do sexo, segundo Liedo

Veículos - Nova fase da Revista de Cultura Vozes / Globo Repórter: novas idéias, velhas barreiras / Os 60 anos da Folha de São Paulo / O IBOPE é obstáculo para o rádio / 1º ano da TV Mulher / Reação negativa às novas redes de televisão

Tecnologia - Brasil já produz videocassete / Comunicações práticas por cabos submarinos

Profissões - Jornalistas processados em SC, MG e PR / UNESCO debate credenciamento de correspondentes estrangeiros / Notícia: o homem que morde cachorro / FUNAI estuda publicidade com índios

Arte - Art-door nas ruas do Recife / Bienal de São Paulo tem problemas

Comunicação Internacional - TV Norte-Americana: perspectivas para os anos 80 / A despedida de Cronkite / TV: novo sucesso chinês / Hachette muda de dono / Intensificada a censura no Chile / IPI condena UNESCO

Gente - Os mortos de março / Portella foi ministro e é acadêmico / Garcia Marques deixa a Colômbia

Noticlário Geral - Tribuna da Imprensa: a ditadura vai acabar, nós não! / Exército cria Centro de Comunicação / Governo Figuelredo não tem política para a cultura

Censura - Censura vai mudar? / Dentel ameaça estações de rádios / Revistas apreendidas em São Paulo

Especial - Documento Básico do IV Ciclo de Estudos da INTERCOM: Comunicação, Hegemonia e Contra-Infomação

Documento - Manifesto em Defesa dos Cursos de Comunicação



INTERCOM

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Rua Augusta, 556
01305 São Paulo
CGC 51201093/0001-53



BOLETIM

INTERCOM

MARIDA KUNSCH

Boavas, 119 - Brooklin

2 São Paulo - SP

29

DIA NACIONAL DE LUTA EM DEFESA E PELA MELHORIA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO

5 de junho

Participe dos eventos promovidos pelo EMDECOM — Movimento em Defesa dos Cursos de Comunicação, como forma de manifestar o seu protesto contra o projeto em tramitação no CFE que pretende extinguir os cursos de graduação em comunicação social.

O EMDECOM é um Movimento que reúne entidades estudantis, associações docentes, faculdades de comunicação, sindicatos profissionais e instituições culturais vinculadas à pesquisa da comunicação. O Dia Nacional de Luta em Defesa e pela Melhoria dos Cursos de Comunicação será precedido de uma Semana de Defesa dos Cursos de Comunicação, com atividades programadas em todas as escolas de comunicação do país.

Para obter informações sobre o EMDECOM dirija-se à rua Augusta, 555 - São Paulo - SP, CEP: 01305

Noticiário da INTERCOM

DIRETORIA DA INTERCOM REÚNE-SE

A diretoria da INTERCOM reuniu-se com o Conselho Fiscal no dia 26 de março para um balanço das atividades da entidade e de sua situação financeira. Ficou clara a necessidade de todos os sócios colaborarem com a INTERCOM para que ela possa continuar a prestar os seus serviços regulares. A situação financeira da entidade não é ruim, mas também não deixa margem a folgas. A edição do Boletim mensalmente acarreta uma despesa fixa considerável que precisa ser saldada. Como as fontes de renda da INTERCOM resumem-se ao pagamento das anuidades e das taxas de inscrição para os certames por ela promovidos, fica evidente a fundamental importância que os sócios têm na manutenção do equilíbrio financeiro da Sociedade. A diretoria estabeleceu que o Boletim INTERCOM passará a aceitar anúncios. Se qualquer dos sócios tiver conhecimento de livrarias, editoras ou qualquer outra empresa que queira anunciar em nosso Boletim, pode notificá-la da nossa disposição em aceitar publicidade e encaminhá-la para a INTERCOM. A diretoria também decidiu, com base na consulta aos sócios realizada nos últimos meses, que as reuniões mensais de estudos serão retomadas a partir do segundo semestre, nos sábados pela manhã, na sede da entidade. Por maioria esmagadora, os sócios que responderam à consulta da diretoria manifestaram-se favoráveis às reuniões de estudo.

SEMINÁRIO DE MAIO: A CRIANÇA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nos dias 1 e 2 de maio, no Colégio São Luís (Rua Haddock Lobo, 400 - São Paulo), a INTERCOM promove o seu I Seminário de Comunicação Educativa, tendo como tema - Produção Cultural para Crianças. O evento pretende fazer um diagnóstico e uma reflexão sobre o conjunto das manifestações da indústria cultural dirigidas à criança. Já confirmaram sua participação os seguintes pesquisadores/produtores: Ana Mae Barbosa, Celso Pinheiro Rodrigues, Fanny Abramovitch, Ilo Krugli, Ingrid Dormien, Jayme Cortez, Maria Rita Kehl, Mirna Pinsky, Tatiana Belinky. O seminário está sendo coordenado pelos sócios Edmir Perrotti, Luiz Fernando Santoro e Roberto Peres Queiroz. As inscrições estão abertas a sócios e não-sócios e podem ser feitas na ABI/INTERCOM - Rua Augusta, 555 - sobre-loja, São Paulo - SP.

SEMINÁRIO DE JUNHO: PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO POPULAR

Nos dias 20 e 21 de junho, no Instituto Sedes Sapientiae (Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes - São Paulo), realiza-se outro seminário promovido pela INTERCOM. Trata-se do I Seminário de Teoria e Pesquisa da Comunicação cuja finalidade será debater e sistematizar as experiências de comunicação popular, detectando seus obstáculos, dificuldades e limita-

ções. O temário do encontro engloba três aspectos: a comunicação para as classes trabalhadoras; a participação das classes trabalhadoras em práticas de comunicação popular sob a hegemonia dos intelectuais; a comunicação das classes trabalhadoras. A coordenação do evento vem sendo feita pelos sócios: Regina Festa, Isaac Epstein, Rhea Sylvia Gartner e Jerusa Pires Ferreira.

CICLO DE SETEMBRO: INSCRIÇÕES E DOCUMENTO BÁSICO

O IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que a INTERCOM promove em setembro, de 4 a 7, na Via Anhanguera, KM 26, na Casa Santa Fé, tem como tema central - Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação. A coordenação geral do ciclo ficará sob a responsabilidade de Carlos Eduardo Lins da Silva. O temário já está definido, faltando apenas a confirmação dos expositores convidados. A lista dos expositores será divulgada no Boletim de maio. O documento básico, elaborado pelos sócios Ana Maria Fadul, Carlos Eduardo Lins da Silva, Luiz Fernando Santoro, está reproduzido integralmente na parte final deste Boletim. Quanto às inscrições, que incluem não apenas a participação no ciclo, mas também o alojamento e as refeições durante os três dias de duração, foram fixadas em: Cr\$ 3.500,00 (sócios) e Cr\$ 5.000,00 (não sócios). Esses preços valem para a pré-inscrição: até o dia 31 de julho. Após essa data haverá um acréscimo de Cr\$ 1.000,00. Assim sendo, providencie sua inscrição com antecedência e beneficie-se da taxa reduzida. Os formulários de inscrição serão distribuídos aos sócios em maio.

SECRETÁRIO DA CELADEC MANTÉM CONTACTO COM A INTERCOM

Esteve em São Paulo, na segunda semana de março, o Rev. Luis Reinoso, Secretário-Geral da CELADEC, que manteve contacto com o Prof. José Marques de Melo, presidente da INTERCOM, acertando alguns detalhes sobre a participação daquele organismo ecumênico no IV Ciclo de Estudos da INTERCOM. A CELADEC é um órgão da Coordenação Ecumênica Latinoamericana, sediado em Lima - Peru.

PRESIDENTE DA INTERCOM INTEGRA CONSELHO DE REVISTA LATINOAMERICANA

A convite do CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina - e da Fundação Friedrich Ebert, o Presidente da INTERCOM, Prof. José Marques de Melo, passará a integrar o Conselho de Redação da revista CHASQUI, que assumirá, a partir de agora, uma dimensão efetivamente latino-americana. Para participar da primeira reunião do Conselho da revista, o Presidente da INTERCOM viajou para Quito - Equador, na semana de 6 a 11 de abril, onde manteve contactos que ampliarão as relações continentais da nossa Sociedade. Maiores detalhes no próximo Boletim.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO: ESTÁ NO PRELO Nº 3

Nos anos de 1978 e 1979, a INTERCOM conseguiu publicar a Bibliografia Brasileira de Comunicação, inventariando a produção editorial brasileira sobre comunicação e assuntos afins. Infelizmente, por escassez de recursos, em 1980 não se conseguiu manter a periodicidade anual, inicialmente pretendida. Agora, porém, sairá o nº 3 daquela publicação, reunindo o que se publicou no país em 1979 e 1980. A edição já está no prelo e estará circulando dentro de 60 dias. Registre-se que tal edição só se tornou possível pelo apoio recebido do Instituto Metodista de Ensino Superior, que financiará parte dos gastos de reprodução. Como tem acontecido regularmente, os sócios da INTERCOM receberão o nº 3 da BBDC de forma gratuita. Para os não-sócios e bibliotecas, o exemplar poderá ser obtido ao preço de Cr\$ 1.000,00. Desde já estamos recebendo reserva de exemplares, uma vez que a tiragem, apesar de aumentada, não é muito grande. Lembramos que a BBDC é uma obra de referência útil aos professores que pretendam manter atualização bibliográfica dos cursos que ministram e indispensável às bibliotecas para orientar as decisões de ampliação do acervo. Como na edição anterior, a Bibliografia registra não apenas a ficha de cada obra, mas oferece também um abstract que procura captar o conteúdo central da publicação.

BOLETIM INTERCOM: DESCULPAS AOS LEITORES

A última edição do Boletim INTERCOM bateu o recorde em erros de revisão. Temos procurado evitar tais falhas, mas é difícil encontrar pessoal disponível para produzir as matrizes com perfeição. O nº 28, contudo, chegou à beira da calamidade, com frases truncadas, empastelamento de materiais, erros gramaticais, supressão de palavras, letras trocadas etc.etc. Ao reconhecer a deficiência só nos resta pedir desculpas aos leitores. E dizer que vamos tomar providências para melhorar a produção editorial, evitando a repetição de fatos dessa natureza. Contamos com a compreensão de todos.

DESLIGAMENTO DE SÓCIOS

Como acontece anualmente, na Assembléia Geral que se realizará em junho, serão considerados desligados do quadro social da INTERCOM os sócios em atraso com a Tesouraria. Essa parcela é reduzidíssima. Contudo, fazemos um apelo àqueles que se enquadram nessa categoria (sócios em débito) para atualizarem sua situação. Para tanto, basta enviar cheque de Cr\$ 1.500,00 correspondente a cada exercício em atraso.

ALAIC INICIA INTERCÂMBIO COM A INTERCOM

Patrícia Anzola, secretária-geral da ALAIC - Associação Latinoamericana de Pesquisadores da Comunicação, escreve de Bogotá ao presidente da

INTERCOM, remetendo o nº 4 da "Carta Informativa ALAIC" e agradecendo o recebimento do "Boletim INTERCOM". Anzola manifesta o interesse da ALAIC em prosseguir o intercâmbio documental com a INTERCOM. Na publicação daquela sociedade, há a informação de que na assembléia realizada em meados de 1980, foi eleita nova diretoria, presidida pelo pesquisador venezuelano Oswaldo Capriles. A "Carta Informativa ALAIC" é editada no México, tendo como encarregado o jornalista Jorge Andrés Richards. Para os que desejarem solicitar a publicação o endereço é o seguinte: Apartado aéreo 85-025, México 20, DF, México.

"VIDEO-FORUM" QUER PUBLICAR ARTIGOS DE PESQUISADORES BRASILEIROS

"Video-Forum" é uma revista venezuelana dedicada a difundir trabalhos de pesquisadores sobre cinema e televisão, especialmente, mas não de modo exclusivo, numa perspectiva semiológica. A revista é editada pela Academia Venezuelana de Ciências e Artes do Cinema e da Televisão. O coordenador-geral da publicação, Oscar Moraña, escreve à INTERCOM, propondo intercâmbio de experiências e documentos, e ao mesmo tempo solicitando colaborações para VIDEO-FORUM. Os sócios que tenham artigos, pesquisas e outros trabalhos sobre cinema e televisão poderão enviar seus originais para: Apartado nº 19, 388, Qta. Crespo, Caracas 101, Venezuela.

BOLETIM INTERCOM: Nº 27 REPERCUTE NO PERU

De Lima, Peru, escreve o Coordenador do Programa Continental de Comunicação da CELADEC (Comisión Evangélica Latino Americana de Educacion Cristiana), Prof. Alfredo J. Paiva, para dizer que repercutiu bem o nº 27 do Boletim INTERCOM, que contém matérias referentes à vida política e cultural daquele país. Em sua carta, diz Alfredo Paiva: "creo bueno señalarle que en el número 27 del Boletim INTERCOM encontramos dos notas que nos parecieron muy acertadas desde la perspectiva local: me refiero a la que analiza el encuentro de las Escuelas de Comunicación, por una parte y por otra a la que comenta el caso de la prensa peruana".

Noticiário dos sócios

ISMAR DE OLIVEIRA SOARES (SP) - Foi escolhido paraninfo pelos formandos de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Metodista de SBC, turma de 1980.

CARLOS ALVES MULLER (RS) - Efetuou viagem de estudos ao México e Nicaragua.

ANTONIO DAVID PROTTI (SP) - Aprovado no Exame de Qualificação para o Mestrado em Comunicação na Metodista - SBC, dedicando-se agora à preparação da dissertação que tem como tema a comunicação impressa do espiritismo brasileiro, especialmente a literatura psicografada.

CICILIA PERUZZO (ES) - Aprovada no Exame de Qualificação para o Mestrado em Comunicação na Metodista - SBC. Sua dissertação tratará das peculiaridades sociais e econômicas da atividade de realções públicas nos modos de produção capitalista e socialista.

MIGUEL DE ABREU ROCHA (SP) - Aprovado no Exame de Qualificação para o Mestrado em Comunicação na Metodista - SBC. Sua dissertação analisará aspectos da comunicação operária no ABC paulista.

JOSÉ MARQUES DE MELO (SP) - Publicou um novo livro pelas Edições Loyola - Telemânia, anestésico social, reunindo artigos e comentários sobre a questão da televisão e da indústria cultural no panorama da cultura brasileira. / A convite da nova diretoria da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero retornou ao corpo docente do Curso de Pós-Graduação, ministrando neste semestre um seminário sobre "Comunicação de Massa".

VERA LUCIA SALLES (SP) - Defendeu tese de mestrado na ECA-USP sobre "João Ribeiro como Jornalista Científico - 1895-1934". A banca examinadora que a aprovou foi constituída pelos professores doutores Virgílio Noya Pinto (orientador), José Marques de Melo e Celia Berretini.

DIONEIA MANCUSO (SP) - Aprovada no exame de qualificação para o mestrado em comunicação na Metodista - SBC. Sua dissertação terá como tema o teatro jesuíta e sua função ideológica e social na cultura brasileira do período colonial.

MARIO ERBOLATO (SP) - Foi confirmado no cargo de Coordenador do Departamento de Jornalismo da PUCAMP, que vinha exercendo interinamente desde fins do ano passado.

MARIA DO SOCORRO NÖBREGA (SP) - Iniciou a pesquisa para a tese de doutoramento que defenderá na ECA-USP, tendo como tema a linguagem da crônica.

SARA CHUCID DA VIA (SP) - Assumiu a função de editora da revista "Comunicações & Artes", publicada pela ECA-USP.

JEANNE MARIE INTERLANDI (SP) - Está ministrando, no curso de pós-graduação da ECA-USP, seminário sobre a incidência da ciência da linguagem na prática do jornalismo.

ROGÉRIO CADENGUE (RN) - Escolhido paraninfo dos formandos de Jornalismo da UNAERP (Ribeirão Preto).

JACI MARASCHIN (SP) - Proferiu conferência no Ciclo de Estudos sobre

"Fê e Ideologia", promovido pela UNIMEP, em Piracicaba, na última semana de março.

ANTONIUS JACK ESCOBAR (SP) - Recebeu bolsa da FAPESP para realizar a pesquisa final da sua tese de doutoramento, a ser defendida junto ao Departamento de Filosofia da USP.

J.S.FARO e ARMANDO AZZARI (SP) - Foram homenageados pelos formandos de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social do IMS - SBC (turma de 1980).

LUIZ FERNANDO SANTORO (SP) - Passou a integrar o corpo docente da Faculdade de Comunicação Social Ancântara Machado (FIAM), onde leciona "Televisão e Radiodifusão".

RHEA SYLVIA GARTNER (RS) - Retornou do Rio Grande do Sul, onde esteve realizando pesquisas para a sua tese de doutoramento.

LUIZ BELTRÃO (BR) - A convite da Universidade Federal do Maranhão vai coordenar, em maio, um seminário sobre jornalismo em São Luís do Maranhão.

JERUSA PIRES FERREIRA (SP) - Passou a integrar, na Faculdade de Comunicação da FAAP, a equipe da disciplina "Teoria da Comunicação", coordenada por Isaac Epstein. Sua colaboração refere-se ao desenvolvimento das unidades gramaticais sobre comunicação popular.

EDVALDO PEREIRA LIMA (SP) - Reassumiu suas funções docentes na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, depois de um afastamento de dois meses. Nesse período, esteve visitando a Índia.

SEBASTIÃO ESQUIRRA (SP) - Foi eleito chefe do Departamento de Jornalismo da FIAM. Em janeiro, realizou visita profissional ao Rio Grande do Norte, onde manteve contactos com pessoas ligadas à televisão universitária daquele estado.

DIRCEU FERNANDES LOPES (SP) - Foi aprovado no seu exame de qualificação para o mestrado na ECA-USP. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Cândido Theobaldo e Modesto Farina. Até novembro, deverá defender sua tese, que trata da contribuição do jornalismo empresarial para a política de prevenção de acidentes no Brasil.

ANDRÉA GUARACIABA (RN) - Assumiu a regência da disciplina Sistemas de Comunicação no Brasil do curso de Jornalismo da UFRN.

ROBERTO PERES DE QUEIROZ E SILVA (SP) - Assumiu a regência das disciplinas Redação e Edição e Paginação, Revisão e Arquivo na UNAERP (Ribeirão Preto). Teve publicado na revista Leopoldianum, seu artigo "Video-espeelho: uma nova opção de linguagem para grupos minoritários".

Notícias das Escolas de Comunicação

FACOS - A Faculdade de Comunicação de Santos está editando um boletim oficial "Informativo FACOS", que "nasce da necessidade de estabelecer um canal oficial de comunicação com o público interno". Na primeira edição, que circulou em março, o boletim informa que o número de vagas da Faculdade será reduzido, em 1982, de 180 para 150. Registra também que novo prédio da Faculdade estará pronto dentro de 120 dias.

FIUB - As Faculdades Integradas de Uberaba (MG), que mantêm há algum tempo um curso de Comunicação Social, com habilitações em PP e RP, absorveram o Curso de Comunicação (habilitação em Jornalismo) das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino. A partir de 1981, Uberaba passa a ter apenas um Curso de Comunicação, coordenado pela Profa. Valdevez Gil Junqueira.

UNAERP - O Curso de Comunicação Social da UNAERP (Ribeirão Preto-SP) contratou novos professores em 1981, dentre os quais três sócios da INTERCOM - Manoel Morán, Antonio Cerqueira de Moura e Roberto Peres Queiroz.

IMS - Os alunos do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, conquistaram os três primeiros prêmios do Concurso de Campanhas Publicitárias promovido pela APP (Associação Paulista de Propaganda), realizado em 1980. Os membros da comissão julgadora elogiaram o bom nível dos trabalhos apresentados. / Por decreto presidencial o IMS foi reconhecido como entidade de utilidade pública federal, completando assim o reconhecimento que já obtivera dos governos municipal e estadual.

UMC - A Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Mogi das Cruzes (SP) tem novo diretor: o historiador Olavo Leonel Ferreira. A diretoria administrativa do Prof. Ferreira é conceder autonomia aos departamentos no atendimento às questões docentes e discentes.

FCSC - O Diretor da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (SP) Erasmo de Freitas Nuzzi está preparando a programação da Semana Cásper Líbero, evento cultural daquela instituição, previsto para maio. / No Curso de Pós-Graduação, o Prof. José de Freitas Nobre está orientando um grupo de alunos para a preparação de um levantamento histórico da imprensa

sa brasileira, com vistas a futura publicação.

UFSC - O Curso de Jornalismo da Universidade de Santa Catarina continua editando publicações avulsas sobre temas da comunicação. As últimas edições tratam da posição dos estudantes daquela universidade diante da nova legislação das telecomunicações, bem como enfocam a questão da nova ordem internacional da comunicação.

PUCAMP - O Coordenador do Departamento de Jornalismo da PUC de Campinas, Prof. Mario Erbolato, está realizando uma consulta às escolas de comunicação sobre a questão do estágio de jornalistas. Segundo a observação daquele coordenador há uma discrepância entre a legislação que regulamenta a profissão (que proíbe estágios não remunerados) e a resolução do CFE sobre o currículo de comunicação (que torna obrigatório o estágio em empresas jornalísticas).

ECA-USP - Está em fase final de edição o documentário referente à Semana de Arte/Ensino, promovida em 1980, sob a coordenação de Ana Mae Barbosa. / Em outubro, estarão reabertas as inscrições para os programas de doutoramento em comunicações e artes, iniciados no ano passado. / A Congregação decidiu abrir concurso público para cargo docente junto à disciplina "Semiologia da Imagem".

UNICAP - Os formandos de 1980 do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, que colaram grau no dia 21 de fevereiro, publicaram um convite singular. Tratou-se de um jornal-convite, denominado Última Edição, que, além das informações convencionais sobre a festa de fim de curso, trouxe uma análise nada otimista da situação do mercado de trabalho naquele Estado. A turma era composta por 26 "focas", dos quais 70% tiveram que recorrer ao crédito educativo para concluir o curso.

UFM - O Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão está programando a realização, possivelmente em julho, de um curso de aperfeiçoamento, em nível de pós-graduação, para os graduados por aquela instituição e pelas universidades dos vizinhos Estados nordestinos.

UNB - O Prof. Venício Artur de Lima, do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, publicou, pela Editora Paz e Terra, a tese de doutoramento que defendeu, em 1979, na Universidade de Illinois (USA). A edição brasileira se chama - Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire.

UFMS - O Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (RS) liberou, a partir deste semestre, dois professores para

realizarem estudos de pós-graduação. Luis Carlos Grassie, ex-coordenador do Curso, vai fazer Mestrado em Cinema em Nova Iorque; Jorge Castegna-o está em São Paulo inscrito no Mestrado em Metodologia da Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior.

UFPE - O Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco realizou, em fevereiro, um curso de extensão universitária, ministrado pelo Prof. Jomard Muniz de Brito, sobre "Dinâmica da Comunicação".

UCMG - A Faculdade de Comunicação Social da Universidade Católica de Minas Gerais será a entidade anfitriã do VII Congresso Latinoamericano de Imprensa Católica e da 2ª Reunião de Escolas Católicas de Comunicação da América Latina. Os eventos serão realizados no período de 29 de abril a 3 de maio no Noviciado Santíssima Trindade, em Belo Horizonte.

UNIMEP - O Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de Piracicaba (SP) conta com um novo integrante no seu corpo docente. Trata-se do pesquisador social Hugo Assmann, recentemente contratado por aquela universidade. Assmann assumiu a regência da disciplina "Teoria da Comunicação", onde desenvolve programa relacionado com as experiências de comunicação popular na América Latina.

Ensino

AMÉRICA LATINA: REUNIÃO DAS ESCOLAS CATÓLICAS DE COMUNICAÇÃO

Na década de 60 foi criada uma entidade latino-americana que reunia as escolas católicas de comunicação. Tratava-se da FECLAEP - Federação Latino-americana de Escolas Católicas de Jornalismo, órgão vinculado à UCLAP - União Católica Latino-Americana de Imprensa. Agora, existe uma tentativa para recuperar a entidade, reencetando suas atividades. A concretização desse projeto ocorrerá em Belo Horizonte, no período de 29 de abril a 3 de maio, no Noviciado da Santíssima Trindade - Rua Me. Cândida, s/n. - Vila Paris - durante o VII Congresso da União Católica Latino-Americana de Imprensa. O certame está sendo coordenado pelo Frei Clarencio Neotti, vice-presidente da UCLAP, e conta com a colaboração da Faculdade de Comunicação Social da UCMG. Dentre as conferências previstas destacam-se:

1. O compromisso da comunicação social na evangelização da América Latina (Eduardo Luchía-Puig);
2. A formação de professores para as escolas de Jornalismo (Elvo Clemente);

3. Liberdade de pensar e liberdade de dizer (Emílio Filippi); A comunicação a serviço do homem latino-americano (Luís Ramiro Beltrán). Estarão presentes representantes dos diversos países da América Latina, além do Secretário-Geral da União Católica Internacional de Imprensa (UCIP) e do atual Presidente da UCLAP.

CFE FAZ PESQUISA SOBRE ENSINO DE COMUNICAÇÃO

O CFE está distribuindo às escolas de comunicação um questionário que objetiva colher subsídios para as decisões a serem tomadas por aquele órgão com relação à estrutura do ensino de comunicação no país. Duas questões avultam na sondagem:

- a) a mudança do nível dos cursos de comunicação (se permanecem ao nível de graduação ou se passam para pós-graduação);
- b) a questão do currículo mínimo de comunicação social.

Além disso, o questionário pretende fazer um diagnóstico da estrutura dos respectivos cursos, conhecendo as instalações e equipamentos disponíveis, a titulação do corpo docente, o regime de dedicação, o número de vagas, etc. Diz o Presidente da Comissão que analisa o problema, Prof. Julio Garcia Morejón, que as respostas deverão ser encaminhadas a Brasília até o dia 20 de junho deste ano. Segundo informações divulgadas pela imprensa, um outro questionário está sendo remetido às empresas de comunicação para que enviem também as suas sugestões. O que parece estranho, nessa sondagem do CFE, é a limitação das opiniões apenas aos dirigentes dos cursos e aos empresários da comunicação. A contribuição dos professores e alunos das escolas de comunicação figura optativamente, pois deverão ser encaminhadas pelos diretores das faculdades. Como os professores e os alunos não são consultados diretamente, a sua manifestação dependerá da benevolência das autoridades acadêmicas.

PÚBLICO LEITOR NÃO É BANCA EXAMINADORA

Tem sido muito comum, nos últimos tempos, a publicação de livros universitários que foram objetos de trabalhos de pós-graduação (mestrado ou doutorado). Quase sempre, os autores divulgam suas obras sem lhes dar o caráter de livros, pela própria natureza destinados a um público mais amplo. E ao conservarem na versão editorial a mesma estrutura de tese tornam a publicação inacessível ao público não acadêmico. Reflexão dessa natureza vem de ser feita por Moacir Werneck de Castro, ao comentar (FSP, 29/03/81), e o livro de Miriam Gondfelder - Por trás das ondas da Rádio Nacional (Rio, Paz e Terra, 1981). Pela justeza das suas considerações, vamos transcrevê-las a seguir:

"Hoje no Brasil se publicam muitas teses. Em regra, tal como o trabalho foi apresentado na universidade, lá vai ele para o prelo. É uma prática, que exige do público leitor uma intensa mobilização de defesas contra os vícios do academismo. Para o jovem candidato a mestre, defender tese equivale a pagar um pesado tributo. Diante dele, feroz, às vezes inquisitorial está a banca examinadora. É preciso que o candidato demonstre farta sapiência: não o saber haurido nas fontes da vida, mas no universo cinzento da teoria, da erudição livresca. Isso impõe todo um ritual. O material que foi objeto da pesquisa não há de ser interpretado apenas de forma racional e judiciousa, para mostrar que o pretendente não é um simples compilador de fatos e informações. Não: deve inserir-se num contexto teórico. E aí, na caça a teoria para o conúbio supostamente enobrecedor, é que a coisa fica às vezes pitoresca. (...) Uma tese em busca de aprovação deve usar abundantemente notas de pé de página e expressões como leitura, discurso, reflexão, proposta, conceptualização. Em vez de captar ou descobrir, diz-se recuperar. Em vez de aparelho, aparato. Em vez de reles como, diz-se enquanto (do francês en tant que). Em vez de promover, acionam mecanismos, transformando écriture numa entidade tabeliada. Em suma, a tese acadêmica está obrigada a revestir-se de uma armadura erudita e pedantesca da qual os candidatos não têm como se livrar. Faz parte das convenções irremovíveis, dos dogmas sagrados da vida universitária. No entanto, para que a tese seja entregue ao público não há nenhuma necessidade desses penduricalhos complicadores. Já houve casos em que eles foram postos de lado e a tese reescrita, por iniciativa do próprio autor ou do editor. O que é preciso é que o autor não tenha pena de largar o seu lastro, de se desfazer dos andaimes (a expressão é de Darcy Ribeiro) com que montou a catapulta que há de jogá-lo dentro dos muros da universidade".

O SECRETÁRIO QUE CONFUNDIU SUA PASTA...

O Secretário da Educação do Estado, Luiz Ferreira Martins, deve ter pensado que estava à frente da pasta da Segurança Pública, ao invés da Educação. Ainda um dia desses, um grupo de representantes da diretoria da Apeoesp tentava entregar ao secretário um documento com reivindicações da categoria, o que deve ter desagradado ao ilustre secretário. Cansados de aguardar o encaminhamento normal dos pedidos de audiência (da última vez, a tramitação levou três meses), os professores tentaram fazer com que Ferreira Martins os recebesse pela abordagem direta. Postaram-se à porta da Secretaria, afirmando

que só saíam depois de recebidos. E não é que o Secretário, nervoso e recusando a mediação da deputada Irma Passoni, Mandou chamar agentes do Dops para que retirassem os professores? Já está na hora de pôr fim a esse tipo de atitudes. Afinal, o exercício de um direito classista, expressado através da competente representação sindical, não pode ser tratado como se fosse um simples ato de delinquência ou agitação pública. Depois vêm reclamar da falta de diálogo, das posturas radicais e coisa e tal. Pudera...

JORNAL DA OSEC VOLTA A CIRCULAR

O jornal Espaço dos alunos de Comunicação e Turismo da OSEC - Organização Santamarense de Educação e Cultura, que andou sendo censurado e recolhido em fins do ano passado, voltou a circular normalmente este ano. Espaço, tem a coordenação do professor J. Misseno e apoio direto do professor Luiz Fernando Schiavon, sócio da INTERCOM e vice-diretor do curso de Comunicação da OSEC.

ENTREVISTA É O MAIS ANTIGO JORNAL-LABORATÓRIO

O jornal-laboratório Entrevista, da Faculdade de Comunicação de Santos, entrou em seu décimo-segundo ano de vida. Deste 1970, Entrevista tem saído regularmente em oito edições por ano, constituindo-se no mais antigo periódico do gênero em circulação no Brasil. Durante todo este tempo, o jornal teve diversas fases, com formatos diversos, número de páginas variável e, inclusive realizando experiências como a de servir de veículo de informação para diversos sindicatos da Baixada Santista. Atualmente, o jornal é de circulação interna, embora seja remetido para outras escolas de comunicação do País e distribuído em algumas bancas e livrarias da cidade de Santos. Em seu passado, Entrevista acumula diversos prêmios Parker de Jornalismo Estudantil, inclusive o de melhor jornal estudantil do Brasil. Além do Entrevista, que é responsabilidade dos formandos, os estudantes da FACOS têm outro órgão mantido pela escola, o Agência FACOS, boletim informativo semanal, que há sete anos circula também com absoluta regularidade.

ADMIS TEM SEU BOLETIM

Com uma boa programação gráfica e trazendo notícias das primeiras atividades da entidade, está circulando junto aos seus associados o Boletim ADMIS, da Associação de Docentes do Instituto Metodista de Ensino Superior - SBC - São Paulo. O Boletim é de responsabilidade da diretoria e marca a consolidação da entidade que, fundada o ano passado, começa a ter uma atuação mais efetiva. Com referência à

ADMIS, no mês de março esteve presente na realização do I Simpósio sobre Educação e Participação numa Região Industrializada, promovido pela Associação Profissional de Professores e Auxiliares de Ensino do ABC. O local do Simpósio foi o Salão Nobre do Instituto Metodista, onde educadores (entre eles Paulo Freire), operários, presidentes de associações de professores e de sociedades de amigos de bairro, debateram os principais problemas de educação existentes numa região como o ABC paulista.

RUDGE RAMOS JORNAL ELOGIADO

O Rudge Ramos Jornal, projeto de jornal experimental ligado à comunidade, mantido pela Metodista - SBC, recebeu um voto de congratulações da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo, com os vereadores reconhecendo a importância do trabalho e a seriedade como vem sendo feito, não se limitando a assuntos internos da faculdade, mas, procurando sentir os problemas do bairro e do município. A proposta foi do vereador Luis Massa, subscrita por 12 vereadores. A coordenação do Rudge Ramos Jornal está a cargo dos associados da INTERCOM Antonio Cerveira de Moura, Rogério Bastos Cadengue e Jorge Luiz Salim, com apoio direto dos dirigentes da Metodista, principalmente o diretor da Faculdade de Comunicação, professor Onésimo de Oliveira Cardoso.

MEC APROFUNDA AS RAZÕES DA QUEDA NA PROCURA DOS CURSOS SUPERIORES

No Boletim da INTERCOM de dezembro de 1980 um comentário a respeito da queda na procura do ensino superior em todo o país, denunciava a visão sonâmbula dos funcionários do MEC segundo a qual o fato - antes de tudo - significava a proximidade do equilíbrio, depois da prolongada fase de expansão anárquica das escolas de 39 grau. Tivemos atingido o momento da seleção natural, era o que deixavam entender os responsáveis pela política educacional. O mesmo comentário levantava uma indagação: talvez teria sido o achatamento salarial dos setores médios da população a causa básica da queda na procura das faculdades e universidades. E acrescentava: "Como se sabe, nos últimos 10 anos, a Universidade brasileira passou por um profundo processo de privatização que transformou o ensino superior numa fonte bastante procurada de investimentos empresariais. Sem verbas para custear seus déficits, as escolas particulares tiveram de transferir para seu corpo discente seus encargos trabalhistas para não sacrificar seus lucros, tornando alguns cursos realmente proibitivos para grande parcela dos estudantes. Só aí é que se explica a influência dos excedentes profissionais no desestímulo dos vestibula-

landos". Agora, em março, a questão parece ficar mais clara, pelo menos para o MEC: depois de lembrar que hoje a oferta de vagas no vestibular é quase igual ao número de formandos em ensino do 2º grau, o sub-secretário de Ensino Superior do Ministério, Ronaldo Braga, observou que o custo do ensino, no entanto, "cresceu muito e as anuidades aumentaram de forma progressiva". Nas Escolas superiores a oferta pública é pequena e ainda assim não tem aumentado muito a relação candidato/vaga nas escolas particulares, pelas dificuldades financeiras enfrentadas pelos alunos. "Além dos aumentos normais, as escolas crescem índices de reajuste das anuidades a título de 'correção de defasagem', expediente que deve ser reestudado para que volte a ser uma exceção". Em linguagem simples, isto quer dizer que se trata de mais um efeito da progressiva ausência do Estado na área da educação, das verbas minguantes e, evidentemente, das conseqüências sociais de um modelo econômico cujo caráter concentrador parece assumir, nesse início dos anos 80, os sintomas do paroxismo.

FIGUEIREDO CRITICA ENSINO BRASILEIRO

Durante a visita que fez à Colômbia, no mês de março, o general João Batista Figueiredo criticou, num de seus discursos, a excessiva importância dada no Brasil ao ensino universitário. "Uma das falhas do nosso ensino educacional - disse o general - é a formação do técnico de nível médio", ressaltando que, apesar de o País contar com o SENAI e o SESI, a deficiência permanece. "Demos muita importância ao nível universitário; estivemos com um vazio e, agora, temos o paradoxo de técnicos do nível médio receberem salários maiores do que os de nível universitário, justamente pela falta de técnicos tão necessários ao desenvolvimento do País".

PROIBIDO CURSO DE JORNALISMO EM SÃO PAULO

Em meados de março, a Delegacia de Ensino Superior do MEC declarou nulos todos os atos praticados em São Paulo por representantes da União dos Profissionais de Imprensa, como sede no Rio de Janeiro, que pretendiam ministrar um curso de Jornalismo por correspondência na Faculdade Livre de Comunicação Social, que funcionaria no bairro de Moema. A decisão, tomada com base em denúncia encaminhada pela Delegacia de São Paulo, esclarece que a entidade nunca pleiteou autorização para funcionamento de nenhum curso ao Conselho Federal de Educação, fato que invalida qualquer iniciativa nesse sentido. A irregularidade foi detectada em janeiro, quando alguns jornais publicaram anúncios falando sobre a abertura de inscrições para o con-

curso vestibular. O MEC esteve no local explicando aos responsáveis pela entidade que não poderiam abrir uma faculdade livre de Comunicação Social porque os cursos dessa área têm, todos, currículos mínimo e pleno autorizados pelo próprio Ministério e, portanto, só podem ser ministrados por escolas reconhecidas. Apesar das promessas dos proprietários da "Escola" de que regularizariam sua situação, o processo foi aberto e submetido à Secretaria de Ensino Superior que determinou o fechamento imediato do curso, caso o vestibular tenha se realizado. (ESP, 13/3)

MOBRAL NÃO ALFABETIZA MAIS ADULTOS

Mais uma modificação importante na área da educação, no estilo do ministro general Ludwig. Sem muito alarde, o general conseguiu reverter uma tendência que levava o Movimento Brasileiro de Alfabetização para longe do MEC. O general não apenas preservou-o sob sua guarda, como acabou com o feudo ali estabelecido desde a sua fundação por Arlindo Lopes Correa, ex-secretário-geral e presidente do Movimento e ainda lhe deu novos rumos, que incluem até o fim da campanha de alfabetização de adultos. Um dos mais queridos produtos do governo Médici, "menina dos olhos" do ex-ministro Passarinho, o Mobral mereceu músicas de Don e Ravel e críticas de pedagogos, montou uma estrutura sem similares no mundo civil brasileiro (só a Igreja e o Exército têm representação em tantas comunidades como o Mobral tem) e, por isso, despertou a cobiça dos políticos que viam nele um excelente instrumento eleitoral. Durante seus dez anos de existência e prestígio, o Mobral chegou a se constituir num pequeno Ministério da Educação e Cultura, tal o volume de atribuições extra-alfabetizadoras que avocou a si. Sobre a imensa estrutura que montou, reinava soberano Arlindo Lopes Correa, que durante os três primeiros anos de existência do Movimento, quando Mário Henrique Simon sen era o presidente, foi seu secretário-geral. Depois, assumiu a presidência e nunca mais a deixou, nem mesmo quando seu mandato se encerrou no ano passado. Com mais de 2500 funcionários e milhares de voluntários, o Mobral aguardava modificações, mas não no sentido que acabaram lhe dando. Lopes Correa pretendia mudar o Mobral para um Movimento Brasileiro de Educação Comunitária, de indisfarçadas intenções político-eleitorais. Contudo, num golpe surpreendente e pouco explorado pela imprensa, Lopes Correa viu-se subitamente afastado do poder e seu Mobral passou para a jurisdição da Secretaria de 1ª e 2ª Graus do MEC. O novo presidente do órgão, engenheiro Cláudio Augusto Joaquim Moreira, que não recebeu o cargo de Correa (ele não compareceu à cerimônia de posse de seu sucessor), prometeu reduzir significativamente o número de funcionários do Mobral, trans-

ferir imediatamente sua sede para Brasília, carrear os recursos até aqui gastos em "ações comunitárias" para o ensino de 1º e 2º graus. Como poderosos elementos tinham planejado outros rumos para o Movimento (dizem que o general Golbery concordava com a "educação comunitária" prevista por Correa e queria o Mobral sob a jurisdição da SEPLAN), a rápida definição das novas diretrizes para o órgão foi considerada mais uma prova do aparentemente ilimitado poder com que o general Ludwig vem gerindo a educação brasileira. Sua vontade, mais de uma vez, prevaleceu sobre a de outros potentados da República, até aqui considerados imbatíveis nas lutas palacianas como o general Golbery e o ministro Delfim Neto. Não é à toa, que seu nome é cada vez mais citado como presidenciável.

GENERAL DIALOGA COM ESTUDANTES VIA REITORES

O diálogo é a palavra de ordem na atual fase de negociações políticas do governo. No caso da Educação, contudo, ele não se faz diretamente. Respondendo às reivindicações que a União Nacional dos Estudantes lhe havia dirigido, o ministro general Ludwig se utilizou do Conselho de Reitores, especialmente convocado para servir de intermediário entre MEC e estudantes. O ministro general não recebeu a UNE, que lhe havia solicitado formalmente uma audiência e reafirmou sua disposição de não reconhecer a entidade, que ele considera ilegal e não representativa. Para reafirmar sua disposição de falar com estudantes através das organizações que considera legítimas, o general Ludwig recebeu a direção do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, levada a ele pelo reitor da UFRN, professor Diógenes da Cunha Lima, também presidente do Conselho de Reitores. A visita do DCE da UFRN ao ministro foi fartamente utilizada pela assessoria de imprensa do MEC. E os jornais da grande imprensa nacional desconsideraram a nota que a entidade estudantil divulgou ao final do encontro, na qual protestava contra a indisposição do ministro contra a UNE. Aliás, os próprios integrantes da diretoria do DCE da UFRN resolveram analisar sua ida ao gabinete de Ludwig, que mereceu críticas da parte de diversas outras organizações estudantis de todo o Brasil. Como resposta às negativas de Ludwig em receber a UNE, os estudantes de todo o Brasil realizaram "greve de advertência" de dois dias, no início de abril. A diretoria da UNE promete continuar tentando uma audiência com o ministro. Contudo, a repercussão favorável nos setores militares obtida pela recusa de Ludwig em negociar com a UNE permite prever que a insistência não será recompensada com o êxito.

UNIVERSIDADES FEDERAIS PODEM VIRAR FUNDAÇÕES

O jornal O Estado de São Paulo (08/04/81) publicou informação de que um pacote na área universitária está em fase de conclusão no MEC. Sua principal novidade: todas as universidades federais serão transformadas em fundações. Caso isso ocorra, será mais um indício de que, realmente, a prioridade na gestão Ludwig é o ensino de 1º e 2º graus. Transformadas em fundações, as universidades federais autárquicas (são 19 em todo o País) terão maior independência para administrar suas verbas, mas também terão que arrumar fórmulas próprias para conseguirem recursos suplementares, prestando serviços, fazendo render recursos, enfim, funcionando como empresa. Muitos vêm nessa solução o perigo da definitiva privatização do ensino superior, pois as empresas passarão a poder deter maior influência sobre as universidades. O pacote contemplaria as universidades, contudo, com maior liberdade para escolher seus dirigentes.

DOCENTES QUEREM AUMENTO MAIOR

A Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES) encaminhou ao ministro general Ludwig uma reivindicação para que o aumento dos vencimentos dos professores universitários não seja inferior a 68%, correspondentes ao INPC de março de 1981 mais 15% sobre o salário reajustado. A diretoria da ANDES, no entanto, não conseguiu fazer chegar seu documento diretamente às mãos do ministro, pois de 13 de março a 19 de abril, ela tentou inutilmente obter uma audiência com ele. A eventual resposta do MEC será discutida durante o encontro da Coordenação Nacional de Associações de Docentes, que será realizado durante a Semana Santa, em São Paulo, na PUC. (FSP, 02/04/81)

PUC-RJ ENCERRA A GREVE SEM VITÓRIA

Depois de duas semanas de greve em protesto contra a demissão de 28 colegas, os professores da PUC-RJ voltaram às suas atividades no dia 24 de março, sem terem obtido o que reivindicavam: a reintegração dos demitidos. Durante o movimento dos professores, a reitoria da PUC-RJ manteve-se irredutível, apesar dos inúmeros protestos oriundos de diversos setores da sociedade civil brasileira contra a medida arbitrária e injustificada. Algumas das mais expressivas figuras do ensino e da pesquisa de comunicação no Brasil foram atingidas pelo ato de demissão.

PesquisaMORAL E CÍVICA NA TELEVISÃO: O CASO MARANHENSE

Tese de mestrado, defendida por Maria Helena Bousquet Bomeny, no ano passado, no IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), analisa a eficácia da educação moral e cívica, através da televisão educativa. A tese teve como título - Reprodução ideológica e comunicação de massa. Educação Moral e Cívica na Televisão do Maranhão, e foi orientada por Olavo Brasil Lima Jr. A pesquisa compreendeu 525 redações feitas por alunos de 8ª série da Televisão Educativa do Maranhão e revelou alguns efeitos do processo de socialização política a que esses alunos estiveram submetidos através do ensino de Educação Moral e Cívica. Os resultados evidenciaram as descontinuidades e incongruências no processo de reprodução ideológica, ao mesmo tempo que comprovaram em que grau a eficácia do processo é garantida.

TRANSFORMAÇÕES DO CARNAVAL PAULISTANO

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, com financiamento da FINEP, está realizando na FFLCH-USP, uma pesquisa que objetiva a Reconstrução histórico-sociológica do carnaval paulistano (1850-1920). Baseada em pesquisa em jornais paulistanos do século XIX, livros de viajantes e cronistas, além de entrevistas com antigos carnavalescos, a pesquisadora tenta reconstruir as transformações que se deram no Carnaval paulistano: do Entrudo ao Carnaval Veneziano, e deste aos primeiros folguedos populares. Tomando sempre como parâmetro o Carnaval do Rio de Janeiro, o modelo de festejo de Momo para todo o país, acompanha, através do Carnaval, o crescimento e transformação da cidade que foi incorporando os negros libertos e depois as levas de imigrantes europeus integrando-os a vida urbana e ao folguedo carnavalesco.

O ECONOMÊS NA IMPRENSA DE PORTO ALEGRE

A dissertação com que Blasio H. Hickmann, professor do Curso de Jornalismo da URS, obteve o título de Mestre em Letras pela PUC-RS em 1980, oferece significativos elementos para uma análise sociolinguística do economês na imprensa. Sob o título - A linguagem do noticiário econômico no jornal, o trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Giles Lotter Istre. O estudo pretendeu investigar o noticiário econômico no jornal, visando identificar e caracterizar a linguagem utilizada, própria dos cientistas da Economia, e criticamente chamada economês. A hipótese construída é a de que os jornais, nas se-

ções de economia e finanças, abusam da terminologia técnica, de estrangeirismos e de siglas, tornando hermético o estilo jornalístico, a nível de leitor mediano; por conseguinte, ineficaz, como instrumento de comunicação de massa - função primordial da imprensa. O autor recorreu à amostragem, analisando dois jornais considerados re-
presentativos da imprensa diária de Porto Alegre, no período de uma semana, observando aspectos estilísticos e sociolinguísticos. De um modo geral, os resultados confirmaram as hipóteses formuladas: embora, do ponto de vista jornalístico, a linguagem dos jornais atenda a alguns requisitos estilísticos da comunicação ideal, falha, por outra parte, devido à proximidade dos períodos, emprego de siglas e utilização constante do jargão técnico-profissional dos economistas, além de incorporar ao léxico neologismos e estrangeirismos.

"JORNALISMO ESPECIALIZADO": NOVO LIVRO DE ERBOLATO

O jornalista de "O Estado", Mário Erbolato, professor titular de "Introdução às Técnicas de Jornalismo" e "Jornalismo Comparado" do curso de Comunicação Social da PUC de Campinas, acaba de lançar, pela editora Atlas, seu segundo livro, "Jornalismo Especializado", destinado ao ensino superior. Erbolato define seu novo livro como um veículo que "pretende ensinar no estudante de comunicações como abordar assuntos especializados". "Jornalismo Especializado" foi redigido como uma reportagem sem deixar, porém, de ser didático. Nas suas 158 páginas mostra como um estagiário pode trabalhar em qualquer editoria de um jornal diário. Erbolato afirma que aplicou sua experiência como professor e redator no livro em cujos capítulos foram incluídos exercícios práticos e reportagens publicadas em jornais brasileiros. O autor entende como jornalismo especializado, ao escrever o livro, as seções ou páginas diversas de um matutino ou vespertino não abordando o trabalho em revistas que se dedicam exclusivamente a um determinado assunto ou os boletins que focalizam temas específicos. "O jornalista não deve conhecer somente a técnica de pesquisa, escrever, diagramar ou ilustrar. Por mais competente e inteligente que seja, não consegue bons resultados ao redigir sobre um assunto que ignora". Por esta razão, Erbolato também inclui no texto noções gerais sobre fatos que possam merecer cobertura jornalística. Segundo Erbolato, foi o professor José Marques de Melo quem o estimulou a publicar um livro quando começou a lecionar, há dez anos, quando não havia muitos textos sobre o assunto. Mas, quando concluiu que os originais eram muito extensos, a alternativa foi dividir o trabalho em três obras. "Técnica de Codificação em Jornalismo", já em segunda edição, "Jornalismo Especializado" e "Jornalismo Gráfico - Técnicas de Produção" que deverá sair ainda

este ano. A bibliografia brasileira sobre jornalismo só há pouco começou a ganhar volume. O pioneirismo, segundo Erbolato, coube a Luiz Beltrão, Juarez Bahia, o próprio José Marques de Melo e Cremil da Medina, entre outros. "Admitiu-se, finalmente, que a imprensa, e com ela o rádio e a televisão, necessitam não só de quem saiba escrever corretamente, mas que haja técnica na emissão dos textos para a conquista do público receptor". (ESP, 15/3)

Comunicação popular

JULIÃO: POETA DE CORDEL

O ex-deputado Francisco Julião, patrono das Ligas Camponesas, voltou a fixar residência no Recife, depois de sua volta do exílio. Dedicado a construir em Pernambuco as bases do PDT, retoma sua atuação política junto aos trabalhadores rurais e urbanos. Na entrevista que concedeu ao Jornal da Cidade, nº 215, Recife, fevereiro de 1981, anuncia sua conversão a literatura de cordel. "Eu estou com vontade de escrever uns dez folhetos sobre os grandes problemas do Brasil. Aqueles que eu acho que deve ser realmente objeto de literatura de cordel. Eu quero ir pra Olinda pra me ligar à Associação dos Poetas Populares, como um escritor e poeta de cordel. (...) Eu tenho um contrato com a Editora Vozes. Quero ver se faço dez. Já escrevi cinco. (...) Vou continuar com a literatura de cordel porque acho que ela tem muita penetração na massa. Na época das ligas eu fiz muito. Naquele tempo eu tinha um pseudônimo, eu era João da Silva. Na verdade eu escrevi muitos folhetos. Agora eu quero pôr o meu nome neles, Chico Julião. Porque é a forma que eu acho mais viável e mais dinâmica de chegar à consciência dos trabalhadores".

O CARNAVAL NA AMÉRICA LATINA

Maria Isaura Pereira de Queiroz, professora de Sociologia Rural e Urbana da USP, vem há algum tempo se dedicando à pesquisa sobre as origens do carnaval no continente americano. A fundadora do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) não apenas tem feito levantamentos documentais, mas sobretudo tem orientado teses de pós-graduação sobre esse assunto. Na revista Ciência e Cultura de novembro de 1980, vol. 32, nº 11 (SBPC), Maria Isaura publica um artigo - Evolução do carnaval latino-americano - em que analisa as diversidades do carnaval na América Portuguesa e na América Espanhola. Pela significação que esse estudo apresenta para os estudiosos da comunicação popular, transcrevemos a seguir algumas das suas principais conclusões: "A origem do carnaval e sua evolução não foram fundamen-

talmente diferentes nas cidades dos diversos países que compõem a América Latina; o entrudo português e o antruido espanhol foram, em todos eles, substituídos, na mesma época, pelo carnaval 'veneziano', o qual, um século mais tarde, também tendeu ao desaparecimento. Porém, se a evolução das atividades carnavalescas se fez na mesma época e, seguindo os mesmos caminhos nos aglomerados urbanos, no meio rural observa-se uma grande diferença entre a América Espanhola e a América Portuguesa. Na América Portuguesa, o meio rural não apresentou folguedos carnavalescos, enquanto, na América Espanhola, o antruido foi adotado pelas próprias populações autóctones, misturou-se às suas festas e se tornou uma comemoração específica de aldeia, conservando suas atividades muito próximas das que haviam existido no meio aldeão da antiga metrópole. Desta maneira, a América Espanhola conserva ainda hoje dois tipos diversos de carnaval, disseminados por suas atividades, por sua localização geográfica, pelo tipo de população que nelas está engajada. A América Portuguesa, ao contrário, conheceu sempre um tipo só de carnaval - o carnaval citadino - que sofreu transformações no decorrer do tempo. As condições específicas das duas regiões no momento de sua colonização, poderiam estar na base desta diferenciação, expressas na existência, na América Espanhola, de uma 'civilização aldeia' tradicional, que não teve vigência na América Portuguesa".

ESCOLAS DE SAMBA: O FIM DO CARNAVAL

Para Luiz Izrael Febrot, do "Estado de São Paulo", a maior evidência do declínio do carnaval como festa popular é a forma violenta de sua redução ao desfile das escolas de samba. Para o jornalista, "a escola de samba é uma das mais importantes criações da cultura popular brasileira", porque retomou especialmente nos anos 20, as tradições próprias e a forma isolada das camadas mais baixas do povo brincar o carnaval. A evolução de sua organização, no entanto, que correspondeu à consolidação do modo de vida urbano do "amplo estrato da base da pirâmide social carioca" fez com que ela predominasse sobre todas as demais manifestações carnavalescas e com a consequente liquidação das características básicas da própria escola: a introdução de valores essencialmente diferentes e antagônicos àqueles que embasavam seu espírito popular.

PROJETOS DO SESC PARA CULTURA POPULAR

O SESC está procurando entrar em contacto com artistas de raízes populares, de grupos folclóricos e artistas de circo, para dois projetos que tem na área de cultura popular para este ano. O primeiro

é um trabalho de documentação das manifestações artísticas populares da Grande São Paulo, que serão cadastradas com filmes e fotos. O segundo é a utilização dos mesmos artistas em três apresentações públicas que ocorrerão até o final do ano, em julho, setembro e dezembro. Os interessados ou os que tenham sugestões a dar ao SESC podem enviar cartas para a Rua do Carmo, nº 147, em São Paulo, ou se dirigirem pessoalmente até lá. (ESP, 08/04/81).

LIVRO MOSTRA VISÃO POPULAR DO SEXO

Liêdo Maranhão é autor pernambucano que trata de assuntos ligados à cultura popular. Ele já publicou dois livros: Classificação Popular da Literatura de Cordel (Vozes, 1974) e Cultura Popular Nordestina (Secretaria de Educação e Cultura de Recife, 1975). Agora, ele lança um novo título: O Povo, o Sexo e a Miséria (Guararapes, 1981). Tendo como campo de pesquisa a praça do Mercado de Recife, Maranhão estuda o comportamento e a linguagem dos frequentadores da praça no que se refere a assuntos relacionados com sexo, não apenas a relação sexual, mas conceitos sobre a mulher e o homem, problemas das relações de dominação entre eles e temas sobre violência ligada à sexualidade. (JB, 07/03/81)

Veículos

REVISTA VOZES: NOVA FASE

Ao completar 75 anos de circulação ininterrupta, a Revista de Cultura Vozes, editada em Petrópolis (RJ), pelos frades franciscanos, entra em nova fase. Trata-se, em verdade, de uma atualização de rumos, pois a grande virada da revista ocorreu há 15 anos, quando deixou de ser uma publicação estreitamente católica e ampliou seu horizonte informativo, assumindo a feição de uma moderna revista de cultura. Ultimamente, porém, a revista tornou-se em certo sentido elitista, privilegiando o tratamento de certos temas peculiares às inquietações das vanguardas universitárias. A primeira edição de 1981, revela, porém, um marco inovador no conteúdo e na apresentação gráfica. Além da diagramação mais atraente, a capa reapresenta a marca da revista, há algum tempo ausente, substituída pela aparência de livro que foi uma contingência das edições monográficas. O uso de fotografia trouxe mais impacto e imprimiu um caráter mais jornalístico. Quanto ao conteúdo, torna-se mais dinâmico, mais social, buscando retratar temas e questões da atualidade política e cultural do país. O relatório de D. Claudio Hummer sobre a greve do ABC, o artigo de Helio Bicudo sobre as causas da violência e sobretudo a entrevista de Dom Adriano Hipólito colocam a revista em

posição de alimento com a ação social da Igreja. Nesses últimos anos, graças à orientação segura de Frei Clarencio Neotti, a revista tem tido um comportamento progressista, mas o viés universitário não permitia maior envolvimento com questões emergentes da sociedade civil, o que provavelmente acontecerá daqui para frente. O novo secretário de redação da revista é Dermi Azevedo.

CULTURA POPULAR: NOVA REVISTA LATINO-AMERICANA

A CELADEC - Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã - órgão vinculado à Coordenação Ecumênica Latino-Americana, está anunciando a publicação da revista Cultura Popular, a ser editada com a colaboração de diversos grupos, organizações e pessoas que atuam em programas de comunicação e educação popular na América Latina. Os interessados poderão solicitar a nova revista para: CELADEC - Apartado 3994 - Lima, Peru.

UNDA-AL LANÇA ESTUDOS E DOCUMENTOS SOBRE A NOMIC

A Associação Católica Latino-Americana para o Rádio e a Televisão, UNDA-AL, com sede em Bogotá - Colômbia (Apartado 8009), lançou, no segundo semestre do ano passado, uma série de publicações - Comunicação - Estudios y Documentos - vinculadas ao Projeto "Igreja e Nova Ordem Informativa Internacional". Trata-se de uma tentativa de divulgar material teórico e de pesquisa referente ao debate que se processa em todo o Terceiro Mundo sobre a NOMIC - Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação. A série de publicações é dirigida por Jorge Maldonado, tendo como redator-chefe Washington Uranga.

GLOBO REPÓRTER: NOVAS IDEIAS, VELHAS BARREIRAS

A idéia parecia muito boa. A TV GLOBO resolveu entregar a produção do Globo Repórter a produtoras independentes (pelo menos em São Paulo), o que, de início, abriu um novo mercado de trabalho para os profissionais de cinema e televisão. Várias pequenas produtoras começaram a entregar novos programas, cheios de novas idéias. As primeiras apresentações do Globo Repórter em 1981 constataram que a velha estrutura se mantinha atenta e zelosa. Direções independentes, equipes desligadas do jugo global e propostas que poderiam trazer algumas novidades para o que já foi o melhor programa jornalístico da emissora, bateram na barreira da censura, tanto da própria Globo quanto da oficial. O que se está assistindo são programas mutilados, despersonalizados, sem pé nem cabeça. Um desses programas foi o da Violência na Família, onde a equipe produtora cuidou em ligar a questão da violência doméstica à violência maior na economia, do so

cial, do político. O programa foi parcialmente desfigurado para que a Globo incluisse Hélio Costa, dos EUA, e Bob Feith, de Londres, falando sobre o mesmo assunto: os menos avisados isso poderia significar uma grande cobertura do programa. Mas, a intenção maior era desmitificar o problema econômico da violência: se um país rico como os EUA tem violência na família, no Brasil ela não pode ser justificada pela pobreza do povo. A censura oficial chegou a proibir a exibição de um novo Globo Repórter, sobre os desprezíveis manicômios brasileiros, colocando em seu lugar o não menos desprezível Ronald Biggs, um ladrão charmoso e que merece mais atenção da Globo do que o povo brasileiro (Ricardo R. de Holanda).

PARA ALBERTO SORDI TV E CINEMA DEVEM ATUAR JUNTOS

Durante duas semanas o ator italiano Alberto Sordi esteve no Brasil, em março, para a realização de um programa sobre a Música Popular Brasileira para a Televisão de seu país. Entrevistado sobre os motivos pelos quais tem se dedicado mais à TV do que ao Cinema, Sordi justificou-se: "A Televisão, como o cinema, é feita de imagens e sem dúvida é o futuro do espetáculo. Os dois podem se aliar". Para o ator italiano, a técnica televisiva está muito à frente da cinematográfica o que pode ser confirmado pela progressiva diminuição do espaço ocupado pelo cinema (nos dois últimos três anos, 11 mil salas de cinema foram fechadas na Itália, enquanto 800 canais de televisão, que têm na RAI - estatal - o seu mais forte representante, coexistem bem. "Não acho que o cinema morra. São afirmo que ele terá que se aliar à televisão", concluiu Sordi.

CINEASTA PROPDE CINEMA POPULAR

Uma "proposta que reúne as características mais pessoais do meu estilo com as características mais práticas da nova tendência do nosso cinema de hoje. É a manifestação de um novo cinema popular, uma nova maneira de construir um filme como espetáculo, como linguagem e como visão da realidade. Um tipo de cinema-síntese que busca estruturar um filme de modo que ele seja ao mesmo tempo comunicativo e criativo, ao mesmo tempo industrial e político, ao mesmo tempo popular e crítico, procurando concretizar uma tendência que existe no cinema brasileiro de hoje: sintetizar as experiências desenvolvidas antes pelo Cinema Novo e pela pornochanchada". Esta é a tese que o cineasta Antônio de Pádua ("Procissão de Coisa e Gente", "Negra Vida Negra", "Essa Vida Esperança", "Exame", "À Beira") defende em busca de um cinema popular no Brasil. Um cinema que se aproveitaria das conquistas obtidas nos últimos 20 anos (...) e que seria

uma fórmula prática e realista para a sobrevivência e a expansão dessa indústria. Pádua justifica-se como o exemplo de Chaplin: "seus filmes eram ao mesmo tempo para crianças e para adultos, eram de arte e comerciais, eram simples mais críticos, transformadores". E busca em seu apoio o caso norte-americano: "eles estão fazendo filmes que continuam sendo criativos e participantes da realidade, continuam com uma visão independente, mesmo realizando um cinema com toda a estrutura industrial construída por Hollywood nos anos 50". Ainda assim, Pádua afirma que o "novo cinema popular" não seria a simples média aritmética de duas tendências e experiências anteriores e conflitantes - o Cinema Novo e a Pornochanchada -, mas o resultado desses contrastes: "Um cinema renovador de formas e conteúdos cinematográficos, que seja popular tanto no sentido de causar grandes filas de público como no sentido de agilidade cultural. Um cinema universal quanto à sua comunicação, que estimule sentimentos sobre a nossa realidade, com uma linguagem criada dentro das características brasileiras da imaginação popular".

OS 60 ANOS DA "FOLHA" E A BUSCA DA IDENTIDADE

O historiador Carlos Guilherme Mota, autor de uma "História da Folha de São Paulo", cuja edição coincide com o 60º aniversário do jornal, é de opinião que a característica mais importante verificada em sua linha editorial é a abertura de um espaço crítico que transcende os limites do simples noticiário. Num artigo publicado na própria "Folha" em 19 de fevereiro último, Carlos Guilherme Mota diz, no entanto, que "não se pode dizer que tenha havido continuidade ou coerência marcantes em todas as fases de sua história. Ao contrário, as oscilações foram muitas...". Segundo o autor de "Ideologia da Cultura Brasileira" algumas etapas podem ser identificadas na vida do jornal Paulista: a primeira (1921-1930), marcada pela ideologia da classe média, quando a "Folha" fazia oposição às oligarquias e buscava uma "aproximação com a classe operária, numa proposta de edição de um 'jornal popular'; a segunda, já evidenciada em fins de 1929 - "por falta de ausência de um projeto próprio" (sic) - oscilando entre a classe operária e a classe dominante mas, por fim, acabando "na dependência desta última". O resultado, contudo, foi a repressão promovida pelo governo surgido da Revolução de 30. No Estado Novo, o jornal estaria ao lado das elites e defenderia as correntes mais conservadoras do pensamento, entre elas o rascismo. Na terceira etapa, iniciada em 1945, com a ascensão de um novo grupo à direção da empresa, a "Folha" seria dinamizada, "por uma concepção mais moderna urbana e empresarial, capitaneada por José Nabantino Ramos". Nesse momento a linha editorial

busca uma espécie de retorno às origens, luta pela industrialização, pelo planejamento e pelo avanço tecnológico, embora, no terreno político, fortemente marcada pelas preocupações com a segurança do hemisfério. Para Guilherme Mota, "a Guerra Fria alcançara a 'Folha'". Fortemente influenciado pelo exemplo dos Estados Unidos, Nabantino Ramos colocava-se francamente a favor do capital estrangeiro e, sobretudo, da ajuda americana. Até porque impunha-se neutralizar a luta de classes. Como dizia ele, em 1945, o jornal deveria situar-se 'no centro, mas não esquecendo de dar mil atenções à esquerda...'. A quarta etapa teria início em 1962, quando o grupo Frias-Caldeira chega à direção da empresa, e seria caracterizada por uma intensiva modernização que desembocaria no "salto tecnológico" ocorrido entre 1967 e 1974. São então que a "Folha" terá condições, segundo Carlos Guilherme Mota, de uma formulação mais clara de seu projeto: "A procura de um espaço político - sempre nos marcos da ideologia liberal - passará a ser a pedra-de-toque da "Folha".

DEPUTADO TENTA ALTERNAR A LEI DE IMPRENSA

O deputado Marcelo Cerqueira, do PMDB do Rio de Janeiro, propôs no início de março à Câmara Federal, uma alteração no parágrafo 4º do artigo 37 da Lei de Imprensa, com o objetivo de excluir de qualquer ação penal o "responsável sucessivo, quando o autor for pessoa 'dónea e residente no País'". O deputado justificou sua iniciativa com um pronunciamento do presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, a propósito dos processos instaurados contra os editores responsáveis do "Jornal do Brasil", Walter Fontoura, e da "Folha de São Paulo", Boris Casoy. Essas medidas foram consideradas "manobras visando ao cerceamento das liberdades de expressão e informação" pela Academia Paulista de Jornalismo. Tais liberdades, de acordo com nota divulgada em São Paulo, à época do enquadramento dos editores daqueles jornais, "constituem um direito consagrado pela Constituição e, principalmente, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual foi o Brasil um dos primeiros a emitir o seu voto de aprovação na ONU. Representa também ameaça ao sagrado direito do povo de ser informado". (ESP, 11/3)

TENÓRIO CAVALCANTI TENTA REAVER "LUTA DEMOCRÁTICA"

O ex-deputado Tenório Cavalcanti pretende entrar na justiça do Rio de Janeiro com uma ação para reaver o jornal "Luta Democrática", arrendado por um ano a Olímpio Campos, a quem Cavalcanti acusa de "embusteiro". O jornal foi arrendado por influência do médico Guilherme Romano, conhecido por suas ligações com o ministro Golbery do

Couto e Silva e que também é presidente do PDS do Rio, passando então a fazer parte de um esquema político montado em Brasília que visava fortalecer o partido governista naquele estado e combater o governador Chagas Freitas. Para atrair os eleitores de Chagas e seus leitores do jornal "O Dia", a "Luta Democrática" - também de características sensacionalistas - transformou-se, por fim, numa publicação que apelava frequentemente para fotos pornográficas em suas páginas. Ao que parece os exageros do jornal não devem ter agradado as autoridades de Brasília que agora se desinteressaram do arrendamento, embora não tenham devolvido o nome do jornal - "Luta Democrática" - a seu antigo proprietário.

JUSTIÇA VETA EMPRESA JORNALÍSTICA ESTRANGEIRA

Depois de 12 anos, finalmente a Justiça negou a pretensão da SERPEL - pequena editora paulista de proprietários estrangeiros - de integrar o Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, embora a empresa já tenha desaparecido. Ainda assim, nos meios jornalísticos, a decisão judicial foi vista como a reafirmação do princípio constitucional de que são brasileiros natos podem ser proprietários de empresas jornalísticas ou explorar concessões de rádio e televisão. Estranha contradição, no entanto, já que poucos dias depois da decisão, o próprio governo federal violava a Constituição com a concessão dos canais de televisão à empresa Bloch.

PARA HISTORIADOR IMPRENSA BRASILEIRA JÁ NASCEU EM DIFICULDADES

Entrevistado pelo "Pasquim" (610, 5 a 11 de março), o historiador Manoel Maurício de Albuquerque (falecido recentemente), depois de várias considerações sobre as contradições vividas pela sociedade brasileira em sua formação histórica, foi questionado por Alberto Dines a respeito da imprensa. "No caso da imprensa - disse Dines - vi que o Brasil foi um dos últimos países da América Latina a ter tipografia. Em 1500 e pouco o México tinha uma tipografia, o Peru também, e nós só viemos a ter uma tipografia quase três séculos depois, em 1808. Os holandeses, em 1620, vinham trazendo um tipógrafo para Pernambuco, mas este morreu na viagem, e quando os brasileiros expulsaram os holandeses, essa tipografia foi desfeita. Ora, se esta tipografia tivesse funcionado, muita coisa poderia ter sido diferente. O desfecho final talvez fosse o mesmo, mas as nuances...". A resposta de Manoel Maurício: "Você pode construir todo um posicionamento a partir de um elemento isolado, mas é preciso ver as suas diversas faces. Isso me lembra um pouco a visão de Monteiro Lobato de que quando o brasileiro tivesse um livro na mão as coisas mudari

am. (...) Não vou negar a importância da imprensa, mas não de forma isolada. Na América Espanhola houve imprensa, no entanto o grau de alfabetização sempre foi diminuto, porque era uma imprensa a serviço de uma dominação. A formação portuguesa tinha uma fraqueza intrínseca, e a partir do século XVIII dependia inteiramente dos recursos brasileiros. Não havendo uma estrutura manufatureira - Portugal era um país de comerciantes - e com uma estrutura agrária declinante, qualquer inovação era perigosa. Quando a dominação portuguesa temia o efeito eventual da imprensa, demonstrava sua própria fraqueza. A Espanha podia se dar ao luxo de aproveitar a imprensa como instrumento de dominação". Segundo o entrevistado essa situação não se alterou nem mesmo com a autorização para o funcionamento da imprensa oficial no início do século XIX, já que ela "só se dedicava às entradas e saídas de navios, e as notícias internacionais eram sobre a Pérsia, a longínqua China, nada sobre a Europa Napoleônica, e muito menos sobre o liberalismo inglês". Ainda assim houve uma tentativa essa barreira colonialista, logo denunciada e punida. Para Manoel Maurício, "a única área do território que hoje chamamos Brasil que teve imprensa contínua foi nas missões jesuítas, onde se chegou a imprimir obras em guarani".

O IBOPE É UM OBSTÁCULO PARA O RÁDIO

Nos últimos cinco anos o mercado de rádios absorveu 23 milhões de receptores e continua crescendo fortemente. O Rádio é o veículo mais barato que existe. E o Rádio representa a garantia de um rápido retorno para os anunciantes em programas de grande audiência. Mas, apesar de tudo isso, o mercado publicitário continua mantendo uma visão distorcida do rádio, que por isso recebe uma fatia de 8,5% das verbas. Para a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica a culpa é do IBOPE que não tem condições de medir, com objetividade, o nível de audiência do Rádio, já que o número de aparelhos ligados por residência triplicou mas o instituto continua acreditando que para cada uma há apenas uma estação sendo ouvida. Para a Associação, as pesquisas indicam que as emissoras de rádio de São Paulo têm mais de 7,5 milhões de ouvintes e 88 por cento dos paulistanos, por exemplo, ouvem alguma rádio por minutos ou horas, a cada dia. O IBOPE, no entanto, abaixa drasticamente esse índice e afirma que existem apenas 2,55 milhões de ouvintes de rádio. Em torno disso é que se desenvolveu nos últimos meses uma surda batalha pela mudança de critérios e que acabou resultando na fundação da Sociedade Central de Rádio, entidade cujo presidente afirma que seus associados não mais aceitarão a metodologia da pesquisa atualmente realizada pelo IBOPE. Para os que apoiam a tese, embora seja

muito difícil conseguir uma pesquisa ideal, isso não quer dizer que, para o Rádio ela deva ser familiar, como é o caso da televisão, e sim individual. "Sabemos que essa pesquisa será mais cara - disse Samir Razuk, da Rádio Bandeirantes, - temos conhecimento das dificuldades técnicas para implantá-la, mas precisamos dela, precisamos de um retrato da realidade que seja realmente confiável".

BRASIL FOI O SEGUNDO COLOCADO NO CONCURSO DA NIKON

O Brasil conquistou o segundo lugar, em número de participantes premiados (16), no 129 Concurso Internacional de Fotografia Nikon, só perdendo para os Estados Unidos. O concurso, aberto aos profissionais e amadores de todo o mundo, foi dividido em duas categorias: branco e preto e colorido. Na primeira categoria, os brasileiros ficaram com o segundo e o terceiro lugares ("A Caminho", de Robert Chyoda; "Garimpo de Ouro", de Juca Martins; ambos de São Paulo). Na segunda categoria, os brasileiros também ficaram com o segundo e terceiro lugares ("Ouro-Serra Pelada", de Claus Meyer; e "Nicarágua", de Frederico Mendes; ambos do Rio de Janeiro).

TV-MULHER COMPLETA UM ANO DE VIDA

Experiência considerada temerária quando de seu lançamento, TV-Mulher, o programa matinal da Rede Globo de Televisão, completou o seu primeiro aniversário sob saudações da crítica especializada e com um razoável público a lhe prestigiar. Com três horas e meia de duração, TV-Mulher significou a ocupação definitiva do período da manhã pela televisão no Brasil (timidamente ensaiada antes com o Bom Dia São Paulo) e lançou ao estrelato o nome de Marília Gabriela, hoje um nome nacionalmente conhecido. Além disso, o programa deu uma nova dignidade à programação de televisão dirigida ao público feminino que, nos trinta anos da TV brasileira, raramente conseguiu fugir da pobreza absoluta. Com a participação de nomes como Henfil, Ney Gonçalves Dias, Rose Nogueira, Martha Suplicy, Clodovil e sob a direção de Nilton Travesso, o programa deverá manter-se numa linha experimental, de acordo com seus responsáveis. Na opinião de Liane C.A. Alves (em O Estado de São Paulo de 07/04/81), "TV-Mulher deve partir para o amadurecimento da idéia de que o programa exerce, primordialmente, uma função social: a conscientização da mulher no seu universo econômico, político, social, cultural e psicológico. Uma mulher que tem na TV a sua principal, e quase sempre única, fonte de formação e informação".

PARANÁ SEM PRODUÇÃO EM TV

Apesar do Paraná possuir nove canais de televisão, sendo três em Curitiba, seus horários são preenchidos com programas e filmes produzidos fora do Estado por, praticamente, não existir produção nas emissoras locais. As únicas produções pelas emissoras paranaenses são os telejornais locais, complementados com a retransmissão de produções de emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo e alguns programas sertanejos, esportivos e um de auditório, que é uma tentativa de imitação do programa Silvio Santos. Os canais pertencentes à Rede Paranaense de Televisão (um em Curitiba e dois no interior) preenchem a quase totalidade de seus horários com novelas, noticiosos e programas humorísticos produzidos pela Globo. Já os Canais 6, TV Paraná de Curitiba e o 5, de Cascavel e 7 de Londrina, usam a produção da Bandeirantes ao passo que o Canal 4, TV Iguazu de Curitiba e Canal 11, TV Tibagi, de Apucarana, pertencentes ao ex-governador Paulo Pimentel, utilizam-se de programas da TVE, de outras emissoras e retransmitem para todo o Paraná o programa Silvio Santos. Ainda em 1981 entrará em funcionamento mais um canal de televisão em Curitiba, cuja instalação está sendo processada no bairro do Bacacheri pelo grupo da Bandeirantes de São Paulo. Existe um canal disponível em Curitiba para a Televisão Educativa, mas não houve interesse de empresários por julgarem de pouco interesse comercial e, conseqüentemente, não ser rentável.

MAIS UMA VEZ, O RÁDIO PRESTA GRANDES SERVIÇOS

Mais uma tragédia e mais uma chance para o rádio mostrar toda a sua importância como meio de comunicação e de utilidade pública. Desta vez, foi em Natal, Rio Grande do Norte, que durante quatro dias viveu em estado de total calamidade, devido à falta de energia, água e serviços básicos provocada pelas violentas chuvas que castigaram o estado em início de abril. De acordo com o relato de Osair Vasconcelos, correspondente de O Estado de São Paulo (ESP, 07/04/81), o rádio transformou-se nestes dias em "unanimidade total numa cidade ávida de notícias e informações sobre como sobreviver a uma situação inusitada para a geração do pós-guerra. "Munidas de geradores próprios, quatro das cinco estações de Natal se mantiveram no ar e três delas deram absoluta prioridade ao jornalismo e à prestação de serviços de utilidade pública. Embora dois dos três jornais da cidade também continuassem circulando durante o "blackout" e sendo consumidos pela população, foi o rádio, com a instantaneidade e a possibilidade de ser captado sem a necessidade de energia, que funcionou como ponto de referência para uma população atordoada com os problemas inéditos que teve de enfrentar.

O FIN DA NOVELA QUE INTRODUZIU TEMAS POLÊMICOS

O primeiro estupro e a primeira masturbação apresentadas nas telas da televisão brasileira ocorreram no decorrer da novela Coração Alado, de Janete Clair, apresentada pela Rede Globo, que chegou ao ar em meados de março. Se não foi um sucesso de crítica nem de público, Coração Alado pelo menos entra para a história da TV no Brasil pela audácia com que abordou temas polêmicos como estes e outros (incesto e bigamia, entre outros). Dêbora Duarte, no papel de Catucha, foi um dos grandes destaques artísticos da novela e, a exemplo de Regina Duarte, que introduzira o orgasmo na TV através de Malu Mulher, ganhou súbita notoriedade com a cena da masturbação, assim explicada pelo diretor Roberto Talma: "Foi uma sequência de amor, nada mais, pois, como diz Proust, cada ponto de vista depende do olhar de cada um" (Veja, 11/03/81). A cena, apresentada no capítulo 171, nove antes do final, não deixou de causar polêmica, tendo diversos jornais da grande imprensa publicado cartas de leitores indignados com ela e com toda a temática de Coração Alado.

GLOBO REVISTA ESTREIA E SOFRE CRÍTICAS

A estreia de uma das armas com que a Globo pretende manter sua supremacia na tevê brasileira diante do avanço da Bandeirantes com Walter Clark não poderia ter sido mais lamentável: Globo Revista, em sua primeira audição, mereceu a condenação unânime dos críticos e parece ter deixado muito a desejar ao público. É bem verdade que ela ocorreu num dia anormal do ponto de vista jornalístico (o dia do atentado contra Reagan, do assassinato de Eliana de Grammont por Lindomar Castilho, do fechamento da boate Rêgine's em São Paulo e da prisão da viúva de Baby Pgnatari). Mas, exatamente pela profusão de assuntos jornalisticamente importantes, o Globo Revista deveria ter apresentado um rendimento superior. Paulo Maia, crítico do Jornal do Brasil, lamentou a participação de Hélio Costa, dos Estados Unidos, com observações fúteis e triviais a respeito do atentado contra Reagan e a coincidência histórica com os presidentes americanos eleitos em anos terminados por zero. Maia também criticou o tempo perdido com matérias frias quando tantos acontecimentos inesperados reclamavam uma intervenção mais vibrante dos participantes do programa (JB, 01/04/81). Na Folha de São Paulo, o crítico EDF lembrou a inabilidade do sistema global com transmissões ao vivo: "Estudantes de televisão, mesmo do primeiro ano, não teriam feito pior. Com exceção da iluminação, tudo saiu errado no programa. A apresentação é operação do som. O mais gritante, entretanto, foi da apresentação da mais poderosa emissora da América do Sul pa-

ra fazer aquilo que se aprendeu primeiro na televisão, que é a transmissão ao vivo. A Globo parece estar pagando agora o preço de ter optado pelo uso indiscriminado do vídeo-teipe, que desenvolveu como pouquíssimas emissoras em todo o mundo" (FSP, 01/04/81). Hebe na Silveira, na mesma Folha, também não poupou censuras à estréia do novo telejornal: "O clima da Globo-Revista foi tão morno, apesar da fervura das ocorrências, que até o nosso charmoso e superaquecido Paulo Francis resolveu não se envolver e entrou com seu ceticismo meio maroto, olhando de esguelha o colega Hêlio Costa, este padecendo de um eterno complexo de debutante em relação aos Estados Unidos". (FSP, 01/04/81)

OSCAR CONTINUA TRÁGICO

Todos os anos, a tragédia se repete: a Globo transmite a festa de premiação do Oscar e o telespectador brasileiro é privado por completo de saber o que se diz durante o programa. Mudam os tradutores, mas nenhum conseguiu sequer se aproximar de uma atuação razoável. Este ano, Hêlio Costa e Rubens Ewald Filho, mais aquele do que este, repetiram um triste festival de falhas, deixando frases incompletas, discursos sem sentido, informações indefinidas, demonstrando a absoluta inutilidade desta transmissão tão cara quanto sem sentido para o Brasil, pelo menos mantido este esquema fracassado.

GUERRA BANDEIRANTES VS GLOBO

A transferência de Walter Clark para a Rede Bandeirantes de Televisão provocou, ao que tudo indica, os primeiros temores por parte da Rede Globo em relação ao seu até aqui incontestável predomínio de público que já dura dez anos. Os analistas de TV estão, a todo o momento, apontando sinais deste receio da Globo, embora até o final de março, ele tivesse muito pouca justificativa, em virtude do tímido começo de Clark na Bandeirantes. A programação da Globo para a temporada 81 prevê algumas novidades: novas séries (Amizade Colorida, a versão masculina de Malu Mulher, interpretada por Antonio Fagundes e Obrigado Doutor, um Dr. Kildare caboclo, com quinze anos de atraso, com Francisco Cuoco e Nicette Bruno), longas metragens feitos especialmente para a televisão, o humorístico Viva o Gordo, que já estreou sem grande repercussão. A grande guerra, contudo, promete ser na área do telejornalismo e das transmissões esportivas. Como aconteceu na programação de entretenimento, também nesses setores a iniciativa foi da Globo: um programa de análise semanal, o Globo Revista, em que o jornalista Enio Pesce está sendo testado para possivelmente ser transformado no Walter Cronkite brasileiro: o

Globo Repórter feito por "free-lancers" (fórmula que, contudo, está esbarrando na rígida censura global - ver matéria a respeito neste boletim) e a segunda edição do Jornal Nacional, que veio substituir, com prejuízo o jornal da Globo. No que se refere a esportes, o primeiro gol foi da Globo: conseguiu a exclusividade para a transmissão das corridas de Fórmula Um, que no ano passado havia ficado com a Bandeirantes. Além disso, Esporte Espetacular passou para a tarde de sábado e ganhou mais uma hora de duração. Diante de todas essas iniciativas, a Bandeirantes permanece nos planos que, segundo sua direção, começarão a ser mostrados a partir de maio. Por enquanto, as novidades são maiores no que se refere a saídas do que entradas: Hebe Camargo, Moacir Franco, Walter Avancini e Cláudia Petraglia são quatro nomes famosos que deixaram a Bandeirantes depois da subida de Clark. Os planos, no entanto, parecem ambiciosos: um telejornal de análise, diário, de meia-hora, com Joelmir Betting fazendo o papel de anchorman (que a Globo espera de Pesce), até hoje sem um bom titular na tevê brasileira; importação de programas da tevê européia, para romper o monopólio norte-americano; a exploração do público adolescente/jovem, com um programa comandado por Nelson Morra; a transmissão exclusiva do Campeonato Mundial Interclubes de Basquete, em junho; a novela Os Imigrantes, produzida por Alvaro Moya. Por enquanto, nesta guerra em que a franca favorita aparece assustada e tímida, embora tomando a dianteira, a Bandeirantes só conseguiu vencer uma batalha: a transmissão dos shows de Queen no Morumbi, que conquistou grandes audiências.

SINTOMATOLOGIA DE UMA FOTO

Raramente uma fotografia consegue tanto impacto como a de Jânio Quadros, feita por Fernando Pereira, que o Jornal do Brasil publicou em sua primeira página, no início deste ano. Reproduzida por diversos outros órgãos da imprensa brasileira, a foto mostra Jânio numa expressão facial e gestual tão extravagante que não deixa de provocar reações inusitadas nas pessoas. O professor de Comunicação Muniz Sodré, no próprio Jornal do Brasil (de 04/04/81), tomando Roland Barthes como referência teórica, publicou um estudo semiótico da foto de Fernando Pereira. Sodré realça "o gestuário incongruente, a insólida disparidade entre o dedo médio que visa o chão e os olhos forçadamente voltados para cima. Esse olhar convulsivo, essa excessiva desenvoltura da pose capturam a nossa atenção, como se revessem algo não tão facilmente visível na presença física ou quase-física (televisada) do ex-presidente. O 'algo' entrevistado percorre toda uma gama de significações entre as noções de desequilí-

brío e messianismo". O interessante texto de Sodré introduz uma nova gama de análises sobre o desempenho de nossa imprensa, a interpretação de fotografias, que, apesar da riqueza do material disponível, tem sido muito pouco praticada pelos estudiosos de Comunicação.

NOVAS REDES ALARDEAM PRIORIDADE A JORNALISMO

As novas redes de televisão (veja matéria sobre a concessão nesta edição) estão alardeando que o jornalismo será prioritário em suas programações. Nomes famosos, pelo menos, as duas já têm para comandar sua divisão de telejornalismo: Arlindo Silva, o veterano repórter dos tempos áureos de O Cruzeiro (a única publicação jornalística brasileira que conseguiu tiragens realmente expressivas), pela TV-S e Alexandre Garcia, o ex-porta-voz do presidente Figueiredo, demitido depois de entrevistas à revista Ele e Ela (da Bloch, por sinal) sobre sua vida íntima, pela TV-Manchete. Pelo menos, o fato destes dois profissionais serem do ramo jornalístico já indica boas novas. Junto com Joelmir Beting, da Bandeirantes e Enio Pesce e Carlos Monforte, da Globo, eles darão, pelo menos, um toque de profissionalismo ao nosso telejornalismo, algo que há muito tempo não se via, talvez desde as priscas eras em que Carlos Spera trabalhava na pioneira TV-Tupi, Canal 3, de São Paulo. É claro que outros bons profissionais passaram pelos vídeos das TVs brasileiras de lá para cá, mas sempre em aparições efêmeras e descontínuas. Como tendência geral, esta é uma fase nova na televisão brasileira, uma fase em que o telejornalismo parece estar sendo entregue para jornalistas de fato.

REDE EDUCATIVA SOFRE MODIFICAÇÃO

O sistema de emissoras de TV-Educativa do País, que constitui hoje uma verdadeira rede que atinge quase todo o Brasil, passou no mês de março por modificações que podem mudar-lhe a feição. Aparentemente dentro de um plano do ministro Ruben Ludwig de assumir plenamente e com amplos poderes todas as áreas ligadas ao MEC (ver matéria sobre o Mobral nesta edição), as reformas nas TV-Es vão desde o pessoal dirigente até a orientação programática. Cláudio Figueiredo assumiu a secretaria de Aplicações Tecnológicas da TV-Educativa do Rio de Janeiro e Roberto Parreira a direção executiva da Fundação Centro Brasileiro de TV-Educativa. Ao tomarem posse de seus cargos, anunciaram completa avaliação dos programas produzidos pela rede e promoveram o reequipamento das nove emissoras que a compõem. Coerente com a linha que o general Ludwig vem propalando, a prioridade um será dada agora às áreas do ensino básico, em segundo lugar

o ensino supletivo, só depois vindo o lazer cultural, com especial destaque para os esportes. O novo diretor-executivo Roberto Parreira, em entrevista a O Estado de São Paulo (29/03/81), delineou a nova orientação: "Não vamos concorrer com as emissoras particulares. A nossa idéia é dar, ao menos, à TV-E um compromisso de esporte, lazer cultural e teleeducação".

FILME NACIONAL INVADE A TELEVISÃO

O filme brasileiro e a televisão, que durante toda sua existência comum andaram distanciados um do outro, parecem finalmente encontrar pontos de aproximação. Ao mesmo tempo que a Embrafilme diminuiu o custo para TV do produto cinematográfico nacional, colocando-o em condições de concorrer com o barato produto estrangeiro, os cineastas reunidos em Gramado reivindicavam espaço na programação de televisão e as redes anunciavam planos para o preenchimento deste espaço. A TV-Record de São Paulo, explorando principalmente o filão da pornochanchada, derrubou o mito de que filme brasileiro não dá IBOPE na televisão. A Bandeirantes promete horário nobre para o cinema nacional. E a Globo está contratando cineastas do porte de Arnaldo Jabor e Tizuka Yamazaki para dirigirem filmes feitos para TV, a serem exibidos em seu novo programa mensal Prémière Nacional. A Embrafilme acredita, até, que este novo mercado para o cinema nacional pode livrá-la de suas graves dificuldades econômicas atuais, segundo entrevista de seu diretor Celso Amorim ao Jornal do Brasil (31/03/81). Quanto aos críticos de TV, recebem a nova tendência com entusiasmo. Como Paulo Roberto Leandro: "(essa tendência)... é também um indício de que talvez a televisão vá, aos poucos, se transformando de binóculo focalizado na fantasia distante, em espelho, que pelo menos reflita a realidade onde nossa própria imagem se insere". (ESP, 05/04/81)

SAI NOVO JORNAL FEMINISTA

O movimento feminista continua crescendo de importância e penetrando em novos setores da sociedade. Mulherio é mais um jornal dedicado à causa das mulheres. Foi lançado na mesma época do polêmico III Congresso da Mulher Paulista. Bimensal, em formato de boletim, com 16 páginas, editado pela Fundação Carlos Chagas, Mulherio tem como objetivo principal divulgar informações sobre problemas da condição feminina. Assinaturas podem ser feitas diretamente com a Fundação Carlos Chagas (Av. Francisco Morato, nº1565, CEP 05513, São Paulo, SP).

PT LANÇA SEU JORNAL

O Partido dos Trabalhadores, a exemplo do que também deve fazer o PMDB, vai lançar ainda neste semestre o seu próprio jornal. O novo periódico ainda não tem nome nem logotipo, que deverão ser escolhidos através de campanha a ser brevemente lançada. Mas a tiragem e a periodicidade já estão decididas: o jornal será quinzenal e terá 70 mil exemplares. Já há pelo menos três órgãos da imprensa alternativa que apóiam o PT, embora não sejam seus porta-vozes oficiais. São eles: O Trabalho, Companheiro e Em Tempo. A notícia sobre o lançamento do novo jornal saiu em Movimento, em sua edição de 30/3 a 5/4 de 1981.

FOLHETO PUBLICITÁRIO, UM VEÍCULO PERSEGUIDO

A Prefeitura Municipal de São Paulo, com o apoio da Associação Brasileira de Agências de Propaganda, resolveu perseguir e exterminar os folhetos publicitários que são distribuídos na cidade. Sob a alegação de que os bueiros paulistanos estão entupidos de papéis, a administração do município instituiu comandos de fiscais com ordens de apreender o material e multar o distribuidor de folhetos.

CINECLUBE INFANTIL

No Rio de Janeiro, uma experiência nova para o cinema: um cine-clubesão para crianças. O Cine-Clube Tio Maneco, que funciona na Aliança Francesa, terá sessões todos os domingos à tarde, inauguradas no dia 13 de março, com Maneco, o Supertio, de Flávio Migliaccio. (JB, 13/03/81)

CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE FILME

Maneira original de promover o lançamento de um filme: um concurso de monografias sobre Ato de Violência, de Eduardo Scorel, que estreou nacionalmente dia 6 de abril. A promoção é da Embrafilme e da Lynxfilm, que vão pagar 180 mil cruzeiros pelos três melhores trabalhos suscitados pela exibição do filme. Os interessados podem obter o regulamento do concurso e maiores informações pela Caixa Postal 5195, São Paulo, colocando no envelope como destinatário: o Concurso Ato de Violência.

TEATRO OFICINA VIRA CENTRO DE MULTIMEDIA

O grupo teatral Oficina, dirigido por José Celso Martinez Correa, entrará em uma nova fase, segundo revela matéria do jornalista Gabriel Priolli Neto, publicada pela Folha de São Paulo (01/04/81). Ago

ra, o Oficina será um centro de multimedia e um de seus primeiros projetos em sua nova fase é uma telenovela. Segundo a nova proposta, o grupo deixará o estágio artesanal de produção artística para se organizar como uma indústria de artes e espetáculos. Sobre o projeto específico da novela, José Celso diz que ele corresponde a uma "forma antropofágica... É a visão descongelada, descolonizada, sem rótulos, sem fórmulas, sem estereótipos. É a própria invenção permanente. Nós queremos fazer algo com uma visão contemporânea da cultura, não uma coisa clássica. "A novela vai ter o título de "Fronteiras" e é um projeto de Noilton Nunes e Ivo Perez, baseada na expedição organizada em 1905 pelos governos do Brasil e do Peru para a demarcação de fronteiras e que teve Euclides da Cunha na chefia da missão brasileira. O único problema está sendo o de encontrar uma emissora de televisão que queira se associar ao projeto.

ANÁLISE CONDENA REPORTAGEM SOBRE DEFICIENTES

Romeu Kazumi Sasaki, integrante do Movimento pelos Direitos das Pessoas Deficientes, está publicando um livreto que contém a análise por ele feita de uma reportagem da Rede Globo a respeito de problemas de deficientes físicos. O programa, inserido no especial de fim de ano de Roberto Carlos, é condenado por Sasaki: "Num balanço final, fica uma certeza: os módulos, em sua maioria, perpetuam preconceitos, ignorância e barreiras atitudinais face à pessoa deficiente". De acordo com a sua análise, o conteúdo da matéria da Globo reforça a imagem de "coitadinho" do deficiente físico, incentivando a auto-piedade. O livreto de Sasaki chama-se Pessoas Deficientes e TV-Análise de uma Reportagem e foi divulgado por José Ortiz, em matéria para a Folha de São Paulo (20/03/81).

MALU MULHER NA HOLANDA

A série brasileira de televisão Malu Mulher foi ao ar na TV holandesa durante sete semanas em janeiro e fevereiro e fez muito sucesso: mais de três milhões de telespectadores como público. A informação é da jornalista Heloisa Castello Branco, em matéria no Jornal do Brasil (08/03/81). Segundo ela, o trabalho de Regina Duarte e o conteúdo da série foram intensamente elogiados pela crítica especializada holandesa. Foi o primeiro programa de TV brasileiro comprado pela Holanda. E seu sucesso prenuncia novos negócios, inclusive de mais episódios de Malu para o segundo semestre deste ano.

MUITA REAÇÃO NEGATIVA ÀS NOVAS REDES

As reações à concessão das duas novas redes de televisão feita pelo

governo federal parecem indicar que apenas os vencedores saíram satisfeitos. De um modo geral, tanto a imprensa, como os trabalhadores em rádio e televisão e políticos e homens públicos condenaram o resultado da licitação, que beneficiou os grupos Silvío Santos e Bloch. Entre os motivos das críticas, dois mereceram destaque: o fato de o grupo Silvío Santos já possuir estações de televisão no Rio de Janeiro e São Paulo, estando, portanto, legalmente impedido de receber novas concessões e o fato de o presidente das organizações Bloch não ser brasileiro, o que contraria a Constituição que reserva apenas aos brasileiros o direito de operar com emissoras de televisão. Além disso, muitos analistas lembraram o fato de que outros grupos concorrentes, em especial o Jornal do Brasil e a Abril têm uma tradição de competência e qualidade na área da indústria cultural muito superior à dos vencedores. O Sindicato dos Radialistas de São Paulo chegou a se declarar em luto, decepcionando com a vitória de Silvío Santos, considerado um mau patrão pelos radialistas. Também a demora no processo de licitação, que deveria ter sido encerrado pelo menos quatro meses antes do que foi, mereceu condenações de jornais e parlamentares, pois ela representa um indício de que não foram os critérios técnicos que presidiram a decisão, pois se sô eles fossem atendidos, o resultado poderia ter sido divulgado com muita antecedência. Ao que tudo indica, contudo, as negociações não foram encerradas no dia 19 de março, quando se anunciou os vencedores da licitação, pois ainda há que se satisfazer o grupo Capital, que provavelmente deverá receber o controle acionário da TV-Record de São Paulo (que tem Silvío Santos como um de seus sócios com 49% das ações) e da antiga TV-Continental do Rio de Janeiro, incluída na nova rede que o grupo Silvío Santos ganhou. Apesar das reações negativas, contudo, os empresários Bloch e Santos garantiram que vão ajudar a melhorar o nível da televisão brasileira e consideraram sua entrada na concorrência como salutar para o público. Os dois prometem ênfase no jornalismo e nos esportes (Bloch) e na programação de entretenimento (Santos). No meio publicitário, que em 1980 mobilizou 60 bilhões de cruzeiros em anúncios de televisão, o ambiente também foi de otimismo, acreditando-se que a nova concorrência estimulará o mercado, apesar da crise econômica geral que assola o País. Outro ponto que está sendo considerado positivo é o aumento do mercado de trabalho na indústria cultural (o que ocorreria independente de quem fosse vencedor da licitação). As novas redes deverão estar com suas programações no ar ainda neste primeiro semestre de 1981.

BIBLIOGRAFIA CORRENTE DE COMUNICAÇÃO
Nº 25 (Abril - 1981)

Editor: José Marques de Melo

Publicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rua Augusta, 555 - São Paulo - SP - CEP 01305, realizada com a colaboração do Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo.

1. Obras gerais

RUBIM, Antonio Albino - História e Comunicação no Capitalismo. João Pessoa, UFPB, 1980

Ensaio sobre as relações entre a comunicação e a sociedade na fase de formação do capitalismo e na sua etapa concorrencial.

MALDONADO, Maria Tereza - Comunicação entre pais e filhos - a linguagem do sentir. Petrópolis, Vozes, 1981

Análise das várias formas de comunicação que os pais utilizam do dia-a-dia com as crianças, examinando a contribuição de cada um no sentido de dificultar ou, por outro lado, de facilitar o desenvolvimento emocional saudável e a construção de um vínculo de expressão aberta e livre entre ambos.

CHAUI, Marilena - Cultura e democracia. São Paulo, Contemporânea, 1981

Ensaio e conferências que focalizam dicotomias como: saber-poder, ciências-ideologia, humanismo-tecnocracia, alienação-consciência verdadeira, elite-povo, sociedade civil-Estado, democracia-socialismo. Aos estudiosos da comunicação interessam particularmente os capítulos: cultura do povo e autoritarismo e notas sobre a cultura popular.

APROPUC/SP - Uma experiência democrática: o caso PUC/SP. São Paulo, Cortez, 1981

Documentário sobre o processo de democratização da PUC/SP, envolvendo a análise do poder dentro da universidade e destacando a experiência de eleição direta para o preenchimento do cargo de Reitor. O volume contém ainda estudos sobre a crise financeira da Instituição e a participação da Associação dos Docentes nos últimos acontecimentos da vida da universidade.

2. Comunicação de massa

ITO, Shinichi e outros - Historical development of media systems - Japan. Paris, UNESCO, 1979

Perfil histórico sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa na sociedade japonesa. Além de uma visão panorâmica (S. Ito), há capítulos especiais sobre os jornais, a radiodifusão, a editoração, o cinema, os novos meios tecnológicos, além de um estudo sobre a adoção dos códigos de jornalismo e sobre o conteúdo dos jornais japoneses.

SECANELLA, P. M. - El lid, fórmula inicial de la noticia. Barcelona, ATE, 1980

Manual universitário dedicado à redação do lead. A autora não se restringe a inventariar fórmulas, mas realiza um estudo comparativo sobre o uso do lead na imprensa espanhola.

FONTCUBERTA, Mar - Estructura de la noticia periodística. Barcelona, ATE, 1980

Manual destinado aos estudantes de jornalismo que se propõe como roteiro crítico para o conhecimento das técnicas de trabalho noticioso. Além de discutir o conceito de notícia, a autora analisa sua estrutura e fontes, oferecendo exemplos de uso de citações, bem como agrupando diferentes tipos de notícias.

ESTEBAN, Jorge de - Por una comunicación democrática. Valencia, Fernando Torres Editor, 1976

Ensaio teórico sobre conceito e tipos de meios de comunicação de massa, sua influência e as possibilidades de regulação jurídico-constitucional.

GARGUREVICH, Juan - La Razon del Joven Mariategui. Lima, Editorial Horizonte, 1978

Estudo sobre o primeiro diário de esquerda publicado no Peru. Trata-se do jornal editado por José Carlos Mariategui, fundador do Partido Comunista Peruano e patrono dos movimentos marxistas surgidos naquele país. O livro contém uma retrospectiva dos personagens e razões envolvidos com o jornal, faz uma análise do conteúdo do jornal e destaca sua significação política no panorama do jornalismo peruano.

GRAHAM, Katharine, coord. - La página editorial. Mexico, Ediciones Gernika, 1979

Coletânea de artigos que analisam o processo de produção e repercussão da página editorial do jornal The Washington Post. Os autores analisam os diversos gêneros opinativos publicados na página editorial.

DIAS, Marco Antonio Rodrigues - A Unesco e a nova ordem mundial da comunicação. Florianópolis, UFSC, 1981

Descrição e comentários dos estudos e conclusões realizados pela Comissão McBride, que sugeriu à Unesco medidas concretas para a implementação de uma nova ordem mundial da comunicação, aprovadas na última reunião daquele órgão da ONU em Belgrado.

3. Comunicação no Brasil

MARQUES DE MELO, José - Telemania, anestésico social. São Paulo, Edições Loyola, 1981

Reflexões sobre a função social da televisão na sociedade brasileira, seu papel alienante e suas vinculações com a estrutura política e econômica do país. Além disso, são colocadas algumas questões sobre comunicação de massa, cultura popular e consumismo. A intenção do autor é contribuir para uma leitura crítica da comunicação no Brasil.

LIMA, Venício Artur de - Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981

Tentativa de analisar e avaliar as idéias de Paulo Freire sobre comunicação e cultura e suas possíveis contribuições aos estudos de comunicação.

FRANCHETTI, Paulo Elias Allane e Antonio Alcir Bernardes. PERCORRA - Rubem Braga. São Paulo, Abril, 1980

Coletânea de crônicas de Rubem Braga, destinada a estudantes de literatura brasileira, precedida de um estudo sobre a especificidade da sua contribuição para a literatura nacional. Rubem Braga é considerado o único escritor brasileiro que ficou célebre com uma produção de natureza essencialmente jornalística.

HAZZI, Angela Parente - Comunicação e desenvolvimento rural: da prática da persuasão à alternativa do diálogo. Rio de Janeiro, ABT, 1980

Estudo sobre os mecanismos que mediatizam as relações dos grupos rurais com a sociedade mais ampla - escola, meios de comunicação e programas de extensão rural - referindo-se aos modelos de desenvolvimento e aos pressupostos ideológicos sobre os quais se apóiam.

Os estudantes de comunicação e a radiodifusão brasileira, Florianópolis, UFSC, 1980

Moções apresentadas pelos estudantes de jornalismo da UFSC ao IV Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação. Ali se enfatiza a necessidade do conhecimento histórico

sobre o papel dos sistemas de comunicação no Brasil e da pesquisa sobre a importância na radiodifusão na vida política brasileira, especialmente depois de 1964.

SOARES, Ismar de Oliveira - Evangellizacion y comunicacion. Lima, CELADEC, 1980

Versão em língua espanhola do estudo sobre os boletins de cesanos brasileiros como instrumentos a serviço dos marginalizados. Trata-se de um trabalho apresentado originalmente ao II Ciclo de Estudos da INTERCOM.

4. Comunicação popular

CELADEC - Como leer los periódicos ? . Lima, 1981

Rotelro didático para formar leitores críticos de jornais e revistas. Na primeira parte, é colocada a questão da manipulação da informação. O restante do volume é dedicado à aplicação prática das técnicas de leitura crítica. Trata-se de uma publicação dirigida às organizações e grupos populares que trabalham em comunidades periféricas.

CELADEC - Breve guía técnica de dibujo popular. Mexico, Ediciones Pueblo, 1981

Manual que sistematiza as experiências das organizações populares latino-americanas na produção da sua própria comunicação gráfica. A finalidade da publicação é difundir técnicas que possam melhorar a produção de materiais educativos e políticos das comunidades de trabalhadores. As lições coletadas referem-se não apenas à estética, mas sobre tudo à tecnologia da comunicação gráfica possível de ser empregada diretamente pelo povo.

5. Obras afins

CASTELLS, Manuel - Cidade, democracia e socialismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980

Análise sobre a relação entre o movimento cidadão e a

problemática econômica e política do capitalismo avançado, tendo como ponto de referência a experiência subjacente às reivindicações dos moradores dos subúrbios de Madrid.

GILLY, Adolfo - La nueva Nicaragua. México, Nueva Imagen, 1980

Relato jornalístico sobre a revolução nicaraguense, antes e depois da derrubada de Somoza. Além de descrever o cenário dos acontecimentos, o autor analisa as perspectivas e as possibilidades da revolução sandinista.

KOTLER, Philip - Marketing. São Paulo, Atlas, 1980

Livro-texto sobre administração mercadológica, destacando a natureza de cada fase do processo de comercialização. Aspectos de interesse dos estudiosos da comunicação: comportamento do comprador, estratégia de produtos e marcas, decisões de canal, decisões de comunicação - promoção e propaganda, pesquisa e sistema de informação, etc.

CAVALCANTI, Paulo - O caso eu conto como o caso foi, 2º vol. Recife, Guararapes, 1980

Memórias políticas, destacando fatos, personagens e movimentos da vida de Pernambuco nos últimos quarenta anos. Apesar do prisma pessoal adotado pelo autor para relatar suas recordações, trata-se de obra útil para os historiadores dos movimentos sociais nordestinos. Interessa particularmente aos estudiosos da comunicação os episódios referentes à fundação da AIP - Associação de Imprensa de Pernambuco, e ao registro que faz o autor sobre o comportamento tendencioso da imprensa pernambucana nos dias que se seguiram ao golpe militar de 1964.

INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE - A pastoral de juventude no Rio Grande do Sul. Petrópolis, Vozes, 1981.

Análise sobre a experiência de um decênio da pastoral de jovens no RS, com diagnósticos referentes às diversas regiões eclesiais do Estado.

6. Periódicos

ENSAIO / TEATRO, nº 3. Rio de Janeiro, Edições Muro, 1980

Edição monográfica destinada a recuperar a memória da UNE; destacando-se alguns depoimentos sobre o projeto de cultura popular contido no CPC.

MEDIA DEVELOPMENT, nº 3. Londres, WACC, 1980

Edição monográfica dedicada à comunicação popular, vista como uma alternativa latino-americana.

CADERNOS DO CEDES, nº 2. São Paulo, Cortez, 1981

Edição monográfica dedicada ao debate da formação do educador, com artigos de Moacir Gadotti, Jefferson Ildefonso da Silva e outros.

COMUNICACIÓN - Estudios y documentos - nºs 1 e 2, Bogota, UNDA /AL, 1980

Edições monográficas dedicadas ao estudo da nova ordem mundial da comunicação, destacando a significação desse movimento para a América Latina e buscando a formação de um ponto de vista católico sobre o assunto.

ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, nº 27, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980

Destques: As nanicas cresceram (Luis Verginaud), Perguntas de vinte intelectuais brasileiros a Luis Carlos Prestes, Universidade e política (Antonio Candido)

BOLETIM INFORMATIVO E BIBLIOGRÁFICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, nº9 - Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1980

Além do perfil institucional de organizações como o IUPERJ, o PIMES/UFPE, o CEDEC e o Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia da URGs, traz um registro

atualizado sobre teses, dissertações e pesquisas em andamento na área de ciências sociais.



IV CICLO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DA COMUNICAÇÃO

Promoção: INTERCOM
Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

Data: 4 a 7 de abril de 1981

Local: Via Anhangüera (São Paulo)

Tema central

COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA e
CONTRA-INFORMAÇÃO

Inscrições e informações:
INTERCOM — Rua Augusta, 555 — sobreloja
01305 São Paulo - SP

FILMES BRASILEIROS NOS USA E NA URSS

O ano de 1981 está sendo bom para o cinema brasileiro no mercado internacional. Depois do extraordinário sucesso de Bye-Bye Brasil, de Cacá Diegues, o público norte-americano está recebendo agora Gaijim, de Tizuka Yamazaki, que estreou em San Francisco, no dia 3 de abril. Na União Soviética, semanas de cinema brasileiro realizadas em três cidades (Moscou, Leningrado e Alma Ata, no Cazaquistão) tiveram boa receptividade. por parte do público. A informação é do Jornal do Brasil (02/04/81).

MAURÍCIO FAZ SUCESSO NO JAPÃO

Maurício de Souza e a Sanrio Company chegaram a um acordo e os personagens do desenhista brasileiro continuarão a aparecer no Japão, não apenas nos jornais, mas também em dezenas de produtos industrializados pela empresa. Já há quatro anos que Horácio e seus companheiros são conhecidos do público japonês. Com o novo contrato, a eles se seguirão Mônica e seus amigos e Pelezinho e seu time. A Sanrio já é a responsável pela divulgação no Japão da turma de Snoopy, personagem de Charlie Schulz. O Jornal da Tarde (13/03/81) foi quem publicou matéria sobre o novo acordo entre Maurício e a Sanrio.

SALÁRIO-MÍNIMO COMPLETA UM ANO

Único jornal da imprensa alternativa no Rio Grande do Norte, Salário-Mínimo, um jornal com fome de verdade, órgão da Cooperativa dos Jornalistas de Natal - COOJORNAT - completou em abril seu primeiro ano de existência. Apesar das extremas dificuldades econômicas por que tem passado, o jornal conseguiu sair regularmente durante estes 12 meses, cumprindo um papel importante de denúncia de abusos administrativos e de defesa dos interesses das classes trabalhadoras populares. O jornal conseguiu até iniciar um amplo movimento em favor de melhores condições de transporte, no final do ano passado, que contou com a adesão de centenas de pessoas que participaram de atos públicos, entrega de abaixo-assinados e inúmeras reuniões. Uma edição especial de aniversário comemorou o primeiro ano de Salário-Mínimo.

Tecnologia

VIDEOCASSETE BRASILEIRO JÁ É PRODUZIDO

Foi lançado em março no mercado a primeira aparelhagem de videocassete fabricada no Brasil, pela Sony, no Paraná. Com um índice de 51% de nacionalização, o videocassete brasileiro é caro (450 mil

cruzeiros e reprodutor e 650 mil o gravador/reprodutor) e deverão ser consumido, num primeiro momento, mais por instituições de ensino ou empresas do que por particulares com intuito de diversão e lazer.

RASTRO DE METEORITOS USADO EM COMUNICAÇÕES

De acordo com matéria publicada na Folha de São Paulo (21/03/81), o rastro de meteoritos pode ser usado para comunicações, no lugar de satélites artificiais, a um custo bem mais baixo. Várias centenas de meteoritos entram anualmente na atmosfera e deixam uma esteira de partículas ionizadas de dois a três quilômetros de comprimento. Estas partículas podem ser usadas para refletir ondas de rádio a distâncias de até 2000 quilômetros. O equipamento eletrônico para isso é muito pouco dispendioso e a técnica já é conhecida há pelo menos 30 anos. Sua utilização não pode ser constante porque a "população" de meteoritos não é estável, mas ela pode servir de interessante alternativa ocasional para o uso dos satélites.

COMUNICAÇÕES ÓPTICAS POR CABOS SUBMARINOS

Ainda conforme a Folha de São Paulo (21/03/81), o custo das comunicações feitas através de cabos submarinos poderá ser barateado em 20% com a utilização de fibras ópticas ao invés de cabos coaxiais. O novo tipo de cabo está sendo desenvolvido nos laboratórios da Bell, em Murray Hill, New Jersey, USA. Ele terá inúmeras vantagens sobre os cabos coaxiais e permitirá um desafogo no até aqui constantemente congestionado setor das comunicações telefônicas internacionais.

Profissões

JORNALISTAS PROCESSADOS EM SC

Por terem reproduzido matéria do jornal Hora do Povo sobre supostas contas secretas na Suíça de altos mandatários da República, três jornalistas do jornal Afinal e o diretor da Gazeta do Vale estão sendo processados com base na Lei de Segurança Nacional, em Santa Catarina. O processo já recebeu a argumentação da defesa e segue seu trâmite normal. (FSP, 19/03/81)

TAMBÉM EM MG HÁ PROCESSO CONTRA JORNALISTA

Igualmente incursos na Lei de Segurança Nacional estão seis jornalistas de diversos órgãos de comunicação de Minas Gerais, acusados de divulgarem notícia sobre um manifesto do Partido Comunista do Bra-

sil. Os acusados alegam que apenas cumpriram seu dever profissional. O processo também tramita normalmente, tendo sido ouvidas diversas testemunhas. (FSP, 21/03/81).

JORNALISTA CONDENADO NO PR

No Paraná, o jornalista Dicesar Plaisant Filho foi condenado a cinco meses e dez dias de prisão por "crime contra a honra, dignidade e decoro" do prefeito de Londrina, Antonio Cassemirí Belinati. O jornalista foi acusado de publicar em julho de 1978, no jornal que dirigia, o Diário da Manhã, cartas de leitores inexistentes que atacavam o prefeito. Dicesar garante que as cartas existiam, mas que foram roubadas do jornal. Dicesar cumprirá a pena em liberdade por ser primário. (ESP, 08/04/81)

REPÓRTER ACUSADO DE FORJAR REPORTAGEM

Antonio Miguel, repórter do Diário do Grande ABC, está sendo acusado de forjar fotos e informações sobre uma suposta "Patrulha da Mor-te" que teria surgido em Diadema para executar marginais. O próprio jornal reconheceu a farsa e se disse "ludibriado" pelo repórter que, embora admita que as fotos foram montadas, continua afirmando que ele só agiu assim para dar maior impacto à matéria, mas que a "Patrulha" existe de fato. (JT, 02/04/81)

UNESCO DEBATE CREDENCIAMENTO

A UNESCO tem tentado há algum tempo estabelecer um programa para credenciar correspondentes estrangeiros uniformemente, mas não tem sido bem sucedida. Recentemente, ela promoveu uma reunião com representantes de grupos jornalísticos de todo o mundo, em Paris, mas não se chegou a conclusões. A UNESCO queria que uma comissão internacional emitisse identidades válidas em todo o mundo para os correspondentes. Contudo, não se conseguiu chegar a um acordo, devido à reação negativa dos representantes norte-americanos, que consideraram a proposta como uma forma de controle do trabalho dos correspondentes. (A Tribuna, 21/03/81)

HOMEM QUE MORDE CACHORRO GANHA 1ª PÁGINA

Lição antiga dos manuais de Jornalismo diz: "se um cachorro morde um homem, isso não é notícia. Mas se um homem morde um cachorro, é o Jornal do Brasil seguiu à risca a determinação. No dia 08/03/81, em sua primeira página, publicou a história do operário Antonio Sapparemborg, que na quarta-feira de cinzas mordeu e matou um cachorro.

ArteART-DOOR NAS RUAS DE RECIFE

"Uma nova norma de linguagem artística surgiu desses painéis de 27 metros quadrados espalhados pelo Recife", segundo pensa o pintor Daniel Santiago, um dos idealizadores da I Exposição Internacional de Art-Door. A exposição, que consta de mais de 111 obras distribuídas em quase 40 ruas e avenidas da cidade, transformou o visual da capital de Pernambuco. "Os temas das ilustrações variam do mais in decifrável obstracionismo ao mais puro primitivismo, passando pelos ingênuos e medíocres. E a receptividade foi muito boa", diz Santiago. A idéia, surgida em 1971, só foi concretizada agora e, mesmo assim, apesar das dificuldades de custo, contornadas graças à ação da empresa "Bandeirantes" dona dos painéis que os colocou em locais considerados "nobres", nada cobrando pelo trabalho. A Prefeitura e a própria empresa pensam agora em manter permanentemente alguns "out-doors" artísticos pela cidade, entre os 700 que abriga normalmente, Santiago, no entanto, é contra: "o que deve ficar da "Art-Door" é o catálogo, somente. A arte dos painéis de papel tem de ser transitória e se extinguir quando as ilustrações forem cobertas pelos anúncios que as substituirão".

CLASSE TEATRAL CONTINUA DESUNIDA

A crítica de teatro do "Estado de São Paulo", Mariângela Alves de Lima, tem a seguinte opinião sobre os resultados do I Encontro Paulista de Trabalhadores em Teatro: a duração prevista de seis semanas, posteriormente reduzida a três, é uma das maiores demonstrações de que a classe teatral não está em condições de enfrentar suas próprias dificuldades. O temário do encontro, suficientemente amplo para aprofundar quase todos os problemas vividos pela categoria, não foi suficiente para provocar sua mobilização, que só ocorre - segundo Mariângela - quando se trata de definir quais critérios devem orientar a distribuição das verbas estatais. As cisões existentes entre os trabalhadores do Teatro seriam consequência disso: quatro associações de profissionais, cada uma defendendo seu quinhão de vantagens parcas e imediatistas. Assim, o I Encontro - tentando passar por cima dessas divisões - acabou por agravá-las com o consequentemente enfraquecimento do Sindicato da categoria. "Mais cedo ou mais tarde, diz a jornalista, essa crise terá de ser enfrentada e o Sindicato pode ser o local mais confiável, relativamente isento da interferência e das determinações do mercado. (...) É evidente que os homens de teatro precisam eleger um espaço comum

onde possam acertar diferenças pessoais para enfrentar as diferenças realmente produtivas, aquelas que não são redutíveis à expressão numérica da subvenção. As divergências que se manifestam pelo não comparecimento, pela recusa à participação, são apenas um sintoma de apatia e diminuem grandemente as possibilidades de safar-se da situação atual do teatro, que não está nada boa".

BIENAL DE SÃO PAULO JÁ PROVOCA PROBLEMAS

A XVI Bienal Internacional de São Paulo, que se realizará entre outubro e dezembro deste ano, já está sendo definida como a "Bienal Enigmática". Isto porque, depois de 30 anos de existência, a exposição sofrerá uma mudança profunda na sua montagem, embora seus organizadores ainda não tenham condições de prever quais serão os resultados dessa mudança. Neste ano, no entanto, pelo menos uma transformação já está acertada: a organização da Bienal será feita não mais por países, tal como acontece tradicionalmente, mas por tendências artísticas. Para Walter Zanini, responsável pela XVI Bienal, a nova forma da exposição permitirá uma "redinamização da leitura e do comportamento, que ainda não puderam ser analisados". Como se recorda, as bienais dos anos 70 foram caracterizadas pela repressão política, nas quais o governo brasileiro chegou a censurar até mesmo obras estrangeiras. Em razão disso, vários países - passaram a boicotar a mostra. Países como a Suíça e a Suécia, por exemplo, retiraram-se da exposição. Portanto, a ausência de restrições dessa ordem é uma outra alteração. Sob esses dois impactos - o abandono da fórmula "nacional" e maior liberdade - a XVI Bienal pretende mostrar a pluralidade da produção dos artistas de todo o mundo, livre de inquietações estranhas à arte.

Comunicação InternacionalPERSPECTIVAS DA TV AMERICANA NOS ANOS 80

A revista norte-americana Next, em sua edição de fevereiro de 1981, publica uma série de artigos assinados por especialistas na análise dos meios de comunicação nos Estados Unidos, a respeito das perspectivas desses meios para a presente década. O Boletim Intercom publicará nesta e em suas próximas edições, um resumo destes artigos. O primeiro, sobre a televisão, é de autoria de Martin Mayer, colunista da revista American Film e autor de vinte livros sobre a televisão americana. Em seu artigo, Mayer afirma que a principal tendência para a década de 80 na indústria da televisão é a perda gradativa de poder por parte das grandes redes ("networks"), em função

das novas tecnologias (principalmente a TV-cabo e o videocassete) e do fim da proteção oficial à política das cadeias de televisão. Hoje, a televisão americana é totalmente dominada pelas três redes (CBS, NBC e ABC), que tiveram em 1979 uma renda publicitária de 4 bilhões de dólares. A única opção para o telespectador, fora as três redes, é o sistema de televisão pública e uma ou outra estação independente. Mas a tendência é que esse quadro se altere, ainda que não dramaticamente, nos próximos dez anos. O principal motivo parece ser a TV-cabo. Há muito dinheiro sendo investido neste canal dia mais bem sucedido negócio. A Warner, a Westinghouse, a American Express e até a Getty Oil estão entre as empresas de grande porte que exploram a TV-cabo. Em algumas cidades, a oferta de canais a cabo chega ao número de 80 (Portland, Oregon, por exemplo). Cerca de 20% das residências americanas já assinam pelo menos um canal de TV-cabo (o que dá 14,2 milhões de casas) e para 1990, a porcentagem deverá ultrapassar os 50%. Além disso, há a tecnologia da tevê doméstica, que já está presente em 1,5 milhão de residências. Isso significa não apenas consumidores comprando seus programas em lojas de videocassete ou videodisco, mas também que as pequenas estações locais, graças ao barateamento da aparelhagem, podem se arriscar mais a produzir seus próprios programas, principalmente os informativos. O desenvolvimento da tecnologia dos satélites também permite que, por muito pouco dinheiro, as estações locais comprem receptores que lhes possibilitarão a transmissão de programas produzidos por independentes em qualquer parte do país ou do mundo (as célebres entrevistas de Nixon após sua renúncia, que nenhuma das redes quis comprar, em 1977, já foram para o ar através deste sistema, simultaneamente, em todos os Estados Unidos). O mais importante, talvez, seja a mudança de política da FCC (Federal Communications Commission), que resolveu interferir menos em favor da manutenção do sistema de redes, deixando de permitir a instalação de apenas três estações comerciais por município, como vinha fazendo. Com apenas três estações possíveis, a tendência em todos os municípios era a afiliação de cada uma delas a uma das três redes, o que dava a CBS, NBC e ABC, juntas, o controle de 90% da audiência. Os outros 10% ficavam para as estações públicas e para as independentes. Contudo, apesar dessas indicações que levam à conclusão de que o tempo dos "networks" pode estar chegando ao fim, não se espera grandes mudanças nestes próximos dez anos. Espera-se que a audiência das três redes caia dos 85%-90% em que se situa agora, para qualquer coisa entre 75% e 80%. Mas os mais otimistas entre os dirigentes das redes acreditam que o tempo que o consumidor gasta com TV-cabo não é o tempo das redes, mas sim significam um aumento do consumo global

da televisão. Isto é as pessoas que vêem TV-cabo estão vendo mais TV, e não deixando de assistir as redes. Além disso, espera-se que o número de residências nos Estados Unidos cresça até 1985 de 75 milhões para 88,4 milhões, o que significaria que, em números absolutos, as redes não perderiam grande audiência. E, o que talvez seja mais importante: com certeza, em 1990 apenas as redes continuarão com capacidade de atingir 100% dos americanos, o que, em termos de publicidade, é um dado fundamental. Outros líderes das redes acham que as novas tecnologias irão roubar público umas das outras, e não que as novas tecnologias irão roubar público umas das outras, e não que as novas tecnologias irão roubar público umas das outras, e não das grandes cadeias. Mas, apesar dessas atenuantes, Mayer acredita que, de fato, os lucros de CBS, NBC e ABC devem cair nos próximos anos. Para compensar, já há uma tendência da programação ser barateada, com a introdução de grande número de programas documentais, nos quais não há a necessidade de pagamento de atores. Quanto à TV-cabo, seu futuro é promissor. Tanto que a CBS já está tentando entrar no negócio (a exemplo da Globo no Brasil), não só explorando canais, como produzindo programas para outras empresas. Com taxas entre 5 e 10 dólares mensais para o consumidor, a programação dos canais de TV-cabo diversifica-se cada vez mais, bem como a prestação de serviços, que vão desde informações específicas vinhas via computador até ajuda para as compras da família. Quanto ao conteúdo, entretanto, Mayer crê que pouco mudará em relação ao que as redes produzem, a não ser pela especialização que cada canal de TV-cabo pode oferecer.

A DESPEDIDA DE CRONKITE

Durante mais de 18 anos seguidos, Walter Cronkite liderou o telejornal mais visto na televisão americana, o CBS Evening News. Mais do que isso: tornou-se o homem público de maior confiabilidade do público norte-americano, um personagem influente na política nacional e internacional, um dos jornalistas mais conhecidos da história. No dia 6 de março, sem festas ou solenidades, ele apresentou pela última vez o programa. Embora não tenha abandonado definitivamente a televisão - ele terá um programa semanal e fará reportagens especiais para a CBS - a despedida de Cronkite do CBS Evening News representa o início de sua aposentadoria e teve um grande impacto sobre o público. O respeito dos americanos por Cronkite, conquistado ao longo de acontecimentos históricos memoráveis por ele narrados e interpretados (a morte de Kennedy, a chegada do homem à Lua, a guerra do Vietnã, o caso Watergate) dificilmente será dado a outro jornalista, embora John Chancellor, da NBC, homem de sua geração, desponte como seu mais provável substituto na preferência popular. Na CBS, quem o sucede é Dan Rather, cerca de vinte anos

mais jovem que Cronkite e o jornalista mais bem pago do mundo (8 milhões de dólares por um contrato de cinco anos). Ainda é cedo para se ter uma idéia da reação do público a Rather. Sua tarefa não é simples. O papel de anchorman num telejornal da TV americana é muito mais complexo do que nós, brasileiros acostumados a Cid Moreira e Sérgio Chapellin, podemos conceber. O anchorman faz muito do que ler textos preparados por outros: ele também redige, ele edita, entrevista, improvisa, comenta, interpreta a notícia. Rather, além de tudo isso, pretende também continuar a exercer as funções de repórter que até agora desempenhou, indo algumas vezes ao ano ao próprio local em que o fato está acontecendo. A imprensa brasileira deu certo destaque à despedida de Cronkite do seu programa diário. E foi o correspondente da Folha de São Paulo nos Estados Unidos, Paulo Francis, quem melhor soube traduzir a importância do acontecimento para a sociedade norte-americana. Descrevendo a última entrevista de Cronkite para o CBS Evening News, com R. Reagan, disse Francis: "Um marciano que descesse à Terra na entrevista, apesar de Reagan chamar Cronkite de Walter, e Cronkite Reagan de 'sir', diria que Cronkite era o presidente. E Reagan tem enorme presença de TV. É televisivo, no jargão de TV brasileira. O pobre Jimmy Carter entrevistado por Cronkite parecia um candidato a servente na cadeia CBS...". Sobre o estilo de Cronkite, Francis opinou: "Walter falava 'reto', isto é, sem a emoção do locutor de rádio, o que é certo em TV. Parecia relaxado e sem paixões. Quando chorou ligeiramente ao anunciar a morte de John Kennedy a comoção foi quase tanta quanto a notícia". Francis descreve o poder de Cronkite: "Em 1968, ao ver fuzileiros americanos (...) levarem 4 dias, um batalhão, para matarem 4 vietcongs, ainda assim precisando de apoio aéreo de bombardeiros, fez um programa famoso em que, patrioticamente, friso, disse que os EUA já tinham feito demais para manter a democracia no Vietnã, mas que era impossível bater aquela gente. O presidente Johnson declarou: 'Se perdemos Walter, perdemos a opinião do país'. Daí por diante, Walter, ..., ao ler os 'press-releases' das vitórias dos EUA no Vietnã arqueava as sobranças. Nunca um arquear de sobranças foi tão famoso na história". Na sua análise sobre a despedida de Cronkite, Paulo Francis também falou da importância do jornalismo para a TV americana. Na verdade, o telejornalismo é o melhor serviço que a TV presta ao público nos USA. As redes têm noticiários de uma hora pela manhã, "atualizações" durante o dia que somam outros 30 minutos, outra uma hora das 18 às 19 horas (que é o horário mais importante) e mais meia hora às 23 horas. Quem consegue a audiência para o jornal das 6 da tarde acaba conseguindo-a para o resto da programação. Walter Cronkite foi um dos responsá-

veis por essa valorização do jornalismo na TV. E também pela valorização do jornalista na TV: os salários dos profissionais que atuam nesses programas são altíssimos, como informa Paulo Francis: o editor de esportes da CBS, Werner Wolf, ganha 500 mil dólares por ano; o meteorologista da NBC, Frank Field, 1 milhão por ano. Encerrando sua análise sobre o telejornalismo norte-americano, Paulo Francis condena o desprezo que os intelectuais votam a esta forma de expressão informativa: "A TV determina o comportamento popular, o quanto pode a imprensa influir na opinião pública, e, no ataque, destrói melhor, pela imagem, do que qualquer jornal escrito. Trabalhar por um jornalismo de TV que mantenha o máximo de dignidade profissional no noticiário deveria ser assunto de supremo interesse dos intelectuais, e não de pseudo-desdém esnobe. É certamente uma luta mais importante para a sociedade do que o pós-estruturalismo que tanto apaixona os acadêmicos". (FSP, 14/03/81)

TELEVISÃO FAZ SUCESSO NA CHINA

Geraldo Mello Mourão, correspondente da Folha de São Paulo em Pequim, em despacho publicado no dia 04/04/81, relata o sucesso que os aparelhos de televisão vem tendo entre o público chinês: "O aparelho de televisão está deixando para trás a bicicleta, o relógio de pulso e a máquina de costura, durante muitos anos as três coisas mais desejadas pelos consumidores chineses". Nos últimos quatro anos, o número de receptores de TV na China passou de 630 mil para 7 milhões, a maioria modelos pequenos e preto-e-branco, com preço aproximado de 200 dólares por unidade, quantia que pode ser poupada, segundo Melo Mourão, em três meses de poupança por uma família que recebe salário-mínimo. Em Pequim, há dois televisores para cada três famílias, mas no resto do país, esta proporção é muito menor. A TV chinesa transmite apenas horas diárias de programação (das 19 às 23 horas). Os programas são educativos, esportivos, jornalísticos ou mostram recitais e apresentações da Ópera de Pequim. Eventualmente, um filme ou uma peça de teatro podem ser levados ao ar. De acordo com Mourão, "são programas insuportáveis para o gosto dos ocidentais, mas os chineses se amarram neles. À falta de outros, naturalmente". A audiência da televisão em Pequim é tão grande que as salas de cinema protestaram contra a exibição de filmes na TV. Depois disso, ficou decidido que a televisão só mostrará filmes seis meses após sua estréia nos cinemas. Entre os programas mais populares da TV chinesa, está uma universidade no ar, que tem 450 mil alunos inscritos e oferece diplomas de nível superior aos estudantes que são aprovados nos exames. Segundo os educadores chineses, o aproveitamento destes alunos é superior ao dos que fazem os cursos tradicionais.

O FRACASSO DE UMA SUPER-PRODUÇÃO

Repercutiu ainda nos Estados Unidos, o monumental fracasso da super-produção Heaven's Gate, filme dirigido por Michael Cimino (O Franco Atirador). A United Artists gastou 40 milhões de dólares com ela. Mas desde a estréia, a fita foi um retumbante malogro. Estre recebeu a solene condenação de Vicent Canby, o mais famoso crítico do The New York Times e da maioria absoluta dos demais analistas cinematográficos dos jornais americanos. Daí, para o descrédito público, foi um simples passo. A United terá, com certeza, um dos maiores prejuízos de sua história e a carreira de Cimino, subitamente celebrizado pelo filme O Franco Atirador (uma visão conservadora da participação americana na guerra do Vietnam), ameaçada seriamente.

CENSURA NA TV ITALIANA

Escândalo sem precedentes na televisão italiana: às vésperas de ir ao ar, um programa chamado A.A.A. Oferece-se, que relatava as atividades diárias de uma prostituta, foi censurado pelo comitê de vigilância da RAI (Rádio e Televisão Italiana). A proibição causou tremenda polêmica, pois no Parlamento, alguns deputados não aceitaram a censura e queriam que o programa fosse levado ao ar de qualquer maneira. Os jornais entraram na discussão, alguns defendendo a moralidade pública, outros a liberdade de expressão. O caso acabou chegando às mãos da Justiça. Um procurador da República quer não só a proibição definitiva da A.A.A., como ainda solicitou penas de prisão para seus responsáveis. E o debate acabou envolvendo as feministas: dirigido por mulheres, que dizem ter pretendido, com ele, denunciar a exploração sexual, o filme recebeu a defesa das organizações do movimento feminista que também lutam por sua exibição. O programa retrata a vida de uma prostituta real, Veronique, e mostrava cenas tomadas em seu apartamento através de uma câmara escondida. Embora não se possa reconhecer os clientes filmados, teme-se eventuais represálias por parte deles, caso o filme seja levado ao ar. Veronique, francesa, deixou Roma após todo o escândalo. Mas, antes, deu entrevista à imprensa, acusando as feministas e declarando-se perfeitamente feliz com sua profissão. A imprensa brasileira, que deu cobertura ampla ao fato, não registrou, após 20/3 qualquer decisão final da Justiça sobre a manutenção ou não da censura a A.A.A. Oferece-se.

JORNALISMO INGLÊS E LADY DI

O noivado e o casamento do príncipe Charles já começam a provocar "frisson" no jornalismo da Grã Bretanha. Uma verdadeira polêmica foi travada pelos jornais britânicos a respeito do modelo que Lady Di usou em seu primeiro compromisso público oficial, depois do noivado. De acordo com o sensacionalista Daily Star, o decote do vestido era tão ousado que permitiu a visão do bico do seio esquerdo da futura rainha. O Star chegou a publicar foto documentando a acusação. Contudo, ficou esclarecido posteriormente que tratava-se apenas de uma sombra que provocava a ilusão de ótica de que o bico do seio estava à mostra. Muitos jornalistas chegaram até a desmentar fotos da rainha Elizabeth de alguns anos atrás, para mostrar que o modelo de Di não era nem tão audacioso como poderia parecer. Por sua vez, a BBC está se preparando com todo o aparato para a cobertura das núpcias do casal real, no dia 29 de julho. 60 câmaras, 300 operadores, 15 unidades portáteis serão utilizados para levar a 500 milhões de pessoas embevecidas as imagens do casamento.

REVISTA COMUNISTA DISCUTE HOMOSSEXUALISMO

Pela primeira vez o semanário comunista italiano Rinascita abriu suas páginas para o debate da questão do homossexualismo. A matéria, com chamada na primeira página, é motivada por uma carta assinada por "companheiro Eugênio", que afirma não sentir força para declinar seu nome completo, fato que o deixa humilhado e ofendido. Três respostas são oferecidas à carta de Eugênio, abrindo um debate escaoteado durante muito tempo. Rinascita é a revista teórica de maior prestígio do PCI. Há algum tempo que o jornal diário do PCI L'Unita vem abordando discretamente o tema. Na opinião do correspondente da Folha de São Paulo em Roma, Pedro del Picchia, "a elevação do nível da discussão para Rinascita indica uma vontade de ampliar o debate e, principalmente, não apenas veicular as opiniões de leitores mas apresentar argumentos de respeitáveis dirigentes partidários sobre o assunto". Contudo, ainda segundo del Picchia, a matéria de Rinascita esteve muito longe de satisfazer as aspirações dos homossexuais comunistas italianos, que deverão continuar insistindo até obterem do Partido uma resposta que atenda a seus anseios de terem reconhecido seus direitos à diversidade. (FSP, 18/03/81)

O DIFÍCIL ACESSO A TV

Na França e nas Filipinas, dois casos de dificuldades das oposições em obterem acesso à televisão. Nas Filipinas, o presidente Ferdinando Marcos fez uso constante da televisão antes do plebiscito so-

bre as reformas constitucionais que ocorreu no dia 7 de abril. A Oposição Democrática Unida entrou com ação junto ao Superior Tribunal de Justiça requisitando igual tempo na TV para os partidos de oposição, mas o Tribunal rejeitou a ação, alegando que o presidente fazia uso da TV na condição de chefe de estado e não de líder político. Na França, o comediante Coluche, que concorreu às eleições presidenciais, realizou duas semanas de greve de fome para chamar a atenção do público para o fato de que ele, assim como outros candidatos de partidos menores, não conseguia o mesmo espaço na televisão que os candidatos dos grandes partidos políticos. Coluche, que chegou a contar com o apoio de mais de 10% de eleitorado segundo as pesquisas de opinião pública (superando nomes tradicionais como o do gaullista Michel Debré) passou a sofrer nas últimas semanas da campanha verdadeiro boicote dos meios de comunicação, segundo o correspondente do Estado de São Paulo em Paris, Reali Junior: "A França, nesse momento, em plena disputa pela presidência da República, dá mais uma demonstração de que os candidatos que controlam ou recebem o apoio desses meios de comunicação levam uma vantagem considerável sobre os demais" (18/03/81). O presidente Giscard D'Estaing, pela sua própria condição, aparece na televisão com muito mais frequência que seus opositores. Mas François Mitterand, George Marchais e Jacques Chirac também conseguem um bom espaço. Os demais, no entanto, não têm o mesmo direito de chegar ao grande público. Segundo Reali Junior, o gaullista Michel Debré, pela sua condição de antigo primeiro-ministro, ainda consegue um bom tempo na televisão. Mas candidatos relativamente fortes como o ecologista Brice Lalonde e o comico Coluche são praticamente ignorados. Contra esta discriminação é que Coluche se insurgiu. Primeiro anunciando à imprensa que iria desistir da campanha, o que, como num passe de mágica, levou-o de novo aos noticiários, com os jornalistas interessados em saber quem ficaria com seu espólio de 10% das preferências eleitorais. Mas foi apenas um artifício de que Coluche se valeu para voltar à televisão. Como depois disso, ele caiu novamente no anonimato, apelou para uma greve de fome, que durou quinze dias e levou-o ao hospital, vinte quilos mais magro. Nem assim Coluche conseguiu acesso à televisão. Sua candidatura, considerada ofensiva às tradições políticas francesas pelos setores mais conservadores, está definitivamente condenada ao esquecimento.

SIP FAZ REUNIÃO OTIMISTA

A Sociedade Interamericana de Imprensa realizou sua reunião semestral em Barbados e apresentou um relatório considerado otimista sobre

bre a liberdade de imprensa no continente, apesar das restrições que ainda existem em diversos países. A SIP apresenta em seu relatório posição oficial contra a regulamentação da profissão de jornalista e elogia o fim da censura à imprensa no Brasil. Um dos assuntos mais discutidos durante o encontro foi o do relacionamento da SIP com a UNESCO, que tem sido difícil nos últimos anos, em virtude das posições da UNESCO em favor de um novo fluxo internacional da informação. Apesar disso, a SIP defendeu a ampliação do diálogo com a UNESCO. (ESP, 03/04/81)

HACHETTE MUDA DE DONO

Uma das mais importantes e editoras do mundo, a Hachette, acaba de mudar de dono. Ela agora pertence ao grupo Matra, cujos interesses vão desde a indústria de armamentos até os domínios da eletrônica e da indústria automobilística. O grupo Matra já controla algumas revistas, estações de rádio, jornais, casa de discos e cinemas. Agora, com a anexação da mais importante editora da França, passa a dispor de um complexo de comunicação social de grandes dimensões. A Hachette também compreende, além dos livros, jornais e revistas que edita, negócios bem alentados na área de videocassete. O novo conglomerado torna-se o mais novo império das comunicações na Europa. (A Tribuna, 20/03/81)

ATRIZ PROCESSA JORNAL E GANHA

A atriz norte-americana Carol Burnett receberá um milhão e 600 mil dólares do jornal National Enquirer. Esta foi a decisão da justiça americana no processo que ela moveu contra o jornal, devido a uma notícia por ele publicada de que Burnett e Henry Kissinger teriam tido violenta discussão em um restaurante em Washington, no ano de 1976. O advogado do Enquirer prometeu apelar da decisão e afirmou que o veredito é um ultraje à Primeira Emenda da Constituição, que garante a liberdade de expressão nos Estados Unidos. (JB, 27/03/81)

TV PORTUGUESA PRODUZIRÁ NOVELAS

Juarez Bahia, correspondente do Jornal do Brasil em Lisboa, em despacho publicado no dia 5 de março, relata os planos da Radiotelevisão Portuguesa de produzir suas próprias telenovelas, diante do recelo generalizado de que sua dependência em relação à Rede Globo acaba se tornando danosa a Portugal. A primeira telenovela portuguesa deverá estreiar em abril e será realizada por Jorge Brum do Canto. A telenovela, introduzida em Portugal pela Globo, tornou-se uma verdadeira mania nacional, acabando por provocar protestos de diversos

setores da sociedade, impressionados com o êxito que obtêm. Queixos da "dominação cultural brasileira", os artistas portugueses começaram a exigir mais espaço da RTP. A decisão de produção de telenovelas locais vem atender a estas reivindicações. Adriano Duarte Rodrigues, professor de Comunicação na Universidade Nova de Lisboa, acha que as novelas portuguesas não terão êxito: "Nem todas as sociedades podem produzir e exportar telenovelas. Quanto mais universal e aberta é a forma dos conflitos institucionais e mais fechado o código de suas mensagens culturais, mais facilmente poderão exportá-las. O sucesso das telenovelas brasileiras em Portugal deve-se principalmente à americanização dos principais meios de comunicação social do Brasil, nomeadamente da TV-Globo. Em Portugal, como na Europa, em que as contradições institucionais permanecem enraizadas em culturas relativamente fechadas e tradicionais, dificilmente se poderão produzir e exportar séries televisivas para consumo de massa".

O ATENTADO E A TELEVISÃO

Uma vez mais, a TV registrou a história. O presidente Reagan foi atingido por um jovem com um tiro no peito e já estavam as câmaras de TV, registrando tudo. Oito minutos depois do atentado, a rede ABC já mostrava para todo o país as cenas do episódio. A ação do telejornalismo americano no caso, contudo, não ficou livre de críticas. Tom Wicker, do The New York Times, em artigo reproduzido pelo O Estado de São Paulo (08/04/81), registra a insatisfação de parte do público com a superficialidade da cobertura da TV ao atentado. Por outro lado, o jornalista Dick Maurice forjou um video-tape em que uma vidente previa o atentado. Segundo ele, o video-tape era de janeiro, mas na verdade foi gravado no dia seguinte ao incidente. Esta fato talvez tenha contribuído para a reação negativa de parte do público à cobertura da TV americana. Não faltou também quem lembrasse a possibilidade de a TV ajudar na proliferação destes atentados, como Anthony Lewis, também do Times e reproduzido no Estado (05/04/81). Lewis esquece, contudo, que quando Lincoln foi assassinado ou quando Mc Kinley foi assassinado, a televisão não existia.

LÁ, COMO AQUI, UM FÁCIL BODE EXPIATÓRIO

Nos Estados Unidos, como no Brasil, a imprensa funciona como um confortável bode expiatório para os problemas sociais. Da mesma forma que o colunista Anthony Lewis no New York Times acha que a TV pode ser responsabilizada pela disseminação de atentados políticos no país (ver material sobre o atentado contra Reagan nesta edição), o promotor público da cidade de Fulton, na Georgia, responsabilizou a

imprensa pela série de assassinatos de crianças negras que há anos vem ocorrendo naquela cidade, sem que a polícia consiga identificar o criminoso. Para ele, o destaque dado pelos jornais aos crimes é que causam a sua proliferação. (ESP, 14/03/81)

A VISITA DE FIGUEIREDO NA IMPRENSA FRANCESA

Segundo Marilena Marasca, em matéria para Coojornal (fevereiro de 1981), a visita do presidente Figueiredo a Paris não chegou a comover a imprensa francesa. As duas maiores revistas semanais de inverno a imprensa francesa. L'Observateur e L'Express ignoravam-na: a primeira, na semana em que Figueiredo foi à França, dedicou vinte linhas a Lula, que esteve lá na mesma época; a segunda só fez uma referência ao Brasil naquela semana, através de uma resenha de página e meia do livro Matra, de Darcy Ribeiro. Os jornais diários publicaram noticiário relativamente extenso sobre a visita, mas o destaque principal era dado a críticas ao regime brasileiro, como fez o Le Monde, o mais prestigiado jornal francês. Le Monde publicou um perfil do presidente Figueiredo, intitulado "Chamam-me João", que termina com estas perguntas: "O que quer realmente o João? Serão apenas convencer os céticos que ainda não esqueceram seu passado de repressão como chefe de polícia em São Paulo? L'Humanité e Liberation também não pouparam o regime brasileiro, como se podia esperar, devido a suas posições políticas bem definidas. O último, por sinal, deu muito mais importância à visita de Lula que à de Figueiredo.

DESAPARECE O "LA OPINIÓN"

Na Argentina, apesar da pálida esperança surgida com a troca de governantes, em fins de março, nada faz crer que as dificuldades da imprensa estejam desaparecendo. O diário "La Opinión", fundado por Jacobo Timerman, deixou de circular no mesmo dia da posse do general Viola, depois de ter sido fechado pelo governo no dia anterior. Colocado sob intervenção do governo militar desde a prisão de Timerman, em abril de 1977, (que seria expulso do país mais tarde), o jornal foi vendido à empresária do ramo de construção, Juana Ivanoff de Innovrnyr, pot vrtvs drid milhões de dolares. No entanto, a compradora pagou apenas 10% do preço e não completou o restante no prazo combinado, levando o governo - até com um certo alívio - a anular a transação. Em sua última edição o "La Opinión", que representou um marco na resistência democrática do país, despediu-se de seus leitores limitando-se a transcrever o decreto presidencial que fechou o jornal.

CENSURA CHILENA INTENSIFICA SUA AÇÃO

Com a nova "Constituição colocada em vigor pelos militares chilenos em meados de março, o país andino foi definitivamente declarado "em estado de perturbação de paz interna" e, graças a isso, a censura intensificou sua ação com a adoção de medidas especiais. A partir de agora, toda nova publicação que for editada ou circular no Chile deverá ser autorizada pelo Ministério do Interior. Antes da nova "Constituição" era o chefe do estado de emergência de cada região que autorizava ou proibia a circulação e edição de jornais, revistas e livros, mediante prévia consulta à Direção de Comunicação Social do governo, situação que, por sua precariedade, deixava ainda alguma esperança à imprensa chilena. Como o "estado de emergência" deixou de ser considerado apenas um momento conjuntural para se incorporar ao próprio texto "legal" do país, passa a reinar no Chile de Pinochet o total obscurantismo.

JORNAL DE EXILADOS

Com uma tiragem inicial de 15 mil exemplares, em espanhol, começa a circular em abril o semanário "Correo Latino-americano", editado em Londres. Dirigido principalmente aos exilados da América do Sul e Central, o "Correo" tem em sua equipe o ex-redator do diário "La Opinión", de Buenos Aires, Eduardo Crawley. (ESP, 10/3)

IPI CONDENA UNESCO

O Instituto Internacional de Imprensa - entidade que reúne proprietários de jornais de várias partes do mundo - reuniu-se em Nairobi, no início de março e fez coro com o conservadorismo da SIP: denunciou como "totalitárias" as iniciativas da UNESCO para criar uma Nova Ordem Internacional da Informação. No comunicado distribuído ao fim da reunião o IPI afirma, em relação à proposta da UNESCO de criar (registro internacional de jornalistas), que os governos que apoiam as iniciativas dessa ordem são os mesmo que promovem prisões, torturas e assassinios de jornalistas em vários lugares do mundo. Como se recorda, tanto as propostas feitas pela UNESCO para a criação de uma Nova Ordem da Informação como as que se referem ao registro internacional de jornalistas partiram do princípio de que existe um profundo desequilíbrio entre o poder de informação das agências internacionais e a realidade dos países em desenvolvimento. A UNESCO passou então a defender a criação de agências ou de uma agência do Terceiro Mundo "para neutralizar a informação sobre esses países que é veiculada pelas agências internacionais" e que reflete invariavelmente a ótica dos interesses dos países industrializados.

Gente

OS MORTOS DE MARÇO

Algumas figuras importantes do universo da Comunicação morreram durante o mês de março de 1981. Um deles foi o cineasta francês René Clair, no dia 14, aos 83 anos, enquanto dormia, em Paris. Ele e Jean Renoir eram possivelmente os dois nomes mais importantes da história do cinema francês. O problema da liberdade sempre foi uma das características de seu trabalho artístico. Trabalhando com cinema desde os seus primórdios, Clair sempre contou com o entusiasmo da crítica mundial, tendo trabalhado em diversos países. Aposentado desde 1965, seus filmes, no entanto, continuaram a ser exibidos com grande êxito. Entre eles, "A Nós, a Liberdade", considerado sua obra-prima. Outro cineasta falecido em março foi o russo Mark Donskoy, um dos patriarcas do cinema russo. Ele morreu aos 80 anos, no dia 24. Donskoy ficou famoso principalmente pelos seus filmes sobre a obra de Gorki, como "Infância" e "A Mãe". Entre os jornalistas mortos em março, o mais conhecido foi Dewitt Wallace, fundador da revista Reader's Digest (Seleções, no Brasil). Ele morreu com 91 anos, no dia 31, depois de convalescer por três semanas de uma operação no abdome. A revista fundada por Wallace teve grande importância em todo o mundo nas décadas de 30, 40 e 50, mas vive atualmente um momento de descenso, apesar de continuar sendo editada em dezenas de países e línguas. Na Inglaterra, o jornalista William Denholm Barnetson, o Lorde Barnetson, morreu no dia 12, aos 63 anos de idade. Repórter da Reuters, ex-presidente da United Newspapers, uma cadeia de 30 jornais britânicos, Barnetson ocupava a presidência do jornal Observer quando faleceu. Em New York, aos 75 anos, o crítico de cinema do New York Times Francis Bosley Crowther Jr., morreu no dia 8 de março. Ele foi responsável pela crítica cinematográfica do Times de 1940 a 1967, quando se aposentou. Ficou célebre por ter resistido às investidas do senador Joseph Mc Carthy contra os artistas e redatores de Hollywood, usando sua coluna para criticar as perseguições do marcantismo.

PORTELLA FOI MINISTRO E E ACADÊMICO

Numa eleição em que era considerado como possível derrotado até deixar o Ministério da Educação e Cultura, o crítico Eduardo Portella venceu o poeta Mário Quintana por 41 votos a 6 e ganhou a cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras. Os observadores não têm dúvida que a folgada margem com que Portella superou Quintana deveu-se principalmente ao fato de ele ter deixado o MEC, pois antes disso, a disputa era tida como renhida e com algum favoritismo para o poeta gaúcho.

GARCIA MARQUEZ DEIXA A COLOMBIA

Apesar da ironia com que encarou o fato, pelo menos uma coisa o governo colombiano não conseguiu dissipar depois da notícia de que o escritor Gabriel Garcia Marquez pediu asilo político ao México, em fins de março: a progressiva limitação das liberdades individuais em consequência das restrições sempre maiores impostas pelo governo à vida política do país. Garcia Marquez, autor de "Cem anos de Solidão" e "Outono de Patriarca", amigo pessoal de Fidel Castro, teria sido acusado de ligações com os guerrilheiros do M-19, e diante da ameaça latente de sua prisão, preferiu deixar o país. Para o governo tratou-se de um "asilo equivocado", já que não pesava - oficialmente - qualquer acusação contra o escritor. Marquez, no entanto, ao chegar ao México foi categórico: "eu não poderia suportar que dessem um golpe de publicidade prendendo-me a pretexto de um interrogatório". E acrescentou: "Não gosto de ver cavalos à noite".

Noticiário Geral

TRIBUNA DA IMPRENSA

Um dia depois de ter impedido que o IAPS - Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social - assumisse a propriedade de uma máquina rotativa, uma linotipo e uma mesa telefônica, como parte do débito de 95 milhões de cruzeiros com a Previdência Social, o jornalista Hêlio Fernandes, proprietário da "Tribuna da Imprensa", foi mais uma vez atingido pela sanha do obscurantismo fascista e viu em ruínas a sede de seu jornal. Mascaramentos, portanto armas, extremamente organizados, tranquilos como são ficam os que têm a certeza da impunidade, terroristas encapuzados dinamitaram o jornal. O fato certamente atinge mais a vida política brasileira do que Hêlio Fernandes. Afinal, o proprietário da "Tribuna" já sofreu outros atentados, como o de 1980, quando seu carro foi destruído por uma bomba, uma incognita que ainda permanece. Além disso, já resistiu a 23 prisões, três confinamentos, 114 interrogatórios, 10 anos de cassação, cindo de inelegibilidade forçada, três prisões no DOI-CODI e nove anos e nove meses de censura prévia. A via política, no entanto, se ressentiu mais - ainda que mais calejada - do atentado de agora. Vale, por isso, um balanço das reações mais imediatas ao fato. O jornal "O Estado de São Paulo", por exemplo, não vê a destruição da "Tribuna" como episódica. Trata-se de "escalada" que, num primeiro momento, atingiu as bancas de jornais, ou seja, "a liberdade de imprensa em uma de suas extremidades, a do acesso do público leitor aos órgãos de informação". Avançou depois,

contra a imprensa "de confissão ideológica (...) ou contra a imprensa dita alternativa: em ambos os casos ignorando ser a liberdade de imprensa um todo e ser a democracia garantia dos direitos das minorias", chegando agora a um jornal diário, "em sua própria sede e equipamentos". E pergunta "O Estado": "A que visa tal terror, seus equipamentos?". E pergunta "O Estado": "A que visa tal terror, seus equipamentos?". Já para os dirigentes dos partidos políticos o atentado à "Tribuna" é uma repulsa ao processo de redemocratização do País. Tancredo Neves disse que não é culpa do governo de Figueiredo o que aconteceu ao jornal, mas se não houver providências rápidas... Afinal foi o próprio presidente - quando do atentado à OAB - que qualificou de "farpas" os terroristas. Ulysses Guimarães foi claro: "mais cedo ou mais tarde os terroristas começam a agir contra o processo de normalização democrática". E o próprio Nelson Marchezan comentou timidamente: "repúdio e condeno o atentado contra a "Tribuna da Imprensa" porque sou sempre contrário à violência para a solução dos problemas". João Cunha: "Não é preciso que o presidente prenda e arrebe quem se colocar contra a abertura. Basta mandar prender e entregar à Justiça, que a Nação já poderá respirar aliviada". E, finalmente, Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI: "Este atentado é um dos mais violentos de toda a história da imprensa na República. O que me surpreende e aborrece é que tenham usado o nome de Vladimir Herzog, uma vítima da repressão, para encobrir um ato de terrorismo, numa clara demonstração de cinismo e impostura". Ainda assim, e como tem ocorrido sempre quando se trata de atentados organizados pela extrema direita, não faltaram as declarações oficiais que buscam confundir a opinião pública. Sem quaisquer elementos que fornecessem pistas a respeito dos autores do atentado, o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro apressou-se em apontar a "Falange Vermelha" (organização de criminosos comuns do presídio de Ilha Grande) como responsável pelas bombas colocadas na "Tribuna", descaracterizando politicamente o fato. O então chefe do Estado Maior do Exército, general Ernani Ayrosa, não deixou por menos: "Na minha opinião, foram elementos da própria empresa que cometeram o atentado, porque, naturalmente, estavam desgostosos com o jornal que ia ser fechado; então procuraram destruí-lo". Apesar disso, das declarações que mais encobrem o verdadeiro sentido da destruição da "Tribuna", o jornal ainda circulou no dia seguinte ao atentado. Numa edição tabloide, 12 páginas, Hêlio Fernandes voltou à carga: "A ditadura vai acabar, nós não".

GARCIA MARQUEZ DEIXA A COLOMBIA

Apesar da ironia com que encarou o fato, pelo menos uma coisa o governo colombiano não conseguiu dissipar depois da notícia de que o escritor Gabriel Garcia Marquez pediu asilo político ao México, em fins de março: a progressiva limitação das liberdades individuais em consequência das restrições sempre maiores impostas pelo governo à vida política do país. Garcia Marquez, autor de "Cem anos de Solidão" e "Outono de Patriarca", amigo pessoal de Fidel Castro, teria sido acusado de ligações com os guerrilheiros do M-19, e diante da ameaça latente de sua prisão, preferiu deixar o país. Para o governo tratou-se de um "asilo equivocado", já que não pesava oficialmente - qualquer acusação contra o escritor. Marquez, no entanto, ao chegar ao México foi categórico: "eu não poderia suportar que dessem um golpe de publicidade prendendo-me a pretexto de um interrogatório". E acrescentou: "Não gosto de ver cavalos à noite".

Noticiário Geral

TRIBUNA DA IMPRENSA

Um dia depois de ter impedido que o IAPS - Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social - assumisse a propriedade de uma máquina rotativa, uma linotipo e uma mesa telefônica, como parte do débito de 95 milhões de cruzeiros com a Previdência Social, o jornalista Hêlio Fernandes, proprietário da "Tribuna da Imprensa", foi mais uma vez atingido pela sanha do obscurantismo fascista e viu em ruínas a sede de seu jornal. Mascarados, portanto armas, extremamente organizados, tranquilos como só ficam os que têm a certeza da impunidade, terroristas encapuzados dinamitaram o jornal. O fato certamente atinge mais a vida política brasileira do que Hêlio Fernandes. Afinal, o proprietário da "Tribuna" já sofreu outros atentados, como o de 1980, quando seu carro foi destruído por uma bomba, uma incógnita que ainda permanece. Além disso, já resistiu a 23 prisões, três confinamentos, 114 interrogatórios, 10 anos de cassação, cindo de inelegibilidade forçada, três prisões no DOI-CODI e nove anos e nove meses de censura prévia. A via política, no entanto, se ressentiu mais - ainda que mais calejada - do atentado de agora. Vale, por isso, um balanço das reações mais imediatas ao fato. O jornal "O Estado de São Paulo", por exemplo, não vê a destruição da "Tribuna" como episódica. Trata-se de "escalada" que, num primeiro momento, atingiu as bancas de jornais, ou seja, "a liberdade de imprensa em uma de suas extremidades, a do acesso do público leitor aos órgãos de informação". Avançou depois,

contra a imprensa "de confissão ideológica (...) ou contra a imprensa dita alternativa: em ambos os casos ignorando ser a liberdade de imprensa um todo e ser a democracia garantia dos direitos das minorias", chegando agora a um jornal diário, "em sua própria sede e equipamentos". E pergunta "O Estado": "A que visa tal terror, se não à supressão da liberdade de imprensa como tal?". Já para os dirigentes dos partidos políticos o atentado à "Tribuna" é uma repulsa ao processo de redemocratização do País. Tancredo Neves disse que não é culpa do governo de Figueiredo o que aconteceu ao jornal, mas se não houver providências rápidas... Afinal foi o próprio presidente - quando do atentado à OAB - que qualificou de "farpas" os terroristas. Ulysses Guimarães foi claro: "mais cedo do que se esperava, começam a agir contra o processo de normalização democrática". E o próprio Nelson Marchezan comentou timidamente: "repúdio e condeno o atentado contra a "Tribuna da Imprensa" porque sou sempre contrário à violência para a solução dos problemas". João Cunha: "Não é preciso que o presidente prenda e arrebe quem se colocar contra a abertura. Basta mandar prender e entregar à Justiça, que a Nação já poderá respirar aliviada". E, finalmente, Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI: "Este atentado é um dos mais violentos de toda a história da imprensa na República. O que me surpreende e aborrece é que tenham usado o nome de Vladimir Herzog, uma vítima da repressão, para encobrir um ato de terrorismo, numa clara demonstração de cinismo e impostura". Ainda assim, e como tem ocorrido sempre quando se trata de atentados organizados pela extrema direita, não faltaram as declarações oficiais que buscam confundir a opinião pública. Sem quaisquer elementos que fornecessem pistas a respeito dos autores do atentado, o Secretário da Segurança do Rio de Janeiro apressou-se em apontar a "Falange Vermelha" (organização de criminosos comuns do presídio de Ilha Grande) como responsável pelas bombas colocadas na "Tribuna", descaracterizando politicamente o fato. O então chefe do Estado Maior do Exército, General Ernani Ayrosa, não deixou por menos: "Na minha opinião, foram elementos da própria empresa que cometeram o atentado, porque, naturalmente, estavam desgostosos com o jornal que ia ser fechado; então procuraram destruí-lo". Apesar disso, das declarações que mais encobrem o verdadeiro sentido da destruição da "Tribuna", o jornal ainda circulou no dia seguinte ao atentado. Numa edição tabloide, 12 páginas, Hêlio Fernandes voltou à carga: "A ditadura vai acabar, nós não".

ALEM DA TRIBUNA, MAIS BOMBA CONTRA JORNAL

Em 1980, as bombas eram contra as bancas que vendiam jornais que os terroristas não gostavam. Agora, elas estão estourando nas próprias oficinas dos jornais que os terroristas não querem mais ver circulando. Depois da Tribuna da Imprensa (ver matéria nesta edição), a gráfica de propriedade do jornalista e advogado Dinas Perrim foi vítima de atentado. Perrim é membro da executiva de PMDB mineiro e sua gráfica fica no Rio de Janeiro. Ela é responsável pela impressão de alguns jornais alternativos cariocas, entre os quais o humorístico/crítico Babel. A grande pergunta da sociedade civil brasileira continua sendo: até quando permanecerão impunes os terroristas de direita?

MUDA O SECRETÁRIO DE MALUF

A Secretaria de Comunicações do governo de São Paulo tem novo titular. Saiu o radialista Blota Jr. e entrou o empresário José Olavo Diniz, uma escolha surpreendente, pelo total alheamento do novo secretário em relação à área de comunicação. O próprio Olavo Diniz mostrou-se surpreso com a indicação, mas pediu "crédito e confiança" à imprensa, ressaltando que terá uma convivência fácil com a imprensa, pois "nunca tive medo da verdade, prefiro-a a qualquer fingimento que possa ocultá-la. (FSP, 2/4/81)

FRACASSO DO PROÁLCOOL E CULPA DA IMPRENSA

Se a credibilidade do Proálcool não é das maiores junto ao público, isso se deve não à contaminação de gasolina no álcool, mas sim à situação da imprensa, que divulga essa contaminação. A opinião é do ministro Camilo Pena, da Indústria e Comércio: "acho salutar que se lance perguntas sobre o tema, mas doentia a crítica informando inverdades". (FSP, 25/03/81)

EXÉRCITO TEM ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO

Foi criado o Centro de Comunicação Social do Exército. Seu objetivo é planejar, promover e coordenar atividades de comunicação social do Exército brasileiro. O Centro será diretamente vinculado ao gabinete do ministro, que atualmente dispõe de uma assessoria de relações públicas. (ESP, 27/03/81)

NOVO PRESIDENTE DA EBN

Marco Antonio Kraemer, ex-secretário de imprensa do Palácio do Planalto, é o novo presidente da Empresa Brasileira de Notícias. Na

posse, muito concorrida, ele afirmou que a EBN será "uma agência de notícias e somente uma agência de notícias, onde procuraremos melhorar cada vez mais a qualidade do material distribuído e a velocidade com a qual o faremos chegar ao conhecimento público". Kraemer também garantiu que a EBN não se propõe a "dirigir, distorcer ou condicionar a informação". (FSP, 19/03/81)

NA PARATIBA, SECRETÁRIO DEMITE-SE

Acusado de tráfico de influência com o grupo Correio da Paraíba para a concessão de um canal de TV, demitiu-se o secretário de Comunicação Social daquele estado, Carlos Roberto de Oliveira. Segundo as denúncias, baseadas em uma fita contendo conversa de Oliveira com representantes do Correio, o secretário dispunha-se a prestar favores ao grupo em sua luta pela concessão de um canal de TV, em troca de uma comissão de 33%. O secretário desmentiu as acusações antes de demitir-se.

BOATOS GERAM CRÍTICAS

A Folha de São Paulo de 08/04/81 publicou editorial e comentário assinado por Jânio de Freitas, analisando a onda de boatos que se abateu sobre Brasília no dia 6 de abril quando o presidente Figueiredo e o ministro Golbery deixaram de comparecer a seus gabinetes, por motivos só esclarecidos no final do dia. Ambas as matérias denunciam a falta de um sistema eficiente de informações por parte do governo, e que acaba gerando, pela desinformação, versões sem confirmações, causando suspenses desnecessários e ansiedades prejudiciais a um clima de serenidade nacional.

SITUAÇÃO SOCIAL DO BRASIL DENUNCIADA PELA UNICEF

Embora o PNB do Brasil tenha crescido quase 7% ao ano nas últimas três décadas, os problemas sociais como a alta mortalidade infantil, desnutrição e dificuldade de acesso aos serviços básicos ainda afetam a maioria da população. O efeito da marginalização resultante das disparidades de renda contribui para agravar as precárias condições de vida do grupo de assalariados que recebe até dois salários mínimos - 40% do mercado formal - e dos trabalhadores do mercado informal - representando 30% da força de trabalho. Essas são as principais conclusões do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) divulgadas em Brasília e publicadas pelo "Estado de São Paulo" (1/3). Segundo a agência da ONU, que presta assessoria técnica ao governo brasileiro, "o crescimento econômico por si só representa, quando muito, um desenvolvimento nacional parcial" e o grau de progresso

alcançado por qualquer país está diretamente relacionado ao preparo e aos cuidados dispensados às crianças e aos jovens, razão pela qual não se pode afirmar que o Brasil tenha progredido, apesar do seu crescimento econômico.

PARA NORMAN MAILER A TELEVISÃO "ABASTARDA O ESPÍRITO"

Considerado um dos maiores escritores norte-americanos, especialmente crítico em relação aos vícios da sociedade industrial, o nome de Norman Mailer volta às primeiras páginas das publicações especializadas depois do lançamento daquela que é considerada sua principal obra: "A Canção do Carrasco". O livro, uma espécie de romance-reportagem sobre a tragédia de Gary Gilmore, condenado à morte por dois assassinatos e que se recusa a apelar, exigindo ser executado, traça um quadro bastante acré sobre a sociedade norte-americana. Em meio ao enredo ganham destaque os meios de comunicação que transformaram o caso Gilmore num problema nacional. Recentemente entrevistado por Oliver Todd, da revista "L'Express", Mailer define desta forma a visão que tem dos meios de comunicação de massa: "Se tivesse descoberto essa histórica por acaso, se não houvesse os meios de comunicação de massa, eu a acharia apaixonante da mesma forma. Gosto dos meios de comunicação, à maneira do escritor. Gosto de suas loucuras. Não me considero, absolutamente, acima deles. Conheço bem esse circo e suas convenções. Participo dele. Não preciso fazer o que eles fizeram. Não tinha as mesmas limitações no dia-a-dia. Ninguém é individualmente responsável pelo que está acontecendo. É culpa da incrível máquina que foi sendo montada pouco a pouco... (Oliver Todd indaga a respeito de que meios de comunicação ele se refere). Sobretudo do Rádio e da Televisão... (Oliver Todd: "O senhor declarou certa vez que a televisão é uma das piores invenções da tecnologia moderna"). Abominável! Pode ser que nos a cabe destruindo, a nós e a toda Cristandade. Ela abastarda o espírito, solapa as bases do verdadeiro saber, elimina a noção da necessidade do trabalho para chegar ao conhecimento..."

GOVERNO FIGUEIREDO NÃO TEM POLÍTICA PARA A CULTURA

Em artigo assinado por Rosângela Bittar, num balanço sobre o governo do general João Batista Figueiredo que completou dois anos em março, o jornal "O Estado de São Paulo" (18/3) afirma que entre as declarações de princípios enunciadas em 1979 para a área da cultura ("respeito à personalidade cultural dos indivíduos e grupos sociais, programação de incentivos à criação, preservação e consumo dos bens culturais") e a realidade de 1981 o que existe é o vazio e a indefinição.

Segundo a jornalista, no período em que o ex-ministro Eduar do Portella esteve à frente do MEC, "houve um discurso cultural avançado e de objetivos claros. Propunha-se a democratização da cultura como instrumentos de qualificação da sociedade brasileira", sua divulgação, a ampliação do acesso à produção cultural e o afastamento do tradicional "dirigismo" do Estado. Entre o discurso e a prática, porém, a defasagem: os projetos continuaram sendo os tradicionais e quando muito desmonstraram apenas "uma certa continuidade da programação executada no governo Geisel". Com a ascensão do general Rubem Ludwig à pasta da Educação e Cultura essa situação agravou-se e não há nem mesmo as condições anteriores. "O discurso é confuso - e fala apenas em uma programação cultural voltada para as raízes brasileiras. Não há ainda orientação clara nos diversos organismos responsáveis pela execução dos programas culturais, e alguns deles estão até sem direção. Os recursos sofrem um corte de 30% para os órgãos que trabalham com orçamento". Rosângela Bittar lembra algumas realizações efetivadas à época do ex-ministro: a reestruturação administrativa na área do patrimônio histórico (com a criação da Secretaria do Patrimônio e da Fundação Prô-Memória); o apoio ao teatro graças a verbas esparsas e conseguidas por meio de empenho pessoal do diretor do SNT, Orlando Miranda; os estudos para a criação de uma Fundação Nacional de Artes Cênicas; a continuidade dos projetos da Fundação Nacional da Arte, apesar dos cortes de verbas que prejudicaram também o Cinema. "Mas o que está ocorrendo hoje - lembra a jornalista - revela um conjunto descoordenado, sem orientação, sem recursos, sem acessos às informações de política de governo, sem prioridades. O momento é de total confusão: cada um faz o que quer com as verbas que conseguir".

É BOM LEMBRAR

No momento em que o país e a sua imprensa agredidos mais uma vez e seus agressores ficam impunes, é bom lembrar outros episódios, que ficarão no passivo dos que tentam nos impor sistemas políticos fechados, militarizados, ditatoriais. É bom gritar, para que saibam que ainda não nos doparam por completo. Estou falando do episódio das bombas no combativo jornal Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, em março deste ano. Para nós, este será apenas mais um fato lamentável de falta de vergonha dos pretensos governantes deste país. Então, deste pequeno espaço que ainda resta, vou cobrar mais uma vez aquilo que nos tentam fazer esquecer:

1. Quem jogou as bombas na Tribuna da Imprensa?
2. Quem jogou as bombas na OAB e na Câmara do Rio de Janeiro e bancas de jornais?

3. Quem sequestrou e torturou Dalmo Dallari?
4. Quem agrediu o deputado Tourino, do PDT?
5. Quem mandou espancar e prender trabalhadores no ABC?
6. Quem ganhou grana com a super-desvalorização do cruzeiro?
7. Quem está recebendo propina do Jari?
8. Quem quer, novamente, adiar as eleições?
9. Quem mente, mais uma vez, quando se defronta com a miséria nordestina?

São somente estas perguntas. Quem respondê-las ganha um doce. O prêmio é pequeno porque a resposta é fácilíssima. (Ricardo Rosado de Holanda)

SEIS MILHÕES DE TEVES COLORIDAS

De acordo com levantamento realizado pela Philips, o Brasil dispõe atualmente de seis milhões de aparelhos televisores coloridos. A pesquisa foi feita pela empresa por ocasião das comemorações pelo seu milionésimo aparelho produzido em nosso país. Além dos seis coloridos, há cerca de 12 milhões em preto e branco. Apesar das quedas de vendas registradas neste início de ano, a tendência do mercado, especialmente das tevês coloridas, é de crescimento.

Censura

CENSURA VAI MUDAR

O governo pretende apressar os estudos para modificar a legislação sobre censuras, medida incluída como prioritária para a ação do Ministério da Justiça, segundo as "diretrizes setoriais do governo Figueiredo". A informação foi dada em Brasília, em meados de março, pelo presidente do Conselho Superior de Censura e chefe de gabinete do Ministério da Justiça, Euclides Mendonça. O funcionário comunicou ao Conselho as primeiras medidas já adotadas pelo Ministério, como a indicação de alguns de seus funcionários para recolher toda a legislação sobre o assunto e um estudo comparado com a legislação de outros países, de modo a orientar o processo de elaboração de nova legislação sobre censura. Dos vários anteprojetos já existentes e apresentados ao Congresso, um deles já ganhou a aprovação do ministro Ibrahim Abi-Ackel: é o que define com mais precisão a censura sobre a televisão e o rádio, além das propostas de consolidação de toda legislação sobre o assunto num documento único.

DENTEL FAZ AMEAÇAS A RÁDIOS

Apesar dos desmentidos oficiais do DENTEL, a Rádio Jovem Auriverde, de Bauru, denunciou as ameaças que recebeu no mês de março, após ter divulgado uma entrevista com o deputado Antonio Tidei de Lima. A polícia Federal requisitou a gravação do pronunciamento de Lima (Movimento, 30/3 a 5/4/81). E o diretor da rádio, que também é um dos diretores da ABERT, Tobias Ferreira, informou que a entidade que congrega os proprietários de estações de rádio e TV foi alertada pelo DENTEL a respeito da eventualidade de punições em casos similares (Jornal da Tarde, 9/3/81). Embora o diretor regional do DENTEL em São Paulo, Rubens Bussacof, tenha negado as acusações, ele reconheceu que, num encontro com dirigentes da ABERT, "relembrou a existência de legislação específica (Código Brasileiro de Telecomunicações, Lei de Imprensa e Lei de Segurança Nacional" que regula este tipo de assunto". (O Estado de São Paulo, 11/03/81)

VOLTA A PROIBIÇÃO TOTAL DE FILMES

Depois de alguns meses em que todos os filmes por ela apreciados foram liberados, a Censura voltou a agir interditando por completo a exibição de um espetáculo cinematográfico. Anunciado por diversos cinemas brasileiros com estréia para o mês de março, Calígula não deverá ser exibido, pelo menos enquanto perdurar a decisão do Conselho de Censura. Calígula é uma obra polêmica. Seu roteiro original é do conhecido respeitado jornalista e escritor Gore Vidal que, contudo, acabou não concordando com a edição final do filme e renunciou aos seus direitos. O diretor original, Tinto Grass, também deixou o seu trabalho inconcluso, sendo substituído pelo próprio produtor Bob Guccione. Os astros Malcolm Mc Dowell (Calígula), Peter O'Tolle (Tibério) e Teresa Ann Savoy (irmã de Calígula) também não participaram das cenas adicionais dirigidas por Guccione, que são exatamente as mais escandalosas. Calígula teve sua estréia mundial no Festival de Cannes, numa versão de 3,15 h., depois abreviada para 2,30 h. Teve problemas com a censura na Itália, França e Inglaterra. É um grande sucesso de bilheteria atualmente nos Estados Unidos. A Paris Filmes, distribuidora de Calígula, entrará com recursos contra a decisão do Conselho de Censura, pois a legislação em vigor afirma que qualquer filme não apreciado no prazo de 22 dias após a sua apresentação ao Conselho é considerado automaticamente aprovado e o julgamento de Calígula deu-se 64 dias depois de ter sido recebida uma cópia sua pelo Conselho. Enquanto isso, os cinemas de São Paulo continuam anunciando para "breve" a sua estréia.

REVISTAS APREENDIDAS EM SÃO PAULO

Por determinação de Júlio dos Santos, juiz da 17ª Vara Criminal (São Paulo), agentes da polícia apreenderam 300 exemplares das revistas Homem e Privê, edições de março, consideradas pornográficas pelo juiz. O diretor da Idéia Editorial, responsável pelas duas publicações, considerou a decisão absurda, pois ambas contam com a liberação da censura. Para ele, delegacias de bairro não deveriam ter o direito de apreender publicações. (FSP, 12/03/81)

GENSURA LIBERAL COM SEXO E RÍGIDA COM TÓXICOS

Na sua reunião de março, o Conselho de Censura resolveu manter sua postura liberal em relação a conteúdo erótico nos espetáculos de divulgação pública, considerando que esta é uma fase que deverá passar logo. Mas, por outro lado, decidiu ser mais rigoroso no que se refere a cenas com conteúdo que digam respeito ao consumo de tóxicos, principalmente porque a legislação de controle de uso e tráfico de entorpecentes determina que ele deve ouvir o Conselho Federal de Entorpecentes quando tiver que tomar decisões deste gênero. (FSP, 11/03/81)

NA TV, AS PROIBIÇÕES PERMANECEM

Segundo o jornal Pasquim (nº 612, de 19 a 25/03/81), as emissoras de rádio e televisão de todo o país foram proibidas de divulgar assuntos relativos à greve da Polícia Militar da Bahia no dia 13 de março, sexta-feira. De acordo com a matéria do Pasquim (na coluna Tivê, de Haroldo Zager), um simples telefonema do Ministério das Comunicações selou a sorte da cobertura que havia sido feita do acontecimento. No sábado, dia 14, os jornais do rádio e TV voltaram a noticiar fatos ligados à greve da PM baiana.

EspecialDOCUMENTO BÁSICO DO IV CICLO

A INTERCOM nomeou uma comissão, composta dos sócios Anamária Fadul, Carlos Eduardo Lins da Silva e Luiz Fernando Santoro, para elaborar o documento básico do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que será realizado em setembro. O trabalho é produzido abaixo para que os sócios da INTERCOM possam iniciar suas reflexões a respeito do tema sobre o qual será desenvolvido o Ciclo. A comissão receberá com simpatia quaisquer críticas ou sugestões que os demais sócios possam ter em relação ao seu trabalho.

COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA E CONTRA-INFORMAÇÃO1. Introdução

O tema escolhido para o IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação tem por objetivo discutir a problemática da comunicação no processo da hegemonia burguesa. Entretanto, não se pretende fazer simplesmente uma descrição do papel dos meios de comunicação na direção de classe, mas também pensar as possibilidades de articulação, com o seu auxílio, da luta por nova hegemonia. Neste sentido, o conceito da contra-informação adquire uma conotação especial.

O encaminhamento que se pretende dar para a discussão do tema parte de uma perspectiva interdisciplinar e aponta para duas direções: a possibilidade de se estabelecer um diálogo entre a teoria dos meios de comunicação e as várias ciências sociais, com ênfase no domínio da teoria política e a possibilidade de se encaminhar as questões propostas do ponto de vista das várias práticas de comunicação.

Portanto, a temática proposta deverá ser examinada a partir de dois eixos fundamentais: o primeiro diz respeito à utilização do conceito de hegemonia no exame da questão cultural (especialmente no que concerne aos meios de comunicação) nos países de capitalismo tardio; o segundo está relacionado com o importante papel que esses meios de comunicação têm desempenhado e poderão vir a desempenhar na construção da ordem hegemônica nestas sociedades.

Colocando a questão em termos mais concretos, o problema a se discutir é se estes meios de comunicação, que têm importante papel no processo hegemônico existente, poderiam também, no estágio atual do desenvolvimento capitalista no Brasil e na fase de transição do autoritarismo para a democracia, auxiliar na luta contra-hegemônica, pensada tanto no interior como fora do sistema de comunicação. Neste momento da vida brasileira, articular a compreensão do papel dos meios de comunicação na sociedade e numa política de emancipação é uma tarefa cada vez mais urgente. É a ela que o IV Ciclo deverá se dedicar.

As dificuldades encontradas neste domínio resultam do fato de que nem o conceito de hegemonia nem o de contra-informação têm sido suficientemente discutidos em nosso país. E isto, não apenas no campo da comunicação, mas também na área da própria teoria política: a maior parte dos textos existentes referem-se quase sempre à problemática dos países altamente desenvolvidos que, sabe-se dificilmente podem ser tomados como paradigmas, pois o desenvolvimento do capitalismo nestas sociedades toma rumos muito diferentes daque-

REVISTAS APREENDIDAS EM SÃO PAULO

Por determinação de Júlio dos Santos, juiz da 17ª Vara Criminal (São Paulo), agentes da polícia apreenderam 300 exemplares das revistas Homem e Privê, edições de março, consideradas pornográficas pelo juiz. O diretor da Idéia Editorial, responsável pelas duas publicações, considerou a decisão absurda, pois ambas contam com a liberação da censura. Para ele, delegacias de bairro não deveriam ter o direito de apreender publicações. (FSP, 12/03/81)

GENSURA LIBERAL COM SEXO E RÍGIDA COM TÓXICOS

Na sua reunião de março, o Conselho de Censura resolveu manter sua postura liberal em relação a conteúdo erótico nos espetáculos de distribuição pública, considerando que esta é uma fase que deverá passar logo. Mas, por outro lado, decidiu ser mais rigoroso no que se refere a cenas com conteúdo que digam respeito ao consumo de tóxicos, principalmente porque a legislação de controle de uso e tráfico de entorpecentes determina que ele deve ouvir o Conselho Federal de Entorpecentes quando tiver que tomar decisões deste gênero. (FSP, 11/03/81)

NA TV, AS PROIBIÇÕES PERMANECEM

Segundo o jornal Pasquim (nº 612, de 19 a 25/03/81), as emissoras de rádio e televisão de todo o país foram proibidas de divulgar assuntos relativos à greve da Polícia Militar da Bahia no dia 13 de março, sexta-feira. De acordo com a matéria do Pasquim (na coluna Tivê, de Haroldo Zager), um simples telefonema do Ministério das Comunicações selou a sorte da cobertura que havia sido feita do acontecimento. No sábado, dia 14, os jornais de rádio e TV voltaram a noticiar fatos ligados à greve da PM baiana.

Especial

DOCUMENTO BÁSICO DO IV CICLO

A INTERCOM nomeou uma comissão, composta dos sócios Anamária Fadul, Carlos Eduardo Lins da Silva e Luiz Fernando Santoro, para elaborar o documento básico do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que será realizado em setembro. O trabalho é produzido abaixo para que os sócios da INTERCOM possam iniciar suas reflexões a respeito do tema sobre o qual será desenvolvido o Ciclo. A comissão receberá com simpatia quaisquer críticas ou sugestões que os demais sócios possam ter em relação ao seu trabalho.

COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA E CONTRA-INFORMAÇÃO

1. Introdução

O tema escolhido para o IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação tem por objetivo discutir a problemática da comunicação no processo da hegemonia burguesa. Entretanto, não se pretende fazer simplesmente uma descrição do papel dos meios de comunicação na direção de classe, mas também pensar as possibilidades de articulação, com o seu auxílio, da luta por nova hegemonia. Neste sentido, o conceito da contra-informação adquire uma conotação especial.

O encaminhamento que se pretende dar para a discussão do tema parte de uma perspectiva interdisciplinar e aponta para duas direções: a possibilidade de se estabelecer um diálogo entre a teoria dos meios de comunicação e as várias ciências sociais, com ênfase no domínio da teoria política e a possibilidade de se encaminhar as questões propostas do ponto de vista das várias práticas de comunicação.

Portanto, a temática proposta deverá ser examinada a partir de dois eixos fundamentais: o primeiro diz respeito à utilização do conceito de hegemonia no exame da questão cultural (especialmente no que concerne aos meios de comunicação) nos países de capitalismo tardio; o segundo está relacionado com o importante papel que esses meios de comunicação têm desempenhado e poderão vir a desempenhar na construção da ordem hegemônica nestas sociedades.

Colocando a questão em termos mais concretos, o problema a se discutir é se estes meios de comunicação, que têm importante papel no processo hegemônico existente, poderiam também, no estágio atual do desenvolvimento capitalista no Brasil e na fase de transição do autoritarismo para a democracia, auxiliar na luta contra-hegemônica, pensada tanto no interior como fora do sistema de comunicação. Neste momento da vida brasileira, articular a compreensão do papel dos meios de comunicação na sociedade e numa política de emancipação é uma tarefa cada vez mais urgente. É a ela que o IV Ciclo deverá se dedicar.

As dificuldades encontradas neste domínio resultam do fato de que nem o conceito de hegemonia nem o de contra-informação têm sido suficientemente discutidos em nosso país. E isto, não apenas no campo da comunicação, mas também na área da própria teoria política: a maior parte dos textos existentes referem-se quase sempre à problemática dos países altamente desenvolvidos que, sabe-se dificilmente podem ser tomados como paradigmas, pois o desenvolvimento do capitalismo nestas sociedades toma rumos muito diferentes daque-

les das sociedades dependentes.

Assim sendo, num primeiro momento, os participantes do IV Ciclo deverão refletir sobre como se deve pensar a questão da hegemonia nos países de capitalismo tardio, para, num segundo momento, introduzir o conceito no campo da comunicação. Quanto ao conceito de contra-informação, a primeira missão é superar a noção que lhe é ligada de prática militar ou para-militar, para, em seguida, situá-lo na nossa realidade contemporânea, identificando suas manifestações na prática da comunicação no País hoje, bem como avaliando sua eventual eficácia.

2. Comunicação e hegemonia

No atual debate sobre a questão da comunicação no Brasil, nota-se claramente a predominância da teoria da Indústria Cultural desenvolvida pela Escola de Frankfurt (especialmente Adorno, Horkheimer e Marcuse) e da teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado desenvolvida por Althusser. O conceito de hegemonia tem sido, em geral, pouco discutido no Brasil e não tem inspirado, com raras exceções¹, teóricos e pesquisadores dos meios de comunicação. A educação talvez seja o domínio do conhecimento em que este conceito tem sido mais utilizado em nosso País².

Os autores estrangeiros que dão destaque ao conceito de hegemonia na teoria marxista não privilegiam a temática dos meios de comunicação em seus estudos³, embora Armand e Michelle Mattelart, em um de seus últimos livros, chamem a atenção para a importância que a contribuição teórica de Gramsci pode ter para o domínio da comunicação, fazendo expressa referência ao conceito de hegemonia ao examinarem a situação dos meios de comunicação no Chile no governo da Unidade Popular⁴.

O conceito de hegemonia, vital para o desenvolvimento do tema do IV Ciclo, tem sido usualmente identificado com a produção teórica de Gramsci. Entretanto, o próprio Gramsci o relaciona com a obra de Lenin: "o princípio teórico-prático da hegemonia... é a maior contribuição teórica de Illich à filosofia da práxis"⁶. Quase todos os intérpretes de pensamento de Gramsci afirmam a importância de sua contribuição não só para o esclarecimento de conceito, como para a ampliação de seu uso, tirando-o do domínio exclusivo da política e remetendo-o para o da cultura em geral.

Embora autores como L. Gruppi afirmem que o conceito de hegemonia é o "ponto de confluência de Gramsci com Lenin"⁶, outros, como P. Togliatti, admitem que é exatamente na questão da hegemonia que há uma diferença, "mas não substancial"⁷, entre os dois autores

De qualquer maneira, sem dúvida, a interpretação do conceito de hegemonia como um conceito-chave na obra de Gramsci justifica-se, na medida em que ele remete a outros conceitos fundamentais de sua filosofia. Como diz M.A. Macchiocchi, "a hegemonia é, portanto, a parte visível do iceberg, que esconde a enorme massa de um corpo teórico-político, representando o resultado de um genial e complexo trabalho intelectual: o conceito de 'bloco histórico', a relação interna que Gramsci faz entre sociedade política e sociedade civil, a definição da natureza do partido revolucionário como 'Príncipe moderno', intérprete de uma vontade coletiva, o papel dos intelectuais enquanto promotores do consenso, em função de sua possibilidade como elemento de ligação"⁸.

A importância da utilização deste conceito na teoria política e cultura contemporânea resulta do fato de que, para Gramsci, não se trata somente de discutir o problema da hegemonia e da luta ideológica ao nível da superestrutura, mas também na sociedade atual, aqui e agora, o que permite pensar as possibilidades de luta contra a hegemonia burguesa⁹.

Na perspectiva de L. Paggi, o conceito de hegemonia é fundamental porque "é apresentado como um exemplo notável de uma tentativa de solução teórica do problema da interpretação da economia da política"¹⁰.

Nos últimos anos, temos assistido a uma utilização crescente deste conceito em diversos domínios do conhecimento nos países altamente industrializados. P. Anderson relaciona exemplos desta utilização, citando, entre outros, Hobsbawm (*A Era do Capital*), Thompson (*Whigs and Hunters*), Gemovese (*Roll Jordan Roll*) e Williams (*Base and Superstructure*)¹¹.

É exatamente Raymond Williams, não apenas no trabalho citado por Anderson, mas principalmente em *Marxismo e Literatura*, o autor que interessa mais de perto aos participantes do IV Ciclo da INTERCON, pois é ele quem mais desenvolve o conceito de hegemonia aplicado ao domínio da cultura, onde, em sua opinião, ele é indispensável¹².

Nesta relação comunicação/hegemonia, o núcleo do debate, portanto, deve girar em torno do exame dos meios de comunicação como instrumentos hegemônicos de classes sociais e de se a luta pela hegemonia passa de forma preferencial pelos meios de comunicação. Em caso afirmativo, a necessidade de se entender as estruturas internas dos meios de comunicação assume relevância como forma de melhor apreender a composição da própria hegemonia numa dada sociedade. Os mecanismos através dos quais os meios são utilizados para a consecução de uma hegemonia também devem ser compreendidos.

Mas, o fundamental é a compreensão de como os meios de comunicação podem ser utilizados para o estabelecimento de uma nova hegemonia, uma contra-hegemonia. É exatamente neste ponto que se introduz o terceiro conceito constituinte do tema deste IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

3. Hegemonia e contra-informação

Partindo do pressuposto de que não existe uma subordinação absoluta de uma classe perante outra, o problema colocado é como se dá a resistência à ordem hegemônica e como se concretiza a possibilidade de instituição de uma nova hegemonia. No nosso caso específico, como esta resistência e esta possibilidade podem ser reforçadas no domínio da comunicação pelo conceito de contra-informação.

Como já foi dito antes, o conceito de contra-informação tem inicialmente uma conotação militar, no campo da espionagem e contra-espionagem. Depois, ele pode ser entendido do ponto de vista das classes dominantes em sociedades capitalistas que se utilizam dos meios de comunicação para disseminar o que Albert Norden chama de "contra-informação imperialista"¹³.

Contudo, o conceito de contra-informação é útil para o IV Ciclo conforme entendido por P. Baldelli, que o compreende como as práticas de comunicação e de militância política que resistem à ordem hegemônica vigente e lutam pela instalação de uma nova hegemonia¹⁴. Isto pode ir desde a "guerrilha receptiva" de Eco (ou seja, o fornecimento de instrumentos ao consumidor para que ele possa fazer uma decodificação crítica das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação) até a utilização marginal dos meios de comunicação (ou seja, a operação clandestina, fora do circuito normal, a criação de meios populares próprios de transmissão de informações), passando pela ocupação dos espaços e brechas deixados nos meios de comunicação como estão constituídos (ou seja, a utilização política do cinema, das canções, do teatro, do jornal, da televisão, conforme as possibilidades oferecidas em cada situação específica).

Enfim, a contra-informação pressupõe um processo que visaria "garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando os espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais"¹⁵.

Como esta contra-informação atua e quanto ela pode ser eficiente: estas são as questões básicas para o IV Ciclo responder. A tentativa de respondê-las será feita através da análise, dentro do referencial teórico apontado anteriormente, de práticas concretas de contra-informação no Brasil contemporâneo.

4. Conclusão

Tendo em vista as questões levantadas, é necessário entender a discussão sobre o tema proposto como uma tentativa de se introduzir no domínio da comunicação uma série de preocupações que tem atraído a atenção de cientistas sociais de outras áreas sobre o atual momento da conjuntura política, econômica e social brasileira. Neste contexto, a inserção do conceito de hegemonia deve funcionar não como uma proposta dogmática de conduzir as discussões, mas como um desafio para se pensar sua pertinência ou não nos estudos sobre a realidade brasileira.

Nessas condições, alguns problemas assumem uma importância fundamental e deverão ser o objeto de debates prioritários no IV Ciclo. Em primeiro lugar, qual o papel dos intelectuais nos processos de hegemonia e contra-informação e, em consequência, quais as possibilidades de sua ação no domínio dos meios de comunicação? Em segundo lugar, qual o papel dos próprios meios de comunicação nesses processos de hegemonia e contra-informação? Finalmente, mas não menos importante, qual o papel das classes trabalhadoras nesses processos?

O IV Ciclo deverá, portanto, examinar não somente as respostas possíveis aos problemas colocados, mas também levantar outros problemas, que surgirão com o aprofundamento da análise do tema proposto.

Notas

1. Ver, por exemplo, os textos de Carlos Eduardo Lins da Silva, "Indústria Cultural e Cultura Brasileira: Pela Utilização do Conceito de Hegemonia Cultural", in Encontros com a Civilização Brasileira 25 (julho de 1980): 167-194, e de Renato Ortiz, "Gramsci: Problemas de Cultura Popular", in A Consciência Fragmentada: Ensaios de Cultura Popular e Religião (Rio: Paz e Terra, 1980).
2. Na área da educação, consulte-se as obras de N.J. Paoli, Ideologia e Hegemonia: As Condições de Produção da Educação (São Paulo: Cortez, 1981) e a antologia organizada por J.C. Durand, Educação e Hegemonia de Classe (Rio: Zahar, 1980), além do texto de A. Broccoli, Antonio Gramsci y La Educación como Hegemonia (México: Nueva Imagen, 1977).
3. Andersons, em seu livro Sur Gramsci faz algumas referências à questão dos media, bem como Althusser, em seu texto Aparelhos Ideológicos de Estado. Contudo, para o primeiro, "a forma fundamental do Estado parlamentar ocidental - a forma jurídica de seus cidadãos - é nela mesma o pivô dos aparelhos ideológicos do

- capitalismo" (p.48). e para o segundo, a Escola é o aparelho ideológico central, não os meios de comunicação.
4. A. e M. Mattelart, De l'Usage des Médias em Temps de Crise (Paris: Alain Moreau, 1979).
 5. A. Gramsci, apud H. Portelli, Gramsci e o Bloco Histórico (Rio: Paz e Terra, 1977), p.61.
 6. L. Gruppi, O Conceito de Hegemonia em Gramsci (Rio: Graal, 1978), p.1.
 7. P. Togliatti, Socialismo e Democracia (Rio: Muro, 1980). p.181.
 8. M.A. Macchiocchi, A Favor de Gramsci (Rio: Paz e Terra, 1976), p.148.
 9. A partir dessa proposta de se refletir sobre as possibilidades de se lutar por uma nova hegemonia ainda dentro dos limites da sociedade atual é que equivocadamente alguns críticos atribuem a Gramsci uma visão reformista, como se a destruição do Estado não fosse, ao mesmo tempo, um objetivo visado por ele.
 10. L. Paggi, "Studi e Interpretazione di Gramsci", in Critica Marxista 3 (1967).
 11. P. Anderson, Sur Gramsci (Paris: Maspero, 1978), p.6.
 12. R. Williams, Marxismo e Literatura (Rio: Zahar, 1979).
 13. A. Norden, A Função Política da Contra-Infomação Imperialista (Lisboa: Estampa, 1978).
 14. P. Baldelli, Informazione e Contro-informazione (Milano: Mazzota, 1972), p.9.
 15. Id., *ibid.*

Bibliografia

- Anderson, P., Sur Gramsci, Paris, Maspero, 1978.
- Baldelli, P., Informazione e Contro-informazione, Milano, Mazzot, 1972.
- Borden, A., A Função Política da Contra-Infomação Imperialista, Lisboa, Estampa, 1978.
- Broccoli, A., Antonio Gramsci y La Educaciôn como Hegemonia, Mexico, Nueva Imagen, 1977.
- Buci-Glucksmann, C., Gramsci y El Estado, Mexico, Siglo XXI, 1978.
- Cadernos do CEDES 3, Educação e Política: Gramsci e o Problema da Hegemonia, 1981.
- Cardoso, F.H., "Regime Político e Mudança Social", in Revista de Cultura e Política 3, 1980: 7-26.
- Cirese, A.M., "Conceptions du Monde, Philosophie Spontanée et Folklore", in Dialectiques 4/5, Paris, 1974.
- Durand, J.C. (Org.), Educação e Hegemonia de Classe, Rio, Zahar, 1980.

- Gedilaghine, V., Os Contestatários na União Soviética, Lisboa, Uliséia, 1975.
- Goldfelder, M., Por Trás das Ondas da Rádio Nacional, Rio, Paz e Terra, 1981.
- Enzensberger, H.M., Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação, Rio, Tempo Brasileiro, 1979.
- Gramsci, A., Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Rio, Civilização Brasileira, 1978.
- Gramsci, A., Maquiavel, a Política e o Estado Moderno, Rio, Civilização Brasileira, 1978.
- Gramsci, A., Concepção Dialética da História, Rio, Civilização Brasileira, 1978.
- Gramsci, A., Gramsci Dans Le Texte, Paris, Editions Sociales, 1975.
- Gramsci, A., Literatura e Vida Nacional, Rio, Civilização Brasileira, 1978.
- Gruppi, L., O Conceito de Hegemonia em Gramsci, Rio, Graal, 1978.
- Hall, S., Sunley B., et. alii. "Política e Ideologia", in Da Ideologia, Rio: Zahar, 1980.
- Hobsbawn, E.J., A Era do Capital: 1848-1875, Rio, Paz e Terra, 1979.
- Innocentini, M., O Conceito de Hegemonia em Gramsci, São Paulo, Tecnos, 1979.
- Joll, J., As Idéias de Gramsci, São Paulo, Cultrix, 1979.
- Lins da Silva, C.E., "Indústria Cultural e Cultura Brasileira: Pela Utilização do Conceito de Hegemonia Cultural", in Encontros com a Civilização Brasileira 25 (julho, 1980).
- Lutzenberger, B. et alii., Cultura, Comunicación y Lucha de Clases, Mexico, Nueva Imagen, 1978.
- Macchiocchi, M.A., A Favor de Gramsci, Rio, Paz e Terra, 1978.
- Mader, W. et alii., Anticomunismo de Hoje, Venda Nova (Portugal), M.R. Xavier, 1974.
- Mattelart, A. e M., De l'Usage des Médias em Temps de Crise, Paris, Alain Moreau, 1979.
- Medias: Pouvoir et Contre-Pouvoir, Politique Aujourd'hui 3/4 (1979).
- Norden, A., A Função Política da Contra-Infomação Imperialista, Lisboa, Estampa, 1978.
- Ortiz, R., A Consciência Fragmentada: Ensaio de Cultura Popular e Religião, Rio, Paz e Terra, 1980.
- Paggi, L., "Studi e Interpretazione di Gramsci", in Critica Marxista 3 (1967).
- Paoli, N.J., Ideologia e Hegemonia: As Condições de Produção da Educação, São Paulo, Cortez, 1981.
- Portelli, H., Gramsci e o Bloco Histórico, Rio, Paz e Terra, 1977.
- Rouanet, S.P., Imaginário e Dominação, Rio, Tempo Brasileiro, 1978.

- Santos, J.A., "Gramsci: Ideologia, Intelectuais Orgânicos e Hegemonia", in Temas 9 (1980).
- Semidei, M., Os Contestatários nos Estados Unidos, Lisboa, Ulissêa, 1975.
- Togliatti, P., Socialismo, Rio: Muro, 1980
- Thibaudeau, J., "Premières Notes sur les Écrits de Prison de Gramsci por Placer la Littérature dan la Théorie Marxiste", in Dialctiques 4/5 (1974)
- Tragtenberg, M., "Comunicação, Repressão e Contra-Infomação", in Escritos sobre Educação, Sindicalismo e Política, São Paulo, Cortez, a ser publicado.
- Williams, R., Marxismo e Literatura, Rio, Zahar, 1979.

Documento

MANIFESTO EM DEFESA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO

Foi lançado em São Paulo, no dia 16 de abril, o Movimento em Defesa dos cursos de Comunicação - EMDECOM, com adesão inicial de 18 entidades ligadas ao ensino, ao estudo e à profissionalização da comunicação. Entre as entidades que apolam o EMDECOM estão a UCBC, a INTERCOM, o ENECOM, a UEE-SP, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, além dos diretórios acadêmicos e associações docentes de várias escolas. Transcrevemos, a seguir, o Manifesto Em Defesa dos Cursos de Comunicação, assinado por docentes das diversas escolas de comunicação do Estado de São Paulo:

" O Conselho Federal de Educação está fazendo chegar às escolas, empresas e sindicatos ligados à área de Comunicação Social, um questionário com o objetivo de, até o próximo mês de junho, realizar um levantamento que lhe permita avaliar a necessidade ou não de se fechar os cursos de graduação em Comunicação e, no caso de se decidir pela sua continuidade, que rumos lhes imprimir.

Não é novidade o interesse de diversos setores em ver extintos os cursos de Comunicação. Conselheiros do CFE, editoriais de jornais da grande imprensa, diversos profissionais já expuseram pontos de vista neste sentido em várias oportunidades, alicerçando seus argumentos com base na eventual fragilidade do ensino de Comunicação.

Por outro lado, não é menor o número de professores, estudantes e profissionais de Comunicação que, embora reconhecendo deficiências nos atuais cursos de graduação desta área, julgam imprescindível a sua preservação para que se possa ter a possibilidade de formar profissionais mais competentes e se impedir o aviltamento do mercado de trabalho.

A constatação de dificuldades em processos educacionais não tem como melhor solução a eliminação dos processos. É mais ou menos isso o que pretendem os defensores da extinção dos cursos de Comunicação. Baseando-se em problemas que, muitas vezes, são endêmicos à própria Universidade Brasileira, e não exclusivos de nossos cursos, desejam pôr termo a um ramo do conhecimento acadêmico que ainda está se estabelecendo como campo autônomo de estudos e que, justamente agora, começa a colher os primeiros frutos positivos de sua curta existência, na forma de trabalhos sérios e da maior qualidade a respeito de problemas de Comunicação no Brasil contemporâneo.

Nós, professores de escolas de Comunicação no Estado de São Paulo, temos sentido a preocupação de diversos companheiros, de estudantes e de profissionais em relação a este assunto. E, julgando interpretar esta preocupação, convocamos uma reunião aberta para o próximo dia 16 de abril, quinta-feira, às 9 horas da manhã, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, à Rua Augusta, 555, sobreloja, em São Paulo, para o lançamento do Movimento de Defesa dos Cursos de Comunicação.

É de maior importância que o Conselho Federal de Educação, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, tomem conhecimento de que professores, estudantes e profissionais de Comunicação estão dispostos a defender a manutenção dos cursos, escudados numa prática de alguns anos que, apesar de imperfeita, já tem contribuído para uma compreensão mais correta de realidade de nosso País e ajudado a fortalecer laços de união entre membros de categorias profissionais específicas, com isso colaborando na conquista de garantias mínimas para os trabalhadores da indústria cultural brasileira.

Estas conquistas, teóricas e profissionais, estão ameaçadas com a possibilidade de extinção dos cursos de Comunicação. É claro que eles precisam ser melhorados. E muito. Somos os primeiros a reconhecer seus defeitos. Mas acreditamos que a solução está na adesão de todos os participantes do processo de Comunicação Social à luta por sua melhoria. Com certeza, não teremos melhores comunicadores fechando

- Santos, J.A., "Gramsci: Ideologia, Intelectuais Orgânicos e Hegemonia", in Temas 9 (1980).
- Semlde, M., Os Contestatários nos Estados Unidos, Lisboa, Ulisséa, 1975.
- Togliatti, P., Socialismo, Rio: Muro, 1980
- Thibaudeau, J., "Premières Notes sur les Écrits de Prison de Gramsci par Placer la Littérature dan la Théorie Marxiste", in Dialctiques 4/5 (1974)
- Tragtenberg, M., "Comunicação, Repressão e Contra-Infomação", in Escritos sobre Educação, Sindicalismo e Política, São Paulo, Cortez, a ser publicado.
- Williams, R., Marxismo e Literatura, Rio, Zahar, 1979.

Documento

MANIFESTO EM DEFESA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO

Foi lançado em São Paulo, no dia 16 de abril, o Movimento em Defesa dos cursos de Comunicação - EMDECOM, com adesão inicial de 18 entidades ligadas ao ensino, ao estudo e à profissionalização da comunicação. Entre as entidades que apolam o EMDECOM estão a UCBC, a INTERCOM, o ENECOM, a UEE-SP, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, além dos diretórios acadêmicos e associações docentes de várias escolas. Transcrevemos, a seguir, o Manifesto Em Defesa dos Cursos de Comunicação, assinado por docentes das diversas escolas de comunicação do Estado de São Paulo:

" O Conselho Federal de Educação está fazendo chegar às escolas, empresas e sindicatos ligados à área de Comunicação Social, um questionário com o objetivo de, até o próximo mês de junho, realizar um levantamento que lhe permita avaliar a necessidade ou não de se fechar os cursos de graduação em Comunicação e, no caso de se decidir pela sua continuidade, que rumos lhes imprimir.

Não é novidade o interesse de diversos setores em ver extintos os cursos de Comunicação. Conselheiros do CFE, editoriais de jornais da grande imprensa, diversos profissionais já expuseram pontos de vista neste sentido em várias oportunidades, alicerçando seus argumentos com base na eventual fragilidade do ensino de Comunicação.

Por outro lado, não é menor o número de professores, estudantes e profissionais de Comunicação que, embora reconhecendo deficiências nos atuais cursos de graduação desta área, julgam imprescindível a sua preservação para que se possa ter a possibilidade de formar profissionais mais competentes e se impedir o aviltamento do mercado de trabalho.

A constatação de dificuldades em processos educacionais não tem como melhor solução a eliminação dos processos. É mais ou menos isso o que pretendem os defensores da extinção dos cursos de Comunicação. Baseando-se em problemas que, muitas vezes, são endêmicos à própria Universidade Brasileira, e não exclusivos de nossos cursos, desejam pôr termo a um ramo do conhecimento acadêmico que ainda está se estabelecendo como campo autônomo de estudos e que, justamente agora, começa a colher os primeiros frutos positivos de sua curta existência, na forma de trabalhos sérios e da maior qualidade a respeito de problemas de Comunicação no Brasil contemporâneo.

Nós, professores de escolas de Comunicação no Estado de São Paulo, temos sentido a preocupação de diversos companheiros, de estudantes e de profissionais em relação a este assunto. E, julgando interpretar esta preocupação, convocamos uma reunião aberta para o próximo dia 16 de abril, quinta-feira, às 9 horas da manhã, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, à Rua Augusta, 555, sobreloja, em São Paulo, para o lançamento do Movimento de Defesa dos Cursos de Comunicação.

É de maior importância que o Conselho Federal de Educação, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, tomem conhecimento de que professores, estudantes e profissionais de Comunicação estão dispostos a defender a manutenção dos cursos, escudados numa prática de alguns anos que, apesar de imperfeita, já tem contribuído para uma compreensão mais correta de realidade de nosso País e ajudado a fortalecer laços de união entre membros de categorias profissionais específicas, com isso colaborando na conquista de garantias mínimas para os trabalhadores da indústria cultural brasileira.

Estas conquistas, teóricas e profissionais, estão ameaçadas com a possibilidade de extinção dos cursos de Comunicação. É claro que eles precisam ser melhorados. E muito. Somos os primeiros a reconhecer seus defeitos. Mas acreditamos que a solução está na adesão de todos os participantes do processo de Comunicação Social à luta por sua melhoria. Com certeza, não teremos melhores comunicadores fechando

do os cursos que deveriam formá-los.

Portanto, convocamos os professores, estudantes e profissionais, que acreditam nos cursos de Comunicação para que compareçam à reunião do dia 16 de abril, às 9 horas, na sede da ABI em São Paulo, quando serão traçadas as linhas de atuação do Movimento de Defesa dos Cursos de Comunicação.

PELA MANUTENÇÃO DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO,
NA PERSPECTIVA DE UM NOVO ENSINO

São Paulo, 7 de abril de 1981

Anamaria Fadul (ECA/USP)

Antonio Cerveira de Moura (Hogi)

Armando Gonzalez Azzari (Metodista/SBC)

Carlos Eduardo Lins da Silva (Santos)

Francisco Gaudêncio Torquato do Rêgo (Cáster Líbero)

Laurindo Leal Filho (PUC/SP)

Roberto Peres de Queiroz e Silva (Ribeirão Preto)

Rogério Bastos Cadengue (OSEC)

Sebastião Carlos Esquirra (FIAM)

BOLETIM INTERCOM

Ano IV, nº 29

Abril, 1981

Editor: Carlos Eduardo Lins da Silva

Redatores: J.S. Faro

 José Marques de Melo

 Ricardo Rosado de Holanda

 Roberto Peres de Queiroz e Silva

 Rogério Cadengue

Capa: Jorge Salim

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE
COMUNICAÇÃO

N.º 3

Inventário das obras publicadas no Brasil, no biênio 1979/1980, sobre *comunicação social*. Além das referências bibliográficas, há resumo (abstract) do conteúdo de cada um dos títulos registrados.

O levantamento inclui áreas específicas tais como: artes gráficas, cinema, documentação, jornalismo, rádio, televisão, relações públicas, publicidade e propaganda, comunicação religiosa, comunicação rural, comunicação educativa, quadrinhos, fotografia, folkcomunicação, cultura de massa etc.

Obra útil para os professores e estudantes dos cursos de comunicação e indispensável às bibliotecas universitárias.

Co-edição: INTERCOM/Instituto Metodista de Ensino Superior – ECA/USP.

Pedidos para: Rua Augusta, 555 – sobreloja
01305 São Paulo — SP